



CÉU EM FOGO



Mário de Sá-Carneiro



CÉU EM FOGO



Mário de Sá-Carneiro

Céu em Fogo

Mário de Sá-Carneiro



Projecto Adamastor

Ficha Técnica

Título: Céu em Fogo

Autor: Mário de Sá-Carneiro

Data Original de Publicação: 1915

Data de Publicação do eBook: 2016

Capa: Ana Ferreira

Imagem de Capa: *A Boulevard in Paris*, de Konstantin Korovin

Revisão: Cláudia Amorim e Ricardo Lourenço

ISBN: 978-989-8698-46-9

Esta obra foi revista segundo o Acordo Ortográfico de 1945, com base numa reprodução do original. Como suporte, recorreu-se à edição da [Bibliotrónica Portuguesa](#), que gentilmente autorizou a utilização da mesma.



Este trabalho foi licenciado com uma [Licença Creative Commons - Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](#).

Índice

A Grande Sombra

Mistério

O Homem dos Sonhos

Asas

Eu-Próprio o Outro

A Estranha Morte do Prof. Antena

O Fixador de Instantes

Resurreição

«Qu'importe que ce soit une maladie, une tension anormale, si le résultat même, tel que, revenu à la santé, je me le rappelle et l'analyse, renferme au plus haut degré l'harmonie et la beauté...»

Dostoievski — *L'Idiot* (Parte 2.^a, cap. V)
(Tradução de Victor Dérely)

A GRANDE SOMBRA

a Fernando Pessoa

Le Prince d'Aquitaine à la tour abolie
GÉRARD DE NERVAL

I

Dezembro de 1905.

— O Mistério...

Oh! desde a infância esta obsessão me perturba — o seu encanto me esvai...

No grande quarto onde eu dormia receava longas horas antes de adormecer, no ondular da luz indecisa da lamparina de azeite que deixavam sobre o toucador. Temia que as sombras de súbito transviassem, animando-se — e monstros, monstros de bruma, corressem sobre mim aos esgares, arrepanhando-me...

Horas longes, porém, de medo infantil — só vos posso recordar em saudade. É que então, se sofria, a minha febre era já a cores — voluptuosidade arraiada também. E assim, quantas horas até, durante o dia, lasso dos brinquedos sempre iguais, eu ansiava a noite, sinuosamente, para latejar a ela os meus receios prateados...

As grandes casas às escuras onde nunca entrara e que, no entanto, bem conhecia de as percorrer iluminadas — eu, do meu leito, imaginava-as, criava-as agora no silêncio e na treva, fantásticas: terrificantes e maravilhosas. Pensava: «Oh! a glória de passear nelas por esta solidão, de tactear o que haverá dentro delas!...» E vinham-me ideias de, sorratamente, descalço, para as criadas não sentirem, erguer-me da minha pequena cama branca de taipais e partir a visitá-las... Mas era mais forte do que a ânsia o meu pavor... Escondia a cabeça debaixo dos lençóis, mesmo de Verão, até que adormecia esquecido, fundamente...

— As grandes casas às escuras... Ainda hoje não sei entrar nelas tranquilo... E evito sempre percorrê-las...

De mais a minha inteligência sabe coisa alguma de espectral existir aí — mágicas vibrações, indícios nenhuns de sortilégio ondular ao redor... Mas receio sempre... E lembram-me fantasmas... triângulos frios... espadas nuas... listas de fogo doutras cores...

Tremo e vacilo. Retrocedo...

A sumptuosidade inigualável do mistério!...

Sim! Desde criança adivinhei que a única forma de volver rutilante uma vida, e bela, verdadeiramente bela em ameias a marfim e ouro — seria lograr referi-la ao mistério, incluí-la nele... Mas como, meu Deus, como?...

Procurando, descendo bem as trevas, acumulando imperialmente enigma sobre enigma. Oh... de balde, de balde, até hoje, tenho buscado segredos para ungir com eles a minha existência — imortalizá-la de Sombra... À minha volta é tudo bem certo, mais do que certo, real sem remédio... Só a minha imaginação vence ainda tremular mistérios — mistérios porém de fumo; quebrantos a vago, lendários... E a luz sempre sobre mim, a luz — certeza tosca, material...

Também já na infância, de resto, era assim em verdade. Só em fantasia me amedrontava, só com ela ia achar um enlevo delicioso e inquieto nos alçapões, nos subterrâneos (se me falavam dalgum palácio antigo) e nas pontes, nos zimbórios, nos grandes arcos — bem como já me passavam às vezes, em calafrios, vagas reminiscências de aquedutos negros, que eu nunca vira, decerto.

Mas havia sobretudo no prédio da nossa quinta um sótão inexplicável que durante os anos da minha infância foi para mim o centro de todo um mundo misterioso.

Esse sótão — ao que uma só vez vagamente entrevira — não tinha sobrado. Era, concluo hoje, apenas um desvão entre o telhado e o forro da casa — sendo um corpo do edifício mais alto do que o outro. De longe a longe os criados vinham limpá-lo, creio. Deixar-me-iam entrar, talvez — mas não o tentei nunca, com medo: e percebo agora que o meu receio era apenas de o ficar conhecendo realmente, e assim perder aos meus olhos todo o seu encanto.

Ah! mas as vezes que eu subia até à sua porta, a escutar... Pelas frestas o

vento entrava redemoinhando; de espaço a espaço o vigamento rangia — e tudo isso se transtornava na minha imaginação em bater de asas negras, arrastar de correntes... crepitar de ossos, quem sabe... Certo dia a minha coragem foi até entreabrir a porta... Lá dentro, penumbra densa — entanto, um raio de sol da tarde, coando-se por uma fresta, iluminava em mágicas palpitações um halo de poeira multicolor... Assombrado, cego da maravilha, fechei a porta no mesmo instante — fugi...

Comecei então pensando, às noites, antes de adormecer, largas horas nesse sótão que, mais do que nunca, se me vovera um mundo bizarro, desconhecido, alucinante. E criava nele, em verdade criava, toda uma vida... Fantasiava-lhe — sim — os seus bosques, os seus rios e pontes, as suas montanhas, os seus oceanos, as suas povoações, os seus habitantes... As florestas, via-as de algodão em rama, policromas, com lantejoulas, como os brinquedos de Árvore do Natal; seriam de água as montanhas; os rios de pedras preciosas, e, sobre eles, em arcos de luar, grandes pontes de estrelas. A humanidade que habitaria o meu país, suscitava-a de anões disformes, anafados, picarescos, mas de olhos cor de violeta — e sugeria lá também toda uma fauna de animais estrambóticos, inexprimíveis: pássaros sem cabeça, coelhos com asas, peixes de juba, borboletas que fossem flores, nascessem da terra... O rei desta nação, não sei porquê, parecia-me, acreditava seguramente, que era uma grande formiga multicolor — e ratos dourados com asas de prata os fidalgos da sua corte. Só o povo homúnculos ridículos...

De resto, todo este mundo da minha imaginação infantil me pululava dentro do sótão num conjunto misterioso — indistinto, *difuso*, entrecruzado, impossível de destrinçar: era mar onde era também cidade; havia palácios reais ao mesmo tempo florestas. Coisa mais caprichosa: nesse mundo tudo existia variegado mas, simultaneamente, tudo era cinzento! Sim, eu via as árvores de algodão em rama, umas brancas, outras roxas ou azuis, escarlates ou cor de laranja — e os olhos violeta dos anões, os vassalos ratos dourados, el-rei a grande formiga multicolor — e rios arco-íris de jóias; montanhas cristalinas, aniladas. Entretanto, surgindo-me tudo assim, numa infinidade de tons, eu não podia deixar de o ver também uniformemente a gris!...

Ah! a imaginação das crianças... onde achar outra mais bela, mais inquietadora, que melhor saiba frisar o impossível?... Ela é sem dúvida, pelo menos, a mais apta a converter pavor, a refugiar vislumbres. Porque nessa

época ondulante da vida é-se apenas fantasia, crédula fantasia. Vem depois o raciocínio, a lucidez, a *desconfiança* — e tudo se esvai... Só nos resta a certeza — a desilusão sem remédio...

Eis pelo que a hora mais Além, a hora mais perturbadora da minha vida, a vivi nos oito anos.

Estávamos na nossa quinta.

Eu não me atrevera nunca a passear de noite, sozinho, pelas ruas areadas, orladas de buxo, tão aprazíveis e campestres, em que de dia, bem afoito, brincava correndo afogueado. Mas, do grande pátio junto da cozinha, eu olhava-as, em frente de mim, sonhando descobri-las, nocturnamente, numa viagem maravilhosa. Porque, em verdade, de noite, a minha quinta devia ser mágica... Gnomos a percorreriam às cabriolas, e elfos; nos grandes tanques, ao luar, se banhariam fadas, e pelos assentos de azulejo — oh, sem dúvida! — toda uma figuração de príncipes e rainhas encantadas se assentaria devaneando... Depois, que medo não havia de fazer, lá em baixo, sob a noqueira secular, junto do poço — à borda do qual, talvez, mouras de sortilégio, todas nuas, assomassem... esquivas...

De olhos fascinados, sim, eu sonhava tudo isto, de olhos perdidos — mas trémulo, não ousando nunca afastar-me alguns passos de ao pé da cozinha, onde havia luz e a criadagem falaceava... Sonhava ainda investigando sempre a noite, sonolento, com um livro de estampas esquecido sobre os joelhos... e o meu olhar perdia-se mais uma vez no laranjal que se adivinhava perto, numa penumbra esbatida, e em que eu, à força de ilusão, distinguia, conseguia realmente distinguir, os frutos rutilantes — volvidos agora, de milagre, áureos pomos de encantamento...

Algumas vezes, com o caseiro, percorrera já, era certo, as ruas da quinta, à noite. Mas isso, claramente, nada significava: acompanhar-me alguém fazia esvair todo o quebranto. Só aos meus olhos de criança solitária — de mais sabia eu — esse mundo mágico se revelaria...

Embalde continuava pois sonhando, numa sofreguidão de me evadir nas trevas — sempre acorrentado pelo pavor...

Até que uma noite — não sei como foi — de súbito, decidi-me: fechei os olhos, e, numa carreira louca, afastei-me...

Abri-os só depois de assim haver corrido alguns minutos, para ter a

certeza de já não recuar... E largo tempo, numa febre de medo, a ranger de mistério, voguei pela sombra...

Meu Deus, é-me impossível dizer toda a beleza, toda a maravilha que vivi então!... Dava-me asas o próprio terror — matava-me e deliciava-me... Que cenário de quimeras!...

Na noite, entre a escuridão, ao longe, os lugares bem conhecidos — os pomares, os vinhedos, os eirados, os jardins — surgiam apavorantes, noutros contornos... As ruas, ladeavam-nas os monstros de bruma verde em que o buxo se convertera — monstros aliás jocosos, bonacheirões, em esgares torcidos de polichinelo... e eram soldados hirtos, alvejando, os pilares das parreiras: soldados de barretina, alguns, fumando cachimbos onde fingiam brasas os pirilampos que esvoavam próximo...

Tudo sombra, sombra vacilante, enfim, ao meu redor, a modificar subtilmente, constantemente, a paisagem nocturna...

Rumorejavam segredo as árvores — sabbats talvez de feiticeiras as suas sombras, tão arrepanhado e seco o crepitar agora dos ramos entre o vento...

(Ah! mas aquele vento, na noite, através dos canaviais, não o sentia eu como o vento do dia... Era por força qualquer outro fluido. Parecia-me, no seu estranho sibilar velado, como que um *espectro do vento* — um espectro temível, *grasnado*, de ecos mortos...)

Os tanques reflectiam negrume apenas, porque a noite era escura, sem luar nem estrelas: tanques de alcatrão, dir-se-ia, hediondos — mas a frescura que ressumavam dissipava este medo: e sobre a água, em verdade, olhando bem, mil formas de fantasia, indefinidas, talhadas numa névoa translúcida, anilada, quase invisível, esvoaçavam capricho e mistério...

E eu corria sempre...

No jardim, as rosas eram encantamentos mais suaves. Entanto, ao meio, o alecrim do Norte, copado, circular, vovera-se num bonzo chinês, espapaçado, cruzando os membros venerandamente... Os lírios, campainhas de torre de marfim...

... Debruçava-me agora sobre um poço... Em ruídos húmidos, longas asas negras, desconhecidas, roçaram-me o rosto... Então o meu pavor foi uma agonia...

Ainda vi ao longe uma grande forma secreta, fulva talvez, crescer sobre mim...

Depois não sei o que se passou... Encontrei-me de novo, boquiaberto, sentado no banco da casa do arco, junto da cozinha, com o mesmo livro de estampas sobre os joelhos... Lambia-me as mãos, docemente, o meu companheiro preferido — o canzarrão amarelo do caseiro que eu atrelava aos meus carros...

Sim! sim! Até hoje foram estes os maiores instantes que vivi. Nunca logrei, a mais densa ilusão, embrenhar-me de Sombra, incluir-me em Segredo... Ah! mas, às noites seguintes, como se encapelaram os meus pavores!... Ruivamente, acordava muita vez chorando, a debater-me em crises de acerados histerismos...

E foi então que sonhei pela primeira vez — outra das minhas reminiscências cintilantes.

Com efeito, uma manhã, ao despertar, bem seguro me lembrei que — não sabia aonde, mas nessa noite — certa rainha de brocado me tivera ao colo, me abrira os seus cofres de pedrarias, me desenestrara as suas tranças, longas d'ouro, para eu coar entre elas os meus dedos febris, a refrescá-los...

A Princesa não pudera existir no meu quarto, mesmo da noite — e eu não saíra do meu quarto... Entanto falara-lhe, vira-a bem... Aonde? Aonde?... Lembravam-me quase as suas feições... a sua boca de pérolas... seus gestos-flores... Havia paredes de névoa em torno aos meus olhos...

Por fim, cheio de vergonha, contei tudo às criadas.

Mas distraidamente, as criadas só me responderam:

— Ora... Isso foi um sonho...

Um sonho...

Todo esse dia — nunca mais me esqueci — passei-o a reviver o lindo mistério... a rainha de mágica: e os seus anéis, os seus colares, o brilho roçagante do seu traje, as suas madeixas desprendidas... amoroso dela, quem sabe — mas, acima de tudo, orgulhoso de ter sonhado pela primeira vez: *de saber sonhar*, pois não podia crer que a todos acontecesse o mesmo, tamanha glória...

Depois, nunca me tornei a *enganar*... Por isso recordo a minha infância em admiradas saudades...

Embora toda a minha Arte se fixe em Mistério, cingidamente — jamais me nimbo de Além. Terei deixado sombra — pode ser — sombra diademada, nos meus livros: sombra de artifício, porém; sombra imóvel, sombra morta, que me não vibra: que eu crio, mas que não me envolve; que só projecto de requinte.

E cada noite, mais saudoso, mais humilde, volvo às recordações infantis — silenciosas: ao meu passeio nocturno, de milagre; ao meu sótão de fantasia... e às largas horas também que, do meu leito, olhos cerrados, às manhãs de sol, contemplava na transparência das pálpebras — caleidoscópico de ilusão — os discos, as flechas, as garras, os laços, as estrelas, os crescentes multicolores que se engastavam numa penumbra vermelha, cintilando a mosqueá-la em rodopio...

Como toda essa riqueza vai longe! Como fui grande!... Então receava os campanários das igrejas, sombriamente... se havia torreões num palácio, só acreditava neles com princesas nuas, lá dentro, ceando frutas acres... e temia sobre as tapeçarias espessas... vinham-me calafrios defronte dos reposteiros pesados, de veludos quentes...

De resto, ainda hoje não perdi o medo *do que pode haver para lá de um reposteiro* — bem como ainda, de longe, me perturbam os tapetes da Pérsia, os panos de Arrás, os grandes lustres apagados, os espelhos mortos, nos paços antigos...

Mas tudo embalde, e tão incerto...

Oh! que ânsia leonina de me abismar na Sombra — e vivê-la! Vivê-la!...

II

Janeiro 1906.

Grifado quebranto... Na minha atracção de Mistério freme densamente qualquer coisa de sexual... Se tanto o sonho e o visiono, o ergo em anseio perdido — é numa sensualidade esguia, dimanante e delgada: em crispado.

Sim; como as lembranças aquáticas, o fogo e os corpos nus — as sensações de Segredo, ou reais ou evocadas, arrepiam-me êxtases fluidos, perversos de oiro...

Bem sei... É que, para mim, tudo quanto me impressiona se volveu sexualizado — e em sexo apenas o oscilo, o desejo e o soffro... Eis pelo que sempre cataloguei, excitantemente e a par, os corpos nus, esplêndidos; as cidades tumultuosas de Europa — os perfumes e os teatros rutilantes, atapetados a roxo — as paisagens de água, ao luar — os cafés de ruído, os restaurantes de noite, as longas viagens — o murmúrio contemporâneo das fábricas, das grandes oficinas — a loucura e as bebidas geladas — certas flores, como as violetas e as camélias — certos frutos, como o ananás... e os morangos, na sua acidez toda nua, de caprichos afilados.

Olho para trás de mim às horas silenciosas e evoco todos os personagens da minha vida... os raros corpos de acaso que possuí, *por os desconhecer...* e mesmo aquelas pessoas, ignoradas, que só um instante cruzaram a minha existência...

— Mas não será a mais bela a recordação destas últimas — e a mais secreta?... Uma noite, em Paris, no restaurante, sentou-se, por exemplo, em minha face, qualquer rapariga que, à sobremesa, me perguntou o nome

francês do doce que eu comia... Falámos alguns minutos, depois. Era russa, de Moscovo... E eu dum país distante, ao ocidente, perdido em aventura... Despedimo-nos sem sabermos os nossos nomes... Não nos tornámos a ver.

Fosse como fosse, porém, as nossas vidas, tão longínquas, tão diversas — tinham-se tocado um segundo, vivido juntas um instante... quem sabe se no cumprimento dum destino insofismável...

Ah! como ao lembrar-me destas pequeninas coisas, me sinto orgulhoso — porque lhes sei encontrar a sua significação íntima, perturbadora, velada de sombrio...

E assim vou suscitando todos os meus abraços, todos os meus encontros fortuitos: todos aqueles, em suma, com quem um dia, em qualquer cenário, troquei uma palavra — os próprios transeuntes, é verdade, que apenas me perguntaram por uma rua... Evoco-os, e sinto beleza — beleza enclavinada numa ideia subtil de medo a sacudir-me... Pois quem eram, ah! quem seriam todos esses estranhos que, enfim, têm desempenhado, têm dialogado a minha vida?...

Meu Deus, meu Deus, quanta sombra!...

À beira de que catástrofes terei fugazmente seguido?... se eu terei falado minutos a grandes criminosos indo para o seu crime essa noite?... a grandes desgraçados, nas horas culminantes talvez duma existência perdida...

E ocorrem-me até rostos de criaturas que apenas fitei de longe, vagamente — mas que, por alguma coisa de subtil, nunca mais olvidei. Assim a mulher fulva da Ponte de Rialto... e o homem pálido, solitário, uma noite, no Mónaco, com o laço vermelho...

— Crescei, crescei sobre mim, de miragens... resvalai em teorias fantásticas, todos os comparsas da minha vida!... Fazei-me tremer, ranger de pavor e sortilégio, até que num esforço me erga — esbraceje a dissipar-vos!...

Podiam ser estas, ainda, horas bordadas que eu freuisse...

Mas em vão... em vão... Não se animam as imagens...

Entretanto não soube nunca guardar um segredo...

Com efeito se algum amigo me conta, lealmente, segredos da sua vida — o meu orgulho sobe tão alto *por conhecer o que os outros ignoram* que logo

os divulgo a qualquer: ponho termo ao mistério que me foi confiado, a demonstrar-me assim, em glória inútil, que sou maior do que ele visto que o posso desmoronar...

De resto, enquanto assim procedo, se me sobem ternuras por alguma criaturinha gentil, franzina e aguda — todo o meu desejo é de emprestar um pouco de enigma a essa vida banal, pequenina... Eis como, debalde, a quanta pobre rapariga que eu nunca tive, enviei cartas de fantasia, e flores, telegramas — livros meus, se era no estrangeiro...

III

Março 1906.

Vibrantemente o futuro me agita também, pois é dos segredos totais.

Noites sem fim — inquietantes, zebreadas, multiformes — me perco, esvaecido, entressonhando amanhã episódios da minha vida: as futuras personagens da minha existência... os heróis futuros das minhas novelas ainda não projectadas...

E lembro-me que tudo isso existe já — *porque há-de existir forçosamente*. Por isso me enredo a supô-lo...

Impossível! impossível!

Só me resta esperá-lo...

Oh! como eu quisera possuir, *de hoje*, as minhas amantes futuras — não suscitadas por fantasia, com formas e rostos imaginários — apenas a sua ideia: translucidamente, imponderavelmente... talhadas em desconhecido, por insinuações nebulosas, latejantes de Auréola...

— Poder, poder sugar um dia — enfim! — o gosto roxo e macerado do Mistério!..

IV

Maio 1906.

— O movimento... as viagens...

Outra voluptuosidade de capitoso enigma... Pois sempre me assombrou estar hoje aqui, na minha terra medíocre, nesta cidade ocidental, ao sul da Europa — e em cinco dias (poucas horas) poder chegar, no norte, à capital do Império sombrio e denso da minha nostalgia roçagante...

Depois de vagabundear incerto algum tempo por outros países, esqueço-me de quem sou, quase — não mo relembrando nem a atmosfera, nem o cenário... tão pouco as personagens que me cercam... Duvido se serei eu próprio — convenço-me de que o não sou... Nunca pude crer que fôssemos totais: o meio que nos envolve, é também um pouco de nós, seguramente. Logo devemos variar em alma (e em corpo até, quem sabe) segundo os países que habitamos.

Por isso receio muito quando alguém que estimo se afasta de mim, com o pavor do seu regresso — e ao esperar na estação um amigo após uma ausência de alguns meses, um grande enleio me assalta diante dele, titubeando, sem já o poder tratar por *tu* como fazia dantes...

Viajo, viajo, erradamente... Assim me modifico, em fantasia pelo menos — me subtilizo em laivos de Mistério...

E nos grandes cafés d'Europa, mais frisantemente, os meus olhos detêm-se naquela linda mulher de luxo que, aborrecida em face do seu cálice, espera — à tarde — por um amante, sem dúvida... Olho-a... Insensivelmente vou compondo a sua vida... Engalano-a, poetizo-a; dramatizo-a conforme o seu rosto — e o brilho dos seus olhos, a curva da sua boca maquilhada, o tom dos seus cabelos... Uma vida, para mim, foi sempre função de todo um perfil...

encontro desfechos apropriados a cada beleza — detalhes que só podem ser vividos por certos olhos, certas mãos, certos sorrisos...

Segue todo o enredo... A matiz, todo o seu passado é sugerido... até que o amante chega, por último... ou não chega, pois nem seria esperado, talvez...

Mas a estrangeira levanta-se, sai... Sigo-a ainda com a vista até desaparecer... e fico tão feliz... tão feliz... tão lisonjeiramente feliz... Mais feliz do que se fosse o seu amante — *o amante mesmo que não chegou* — porque então conhecê-la-ia toda: não poderia criar uma vida à sombra daqueles olhos, uma vida de acordo com esses gestos...

Glória marchetada! Sem ela duvidar, sem mo permitir, eu entrei, entrei em verdade, na sua existência — porque no meu mundo interior A incluí, imaginando-a suavemente...

São estas frivolidades os mais íntimos prazeres da minha alma. Por isso viajo alheamento, me perco à busca... E acima de tudo quero à noite dourada em que descobri para um bairro aristocrático de não sei que capital, alta noite, um automóvel de milionários, cintilante, esperando em frente dum palácio. Detive-me... Após momentos abriu-se o portão brasonado... Subiram para a carruagem um homem alto, elegantíssimo... uma mulher sumptuosa de zibelinas e rendas...

... E como eu fui mais vitorioso então, sozinho — ao vento — do que eles dois na carruagem, agora talvez misturando as bocas... Porque eu, podia-os imaginar... *e eles, ai, sabiam fatalmente quem eram...*

As grandes cidades... o triunfo de ascender nas Praças monumentais a colunas simbólicas — e, da sua altura — estátua, deixar perder os olhos por toda a casaria... Possessa, a vista zigzagueia-nos por ruas, por avenidas, entre parques... espraia-se-nos infinitamente pelo mar dos telhados... E é um formigueiro de edifícios que, do alto, surgidos em panorama, se entrecruzam, se interseccionam, se engolfam uns pelos outros — indestrinçáveis, alucinantes...

Momento a momento o turbilhão nos volve mais confusos... Breve perdemos a noção da distância... uma vertigem nos rodopia... até que, em nossa face, todo o horizonte se desloca — e se vela, ocupado em miragem por outra cidade de mistura...

Ondulamos de erro... arrepiam-se-nos os olhos, sagrados... febricitamos de pairar...

... E a vida corre aos nossos pés, *a vida* — entanto!...

V

Janeiro 1907.

Nas minhas ânsias de segredo tenho-me esforçado, ao menos, para que os meus sentidos vibrem *diversamente*: desengonçadamente, noutras direcções de crispado — dando-me assim, em vislumbres, uma ilusão intranquila a desconhecido.

Eis como algumas tardes, de súbito, a certas cores, realizo sentir — por artifício embora, mas automaticamente — a saudade magoada de certa companheira morta, gentil e pálida, que nunca tive... E é uma sombra propícia a afagar-me então de dúvida... a irisar-me...

Outras vezes chegam-me sensações de «fim» — de termos duma época de vida... de começos de outra, com novas personagens, novos hábitos... E, ao meu redor, é tudo igual — nos mesmos planos!...

Há factos também que me impressionam esquivas contradições: Certa noite, por exemplo, num teatro ordinário de Lisboa, desceu-me uma grande tristeza, *uma tristeza dilacerada*, em face dum casal de velhos bêbados — dueto hilariante da revista célebre. Sim, foi uma derradeira amargura — pungente, arrependida — *uma tristeza de passado*... e uma piedade... ah! uma piedade aflitiva e inútil, em mágoa enternecedora, quando os personagens grotescos surgiram a cantar versos torpes, bamboleando-se ao compasso duma música raspada, de saltos bruscos... Lembraram-me irreparavelmente um fim de vida, um trágico levantar de feira... E enquanto todo o público pedia «bis» às gargalhadas, eu tinha vontade de chorar — misteriosamente, *por mim*...

Tenho ocasiões repentinas, outros dias, em que me chegam grandes júbilos entusiasmados. À minha volta tudo ecoa glória... E se encontro um amigo, tomo-lhe o braço — a rir, a rir, infantilmente... Embalde procuro as razões

dessa alegria — coisa alguma me sucedeu... Mistério: *no entanto ela é uma alegria motivada*. É verdade; é deste modo que eu a sinto — pelo menos numa ideia difusa, cariciosa e ondulante...

De resto, de forma idêntica me sobem a cada passo ternuras imotivadas, e — bizzarria maior — imotivados pudores enternecidos.

Ainda há pouco se me despertou a sensação esguia de ser insidiosamente uma rapariguinha suave e loira que viesse de se entregar ao seu amante, em caprichos ténues — apenas por um meu amigo me mostrar uns postais que comprara, e eu já vira pelas montras, com uma rapariga linda, de seios nus, adoráveis: a rapariga talvez que, nesse instante, duvidei ser — corando...

Pequenas dores físicas soffro-as, por vezes, apenas em paladar, como gostos desagradáveis.

Frequentemente, ao virar-me numa rua, num salão, *encontro-me* de súbito no cenário distante de qualquer cidade estrangeira — bem nítido: vendo na realidade toda uma praça... todo um cais... *sentindo* latejar a penumbra violeta entre as colunas majestosas de certa catedral... (Aqui — bem sei — ainda existe uma explicação admissível: qualquer deslocamento que se dê na atmosfera e que, justamente, interseccione planos paralelos, quebre vértices de luz e sombra, iguais àqueles em que por ventura eu presenciei o cenário evocado.)

Descem-me também em pleno Inverno sensações de Outono e Primavera — e há períodos em que, sem ter adoecido, me sinto convalescente duma longa enfermidade — salvo talvez da morte por milagre...

Divagando a minh'alma — a sintetizar todo o seu descalabro — ocorrem-me ideias estrambóticas, picarescas e complexas: as únicas entanto capazes de exprimir, por sugestão, as mais íntimas particularidades do meu mundo psíquico.

Assim quando me peso, irremediável, em tristeza e tédio desolador — lembro-me que virá só disto a minha tortura: um revestimento oco de lata me contornou interiormente toda a carne — e outra coisa qualquer: a minha alma, presumo... (E receio então que a minha alma seja apenas um líquido verde, oleoso e turvo, enjoativo, fechado nesse depósito.)

A devastação completa da minha vida, encaro-a como uma série de losangos de zinco, salpicados de diversas cores — particularmente dum

vermelho sujo — amolgados e torcidos.

E muita noite, no meu leito, revendo a náusea estagnada desta minha existência — uma ânsia irrisória se me suscita de volver o meu corpo triangular, e mandá-lo afiar, nos seus vértices, em gumes cortantes de aço. Ah! se fosse possível fazer um fio ao meu corpo — adivinho bem seguro em tais momentos — breve cessaria a minha desolação...

Que, de resto, não nos criemos ilusões, eu sinto tudo isto sincera e naturalmente. Não eduquei os meus sentidos a fremir em destrambelho... Eles é que, por si, se desarticularam — de tanto oscilar em oco, de tanto girar em falso... Depois, se nas minhas obras de Arte, vagabundas de miragem, sumptuosas de requinte, ponho um pouco de mim nos protagonistas — gritam logo os castrados à blague ou à incompreensão. Incompreensão... Há tão pouco que compreender no que escrevo — nisto tudo... Digo: «A imagem da minha vida estampa-se-me como uma série de losangos de zinco.» É só isto. Não procurem nada aqui — não há nada a perceber. Meu Deus, é só isto! Nem o posso exprimir doutra maneira, com maior clareza, porque é assim — *assim mesmo*.

Mas, por o saber sentir, um pouco de ignorado me penetra. E eis pelo que as minhas extravagâncias só me ensoberbecem, e lhes quero a fulvo — leoninamente...

(— Porque haveria na encosta do olival da nossa quinta, quando eu era pequeno, uma santa de papel, sob um vidro incrustado na terra?..)

Entretanto, apesar de tudo, olhando bem — como é só luz, luz insípida, à minha volta... Em vão procuro descer o mistério, minar galerias de sombra...

Impossível! impossível!...

Ah! como invejo os grandes criminosos que souberam escapar à justiça... e passam... desaparecem sangrentos em assassínios e estupros...

Deixaram ao menos um pouco de névoa — esses.

Encerrados no seu segredo, como hão-de viver gloriosos — sem remorsos, tamanhos de Maravilha...

Eu, de evidente, tenho asco de mim!...

VI

Agosto 1907.

Se eu fosse milionário e Príncipe, como ergueria o meu domínio do Mistério...

Ah! para regiões do Norte, entre jardins pomposos, o meu castelo altíssimo, em sombras abafadas, ascenderia as suas torres taciturnas, alastraria o seu arcaboço pesado e longo — absortamente.

Dentro, largas salas de baile sem janelas, que eu teria feito executar por grandes architectos — e ornadas de frescos de pintores admiráveis; enriquecidas a prata e oiro nas cúpulas maravilhosas, nos lambrizes de incrustações exóticas, a madreperolas e jades...

Reposteiros de veludo, arrastados, roçagantes — a brilhos espessos. Tapeçarias majestosas, profundas, que abafassem os passos — candelabros, serpentinas e lustres brasonados que nunca se acendessem...

Oh! mesmo eu não teria nunca visto à luz esses salões teatrais... Percorrê-los-ia sempre em penumbra, tacteando a sua riqueza; adivinhá-los-ia apenas, em espelhos duvidosos, pelas sombras da sua sumptuosidade — guiado por uma luz distante, de fracos bruxuleios, que ainda chegasse, talvez, pelas fimbrias das portas...

Meu Deus, como seria grande!... Que sortilégios marchetados, que vértices difusos, latentes, me aturdiriam ao transpor as minhas salas de honra: onde nunca ninguém dançara, que eu próprio mal conheceria, embora em noites de gala ouvisse dos seus divãs — sempre em penumbra — solenes concertos pelas minhas orquestras asiáticas, ocultas noutras galerias...

E perco-me a sonhar todo o meu domínio de Erro se me deixo esvaír em tais pensamentos...

... Jardins emaranhados em volta do Palácio — e parques... Mais longe,

bosques tumultuantes, densíssimos, impenetráveis ao sol — com súbitas clareiras aonde, por minha ordem, se elevassem monumentos a heróis, navegadores e guerreiros que nunca tivessem existido...

Ao fundo de roseirais inesperados, perdidos na floresta, templos a divindades de nenhuns ritos — divindades falsas que só eu criara, erguendo-as ali em altares de fantasia... Inscrições tumulares, góticas, antiquíssimas, sob as cúpulas dos templos, em lajes que não cobrissem nenhuma sepultura — e mausoléus, de mentira também, vazios de ossadas, mais longe, junto dos pântanos, ao fim do bosque, entre ciprestes...

Completaria depois o ambiente irrisório, edificando ruínas perto duma grande lagoa seca — ruínas ogivais de arcos partidos, colunas e abóbadas... Esconderia tesouros, à toa, profundamente, como outrora, nas ruas da minha quinta, enterrava brinquedos... Faria ainda vedar por altos muros eriçados e largos portões de ferro, recintos circulares desertos, onde não se guardasse coisa alguma — mandando por último abrir cavernas e subterrâneos inúteis pelos meus territórios: assim como no meu palácio haveria alçapões de despropósito, repentinas portas falsas, escadarias que nunca se descessem, estranhos maquinismos de segredo...

Mas tudo isto, tudo isto, *aprendido* incertamente — passeando só de noite pelos meus domínios, nunca cruzando mesmo certas alamedas, jamais me abeirando de certos lagos que apenas suporia pelo murmúrio cendrado dos seus jorros de água ligeiros... Sim, tudo entrevisto em distracção e em dúvida, vacilantemente, para o bordar a magia...

E das janelas monumentais do meu quarto dourado, então, eu olharia ao crepúsculo o meu Império de esbatido alastrando-se ao longe — imaginando-o, *prevendo-o* em sombras ondulantes, no rumorejar da folhagem, em ruídos aquáticos — sob cintilações de estrelas...

Ah! mas não passa dum sonho todo o meu Principado...

— Se eu fosse um sonho, também?...

VII

Abril 1908.

Os dias vão passando, e a minha curva obsessão mais e mais se me inflecte...

Abriam-se-me no cérebro compassos de pontas de ágata...

Oh! a luta impossível contra a realidade!... Se ao menos, por fim, a loucura me envolvesse...

Ainda seria abismar-me numa grande sombra...

Mas não... mas não... Tudo é real na vida — *a própria morte é real...*

Há quem tenha sabido desaparecer, entretanto!

E evoco dois companheiros perdidos doutras épocas:

Um, pálido e loiro, sardento, que me falava dos seus avós de França. Vivo ou morto, esse passou sem deixar rastro... E só mais tarde soube, por seus pais, que não tivera nunca parentes estrangeiros — nem tão pouco existiam as grandes propriedades do Norte, para onde me convidara esse Verão...

Pasmo hoje, recordando-o. Abominava a sua companhia. Era um espírito tão pouco interessante... Mas acompanhava-o muitas vezes, não o sabendo evitar. Por gratidão. Era ele que me procurava com insistência, numa ociosa simpatia... Por fim, os seus modos bruscos e os seus hábitos grosseiros, de mesquinhices reles ou prodigalidades tolas de «parvenu», tinham-mo feito quase odiar...

Só hoje descubro o meu completo engano! Que espírito heráldico o seu!... nele houve também, sem dúvida, a ânsia flava do Mistério — tosca embora, mas profunda. Eis pelo que só me falaria de irrealidades — das suas quintas, dos seus automóveis, das suas espingardas — e procederia em destrambelhos premeditados: ora somítico, ora perdulário; injusto sempre...

Até que uma noite, num ímpeto mais nobre, resolveria desaparecer, projectando assim uma mentira maior... E logrou-o em Vitória. Ninguém usou nunca o seu luto. Se morreu, não se encontrou nunca o seu cadáver. Se vive ainda — é hoje outro, por certo...

Nem um vestígio atrás de si...

Maravilhoso Artista!...

Mais belo, talvez, o destino do meu segundo companheiro — que uma tarde me entrou pela casa dentro a anunciar-me o seu próximo suicídio... Eu encolhi os ombros arrumando os livros da minha estante. Conhecia demais o seu amor pelo drama, o seu ingénuo capricho de se romantizar... Demos um lindo passeio essa noite, despreocupadamente...

Algumas semanas mais tarde repetiu-me o seu propósito... Exigi-lhe explicações, por gentileza... Negou-mas — aludindo entanto, por rodeios, a vagas impossibilidades...

Insisti mais convictamente no dia seguinte. Então houve uma grande cena... Arremessou-se sobre um divã — passou as mãos esguias, maquilhadas, pela longa cabeleira... Tinha uma flor ao peito. Arrancou-a, deixando-a cair no tapete... De costas para ele, diante duma janela, eu abafava a custo o meu riso...

Amarfanhou ainda as almofadas de seda, limpou lágrimas que não chorara — e, em gestos femininos de artifício, contou-me o que o levava à sua resolução...

Meu Deus, que motivo inesperado... tão pequenino, semilouco em despautério — e ridículo, ridículo... o último, de resto, que se poderia imaginar...

Fiz-lhe ver, tomando-o nos meus braços — encarando o meu papel agora já inteiramente a sério — como eram insignificantes as suas razões, e inadmissíveis. Concordou comigo. Jurou-me o seu arrependimento. Fomos à livraria comprar os últimos romances...

Encontrei-o à noite no teatro — impecável e risonho, de smoking, e nova flor na lapela: uma grande rosa vermelha...

Tornei-o a encontrar no outro dia. Leu-me o cenário de mais uma peça que ia escrever, e desenvolvera essa manhã. Falou-me dos seus projectos para o

Verão próximo — entrou no camiseiro a fazer uma encomenda muito complicada. Pediu-me o endereço dum editor francês, para mandar vir um volume que já lera emprestado por mim — só para também o ter na sua biblioteca...

Dois dias mais tarde, suicidava-se com uma bala no coração...

... Foi depois que eu soube que a outros amigos ele anunciara também o seu suicídio — sob o maior segredo — juntando, em confiança, as razões que o forçavam a um tal desespero: *mas a cada um de nós contara uma história diversa...*

Seja como for, criaturas assim aureolizam efectuar-se um pouco em mistério — esbatem-se em Asas, ungem-se de Errado...

São, pelo menos, maiores do que eu, a esbracejar — é certo — a minha Ânsia, e a permanecer embora, eternamente, na claridade quotidiana, bem limpo de segredos.

Ah! por uma incoerência, por um medo de sacrilégio, talvez, em face da obra que deveria executar — sou todo cepticismo abandonado, desilusão de esforço, marasmo de renúncia...

E desta maneira, se alguém estranha a minha vida desigual, vazia mas tão *diferente* — não me contenho que não grite logo a verdade: se naquela noite parti de súbito, foi porque me quis deitar mais cedo — não encerram cartas de amor os meus sobrescritos prateados — se desapareço durante longos períodos, é só por minha casa, ou, quando muito, a ler e a escrever por cafés doutro bairro...

Num misticismo vão, numa agonia despeitada de me dar — sou eu próprio que logo arremesso para longe o mistério falso que em mim, sem segredo, poderia entretanto existir aos olhos dos outros... como se os mistérios não fossem sempre falsidades...

Sim, sim, ó meus amigos esquecidos doutrora: tu, pálido e longo, dos avós de França — e tu, da cabeleira revolta e das unhas pintadas — como sou mais vil, mais sem alma, mais sem nervos... náusea de mim-próprio, irrisão de mim próprio, esfinge de papelão...

E como sinto a vossa nostalgia entanto, e o vosso orgulho — ó reis loucos
que morrestes ao luar, para lagoas azuis, talvez... entre enredos incertos...

VIII

16 Novembro 1908.

Meu Deus... meu Deus... Como hei-de suportar esta luz sem fim — inevitável e obcecante...

Ultrapassei-me em tédio. Tudo se esvaziou à minha volta...

Penduraram-me os nervos numa escápula de ferro; ataram-mos numa réstia seca...

Tenho medo de mim, de triste que estou...

Passeio nas ruas, solitário — e o meu olhar, o meu próprio olhar, me fustiga...

Em vão busco ainda acompanhar-me de fantasmas...

Tudo vive *esta vida* ao meu redor...

Se ao menos existissem outras... Sei lá, vidas instáveis, vidas-aromas — organismos fluidos que se pudessem condensar, solidificar, e de novo evaporar...

22 Novembro.

Não me engano. Deu-se ultimamente uma modificação na minha Alma. Já não a sinto da mesma forma. Divergiu em hélice... E os meus sentidos giram como rodas de cor — tómbolas de feira na minha febre...

Devaneios... devaneios...

Sempre em face de mim a realidade cruel: a folha branca onde escrevo — a vontade consciente que me faz escrever...

IX

Fevereiro 1909.

Enfim! Enfim! O triunfo — a Ouro o triunfo!

Como fazia mal em desesperar!

Vibro hoje apoteoses, e tudo se abateu perante o Milagre!

Cerraram-se aos meus olhos redemoinhos de Asa, em pedrarias e estrelas!

Houve fogos-de-artifício de aromas.

— Que vale o resto se o quebranto me estilizou, insondável em neblina?

Não sei o que se vai seguir — o que vai ser de mim. Mas seja o meu destino qual for, terei vivido beleza — beleza enclavinhadamente a sombrio... Projectei Mistério. Insinuei-me em Íris. Venci!

— Acaso posso ver o sangue?

Foi este o meu triunfo. Quero fixá-lo poucas horas volvidas, para mais tarde o percorrer melhor.

Na minha vagabundagem expectante, sempre entre fanadas amarguras, ocos esforços — bocejando luz e absorção — vim dar naturalmente à Costa Azul por este Inverno rigoroso.

E uma noite do Carnaval de Nice, não sei porquê nem como, achei-me no baile do Casino.

Foi-me propício o ambiente. Em ruídos dissonantes, zebravam-se mil cores à minha volta — cintilações de festa que me parecia estranho o meu espírito, aqui, sentir de lisonja.

E no meio da multidão bigarrada lembrou-me a frase volátil que, a um meu companheiro querido, ouvira certa noite num café de Paris:

— Ah! os bailes de máscaras maravilhosos... Um baile de máscaras do

Império, na grande Ópera... Mas se eu estivesse lá — meu amigo, se eu estivesse lá — seriam minhas amantes todas as mulheres que me rodeassem: *porque todas viriam de máscara!*

Os meus olhos então resvalaram mais sensíveis ao segredo que me envolvia — segredo banalizado, sem dúvida, mas ainda assim fugitivo.

Era perturbador e belo, com efeito...

Tanta seda!

E abandonei-me ao tumulto — ao confetti e às serpentinas...

«Esquisita coisa» — breve comecei notando. «Não bebera decerto nenhum álcool, nenhum narcótico. Os meus sentidos entanto vibravam em confusa dispersão: um esvaecimento acre, mas subtil, muito suave, delicioso — em transparência *abatida*.»

Caminhei embaralhado até que, de súbito, numa sensação oscilatória, as luzes divergiram em torno dos meus olhos latejantes.

Ao mesmo tempo alguém me tomou o braço, murmurando a despertar-me do meu torpor:

— Eu sou talvez a Princesa velada...

Não sei bem o que se seguiu. Só após alguns momentos pude *ver* a mulher esplêndida que me tomara o braço. Alta, escultural, inigualável — vestindo um estranho disfarce: o costume, por certo, dos pajens dalgum país distante e azul de conto de fadas.

Encerrava-lhe o tronco um corpete de brocado de ouro, por onde assomava em perniciososa audácia o bico petulante dum seio moreno.

Cingia-lhe as pernas, quase nuas, um «maillot» violeta, imponderável.

Um gorro de cetim escarlata sobre os cabelos torrenciais, com uma pluma desconhecida, de ave mágica — ofuscante e multicolor.

À cintura, um cinto negro de coiro lavrado, misterioso, donde, na sua bainha, pendia um estreito punhal.

Um «loup» de seda verde a ocultar-lhe o rosto...

Não sei bem o que se passou nos primeiros minutos — repito. O meu torpor ia pouco a pouco evaporando-se — mas a escoar-se arrepiadamente, toldando-me mais do que nunca os sentidos.

A minha lucidez só regressou — e uma lucidez muito relativa ainda — quando os dois, no bufete, bebíamos champanhe...

Numa inquietação arraiada, os meus olhos tinham-se fixado agora no punhal. Mas a desconhecida, seguindo o meu olhar, logo o tirou da sua bainha de prata e mo estendeu para que eu perdesse o medo.

Tomei-o nas minhas mãos vacilantes, num sentimento heráldico.

Era uma arma terrível e uma jóia solene.

Pedrarias secretas se incrustavam nos copos, deslumbrantemente, em cintilações desvairadas, — brilhos remotos de densas pompas; cores infinitas... A lâmina cruel de aço, estreita e curta, muito acerada — e, sobre ela, estranhamente gravados, os caracteres surpreendentes dum alfabeto perdido...

Examinei a jóia, emudecido. Sombreou-se-me o rosto. Esfriaram-me os dedos... Mas, a sorrir, a estrangeira contava:

— É uma jóia de família... preciosa, emblemática, antiquíssima... com uma lenda medonha, espessa... de maldição eterna... Talvez um dia lha conte...

Foi como se me partissem os dedos com um martelo de gelo. Deixei cair o punhal... Ela apanhou-o no mesmo instante, sem medo, a rir muito... Depois, mandou-me encher mais uma vez a sua taça — enquanto, bem tranquila, sempre a rir, embainhava de novo a arma estrídula...

Sáímos do bufete. Amorosamente, encostava-se a mim — em verdade o seu corpo enroscara-se no meu. Tinham-se enlaçado as nossas mãos — e um momento houve em que, ao ajeitar o corpete áureo, fizera surgir mais livremente a ponta maquilhada do outro seio.

Como nunca, se me acentuava agora um estranho calafrio — um calafrio de sombra, em singularidade me parecia.

A delírios, revendo a minha glória daquela mulher de olvido, admirável, a pendurar-se-me dos braços — todo o meu receio era do fim seguramente banal da aventura. No entretanto nunca foram banais os beijos sumptuosos. E eu caminhava bêbado de alegria, automaticamente, fora do espaço, sem proferir uma palavra...

Ah, mas decerto a minha companheira tomara já uma resolução.

Sempre pelo meu braço, dirigiu-se ao vestiário a pedir os seus abafos —

um manto de peles riquíssimas.

Eu tremia agora de pavor, sem coragem para lhe dizer a frase inevitável sobre a nossa noite...

Ela não se admirou nunca, entanto, do meu silêncio — e pergunto a mim próprio, ainda, como é que de súbito me achei subindo para a «limousine» que, sem dúvida, a esperava...

O veículo arrancou, marchou muito rápido. Apenas então se me voltou um pouco de sangue frio.

Fortalecera-se o meu triunfo: o enigma continuava. E o meu pavor divergiu: «Seria com efeito tudo aquilo um enigma — ou nada mais do que uma aventura interessante, rara, inesperada; contudo bem natural?...» Ah! se enfim eu estivesse na posse dum Segredo...

Até que, de brusco, decidindo-me, embora fosse desmoronar-me numa desilusão, provoquei eu mesmo, indirectamente, uma resposta explicativa.

A minha companheira esquecida — a rir muito, a entrelaçar-me os dedos, jurou-me que não tivesse receio, que não havia perigo nem ladrões mascarados... que me levava apenas para sua casa, o seu hotel — acrescentando:

— Lá ninguém sabe que eu sou talvez a Princesa velada... Não lhes dei o meu nome... Dei um nome falso... A bem dizer não dei nome algum... Nem me viram nunca, quasi...

Senti na verdade deslocarem-se planos multicolores à minha volta: o mistério prosseguia portanto, e não era eu que o criava. Ao contrário: eu buscara até aclará-lo. O triunfo era certo e Oiro.

Assim abstraí da hora, decidido a entregar-me sem consciência ao quebranto, entrecerrando os olhos para menos ver ainda.

Simultaneamente, sem me esforçar, sem me lembrar sequer de a sugerir — regressou-me anestesiadora e ténue, deliciosa como nunca, a dispersão que referi há pouco e me dimanara antes de A ter achado — em arrepios violeta, agora.

(Particularidade curiosa que só depois observei: dessa difusão entorpecedora, muito do fundo, resumava um pavor oculto em insinuações magentas.)

Pude ainda ver que, vertiginoso, desde o Casino, o automóvel se dirigiu

pelo Boulevard Mac-Mahon, — seguindo depois pelo Boulevard du Pont-Vieux até à Praça Garibaldi. Mas, após chegarmos a esta Praça — onde nos detivemos um instante para o chauffeur acender uma lanterna que se apagara — não me é possível dizer se tomámos pelas ruas Cassini, da República, ou por outras quaisquer.

A partir daí, com efeito, transmigrei-me a um mundo de sonhos. Volveu-se-me relativa a realidade — todos os meus pensamentos e os meus gestos foram meras projecções de movimentos subtis executados noutros planos. Adormeci em jade. Eclipsou-se qualquer coisa de mim: o luar, talvez, sobre o meu mundo interior. Fui apenas sensível ao mistério que me acompanhava...

Ao fim de não sei quanto tempo, o automóvel estacou em face dum portão de ferro. Descemos. A desconhecida abriu-o com uma pequena chave que brilhou na noite...

Entrámos num jardim rumorejante. Ela dera qualquer ordem ao chauffeur que, tomando o guiador, desaparecera... A noite estava muito escura. Ao fundo do jardim, no entanto, eu pressenti a sombra dum grande edifício...

Tomou-me pelo braço, mais uma vez, a encantadora — e seguimos por uma rua lateral até chegarmos defronte dum pavilhão isolado, à esquerda do jardim...

De novo puxou por uma chave brilhante. Abriu uma porta. Subimos alguns degraus...

Era um interior delicioso — espécie de atelier adornado em requinte.

Uma atmosfera azul se cendrava aí iluminada em estranhas divergências por lâmpadas eléctricas foscas — macia de perfumes, toda de seda.

Cortinados roçagantes — tapetes profundos, de luas roxas.

Móveis orientais, indecisos — e, ao meio, um leito baixo de pelúcias, insondável, secreto.

Mas, em todo aquele ambiente de morfina, foi isto que mais me impressionou: a luz não era imóvel — ondulava no ar, bem distinta, em listas semiovais, desabrochando contínuas, a um ritmo iriado, de escoamentos ténues.

Mal chegámos, logo a minha ignorada arremessou o seu manto sobre uma poltrona espessa. E, em face dum grande espelho, logo também se despojou

do seu costume. Ficou toda nua. No rosto sempre a máscara verde...

Quando o seu corpo surgiu liberto e esplêndido, imóvel como uma estátua, a meio do aposento — foi muito frisante — a luz modificou-se. Desabrocharam mais arqueadas as listas, em impulsos mais rápidos e esguios — influência por certo da auréola de platina que, baçamente, o seu corpo macerado nimbava em redor...

Como se arroxou então o meu Orgulho, mosqueando-se a esmeraldas! Toda essa carne de segredo ia ser minha! E um espasmo de alívio se me evolou por vê-la conservar a máscara — íntegro assim, em ruivo, o Enigma!...

Rolámos doidamente pelo grande leito. Sob o meu corpo rangeu delírios a sua carne de Apoteose e Alma...

Ah! mas de súbito os meus olhos fixaram-se em qualquer coisa mais resplandecente que brilhava perto, sobre o mármore rosa do fogão: o punhal que, ao desnudar-se, ela deixara ali, em descuido.

Continuei a mordê-la...

Possessos, os meus olhos não se despregavam da outra maravilha!

Nessa atmosfera de seda, penumbrosamente movediça, as cintilações da arma lendária eram dum sortilégio infernal, mágico de rutilante e temível.

Não devia ser com efeito luz somente, luz multicolor, o que as gemas esquecidas deslumbravam — e eu só posso exprimir assim, por fantasia: das pedras de artifício, emanava primeiro, em verdade, uma cintilação luminosa, relampejante. Mas, bruscamente, a meio da sua trajectória, essa cintilação condensava-se, na penumbra azul, em um núcleo hialino, donde, por sua vez, saía então um halo de reverberações coloridas, arco-irradiadas, a divergir em estranhos rastros *de relevo*. Era certo — eis o mais bizarro, e inexplicável: essa luz, ainda que fluida, tinha relevo: em relevos caprichosos e bem nítidos, *palpáveis*, nos surgiam o seu brilho e as suas cores.

Toda a minha vida, em suma, se focava agora no punhal. Estridentemente, não sei porquê, chegara-me a certeza granate de que era ele enfim, mais do que qualquer outra coisa, o mistério em que há tanto me sonhava envolver.

Deste modo, uma impressão de feitiços minuto a minuto se me vincava, alucinadora e coleante...

Zurziram-se planos engolfados a meus ouvidos, aromas silvaram a

transtornar-se em músicas de dissonância, até que, a uma cintilação mais fantástica, me pareceu secretamente que todo o meu mundo interior se paisagenava. As crepitações dos brilhos ofuscantes invadiam, sim, a minha Alma: esbraseando sol sobre as minhas ânsias — toldando chuva no meu tédio, alastrado em planície, inutilmente — aluarando os cemitérios das minhas nostalgias — e, maior singularidade, alargando uma Praça enorme, de arquitecturas colossais (mas com um grande poço ao centro, em vez duma estátua de herói) em volta de todo o meu entusiasmo. E previ no mesmo instante, seguramente previ, que a minha vida de alma, futura, ia existir nessa Praça — fechada, mergulhada talvez para sempre no grande poço central.

Depois, a todas essas ideias mágicas — nessa hora, pelo menos, tão reais — haviam-se misturado sempre os meus beijos nos seios esmaltados da doida, por toda a sua carne perdida, convulsa de miragens em ondas de neblina e jasper!...

Seguiu-se um momento em que os meus olhos lograram divergir do punhal na ideia perfurante de que tudo caía em meu redor, no espaço, insondavelmente — que só eu não caía. Pareceu-me mesmo que o próprio corpo encantado que vibrava sob o meu se ia abismando em vertigens. Melhor: prolongando-se em espessura, pois, embora fosse caindo, eu, imóvel, sentia-o sempre debaixo de mim.

Mas, breve, os meus olhos pararam de novo sobre a arma... Como nunca o mundo inteiro se me centralizou no punhal... Pairava todo um sonho de Ópio...

... Até que, por último, um espasmo recamado em insinuações astrais me soçobrou... Mas, ao esvair-me, ah! não foi a carne sumptuosa que eu possuí, opulento — *foram os reflexos imperiais da jóia maldita!*...

De súbito, desvençilhei-me... Precipitei-me sobre o punhal... Era tempo! O mistério ia desmoronar-se... Ela erguia-se já... Tiraria a máscara, por certo... eu próprio lha arrancaria... E vê-la... saber *quem* ela era... ver os seus olhos... deixá-la... Não! Não!... impossível.

De resto, o ambiente, após os êxtases, por força me havia de surgir em toda a sua realidade... Apenas durante os espasmos lograra imaginá-lo talvez

— purpureamente.

Eu ia acordar... Despertava do Ouro... Ia perder todo o Milagre...

Tive medo. Receei pelo meu orgulho... Que seria de mim se não tivesse o génio de fixar — leonino! — aquele segredo escultural, de me enroscar nele para sempre, de o estilizar em mim próprio para sempre o viver?...

Foi uma ânsia de estertores! Mas venci!... Empunhei a arma rudemente... e cambaleando, num redemoinho, numa vertigem, enterrei-lha toda no coração...

Não houve um gemido. Apenas os seios oscilaram...

Que hora grandiosa!

Pareceu-me que chocara em verdade contra o destino, e o meu braço — só o meu braço — o fizera deter!...

Sim! Sim! triunfara! Até que realizara a minha obra — projectara bruma, envolvera névoa, abobadara Sombra... E, a meu redor, a realidade desmoronava-se em gomos negros, cascalhantes...

Uparam-se tronos de marfim a cercar-me... desfilaram cavalgadas de estrelas... diademas rolaram em catadupas...

Ah! o momento infinito!...

Não era tudo, entanto. Faltava ainda alguma coisa para a obra ser completa... E, num ímpeto, de olhos cerrados, por baixo do «loup» de seda verde, lacerei furiosamente o rosto dessa mulher que nunca vira: para ninguém mais a poder ver — *nem eu mesmo!*

Olhei a jóia. Milagre. A ponta limpa de sangue. Só as letras da inscrição enigmática se tinham colorido de vermelho, perpetuamente. E as pedras do cabo do punhal haviam cessado o seu desvairo — enfim tranquilas de luz.

Arremessei a arma longe. Fugi...

Guiei-me, sonâmbulo, entre as ruas do parque. Saí o denso portão de ferro, cuja chave ficara, decerto, na fechadura... Vagueei não sei quantas horas por ruas desconhecidas...

Quando a lucidez me voltou — e me regressaram as noções do espaço e do tempo — *achava-me de novo, não sei como, na Praça Garibaldi!*

Nessa mesma manhã tomei um expresso na estação de Ville-Franche.
Ninguém me impediu o passo...

Ignoro o que deixo atrás de mim... um cadáver, pelo menos... Ignoro o que
vai suceder... se já correrão a perseguir-me...

Mas que vale tudo mais em frente da obra a Diamantes-mármore que
ascendi?...

Subtilizei-me em Astro... vibro de Sortilégios... Finquei-me em Saudade e
Beleza...

Eu próprio sou Mistério. Tremo de pavor, esvaecidamente. Translucidez
afilada!

É tudo sombra — Sombra, enfim, à minha volta!

O triunfo maior: o Triunfo!...

X

3 Fevereiro 1911.

Tanto tempo volvido... E retomo as minhas notas para frisar a minha glória.

Sim, foi completo o Triunfo!

Como hoje vivo Outro — indeciso, longínquo; insensível a tudo quanto me contempla. (Não sou eu que olho as coisas, já — antes elas me olharão, quem sabe, agora...)

Talhei-me em Exílio. Deixei de ser Eu mesmo em relação ao que me envolve. O Mistério ogivou-me longos aquedutos — e os ecos, entre as arcarias, não me deixam, por afago, ouvir a vida. *À minha cerca existo hoje só Eu* — vitória sem resgate!

Para mim não há senão «antes» e «depois» da Maravilha. De «antes» não me recordo. Ninguém se lembra do que viveu primeiro que nascesse. Ora, por essa noite tigrada, no minuto a safiras em que lhe cravei o punhal — acordei (foi certo) em outro mundo, nasci outra vida: uma vida delgada onde é perpetuamente a mesma estação do ano, onde os instantes existem parados pelo mesmo tempo fora, — um tempo diverso, inexprimível, sem direcção: que não é espaço ou movimento, mas qualquer coisa como um ritmo fluido, constante por transparência vibrátil.

Tudo se esbateu aos meus sentidos, se nimbou de Subtil. Tudo hoje apenas adivinho. Eis como venço seguir olvidado — preso por fios de sombra ao meu quebranto.

Não oiço os meus passos; mal vejo os meus gestos.

Irrealizei-me a crepúsculo — emudeci a toda a luz.

Vou sempre como através de ruínas.

Durmo torres e fanatismo em Levantes intermitentes.

Saibo-me a um descobridor de mundos que não existiram nunca.

Se falo alto, sozinho, a minha voz ressoa coada por damascos e pelúcias — outras vezes, mais longínqua, através de mármore arraiados, cor-de-rosa...

Dissolveram-se-me no sangue a Beleza e o Mistério.

Ah! tenho bem nítida a impressão de que, no momento do crime, despojei qualquer coisa de mim que teria ruído aos pés do cadáver — e assim me libertei, me individuei a Esfinges...

10 Fevereiro.

Que pompa ao meu redor!

Sou hierarquias em Bizâncio...

Todo eu paio Segredo.

Quem era ela — *quem era o seu rosto?*...

Fosse como fosse, essa mulher tinha uma vida, portanto — uma existência bem sua. Muitos a viram, ao menos...

E desapareceu — sumiu-se por alçapões teatrais.

Choraram-na os seus amantes, sem dúvida — e os seus parentes lembraram-se talvez da sua morte.

A sua morte existe — mas só eu posso jurá-lo!

Procuraram-me bem após o crime, decerto. Embalde... Atrás de mim não houve vestígios. Passara como uma lenda.

Estranha segurança: nunca receei que me descobrissem. Nem pude nunca recear que o meu crime fosse algum dia punido. Foi como se nunca o tivesse praticado.

Apenas não tornei a ler jornais.

Entanto uma vez — não sei por que cidade — os meus olhos fixaram-se de súbito num diário estrangeiro, desdobrado, que um transeunte lia. Em grandes letras, vi ainda, sem querer:

«O mistério da Vila das...»

No mesmo instante o desconhecido voltou a página...

— Seria aquele o meu Segredo?...

De resto, as letras não me ziguezaguearam a fogo...

20 Fevereiro.

Nimba-me também, certas manhãs astrais, uma ternura de camélias: a saudade emersa da carne uma só noite beijada — e as macerações frenéticas daqueles seios agressivos...

Minha louca, como devias ser bela — duma formosura nova, doutras delicadezas...

Matei-te. Abjurei de ti sem te conhecer... Vês tu: foi esta a maior prova de amor!

28 Fevereiro.

Caminho...

Oscilações difusas, de cores brandas, aquosas, ascendem em movimentos de hélice, a refrescar o ar à minha volta — indícios multicolores soçobram — enroscam-se listas de aromas — vértices hialinos, ao longe, divergem prismaticamente — esgotam-se sons perdidos de azul, num retinir cendrado — volteiam sensações de filigranas — alastram-se ecos de marfim...

Tal é a paisagem de subtileza, nostálgica doutros mundos, que me encerra hoje!

Tudo se me toldou a bruxulear. Tudo se me substituiu em Imponderável.

Eu sei, eu sei. É que, verdadeiramente, a partir da Hora-imperial, a minha existência tornou-se sensível a outras dimensões. E é nelas que prossegue hoje a minha vida estática...

Luar de embandeiramentos!

XI

Dezembro 1912.

Pela primeira vez, depois do Milagre, eu vejo um pouco o cenário real à minha volta. Decerto. É que me encontro em Veneza — sensibilidade isócrona à minha Alma actual.

Não me paralisou o Triunfo. Desde que me descobri em Sombra, ao contrário, mais do que nunca vagueio — para mais esquivar-me à minha incerteza; mais flexível e ondulante.

Descubro hoje, porém, que melhor valerá fixar-me aqui, para sempre, nesta paisagem iluminada, transtornada de Mistério.

Por incerta que me for a agitação, nada de mais duvidoso me enganará do que existir nesta cidade azul, projectada em mármore no Tempo — constante, parando clepsidras...

Veneza!

Ó cidade sagrada da fantasia, capital brocado de inter-sonho, em mágicas penumbras — íris de crepúsculo, anémoma de antemanhã...

Luz de retrocesso a Ouro morto e bronze, ao entardecer sobre as Praças — salões de Paços reais, mosaicados, dir-se-iam, onde os edifícios, à roda, fossem paredes de esculturas — e as sombras, ondulando, reposteiros suspensos...

Veneza surgiu-me sempre, toda ela, através dum grande vidro polido, em perspectiva, como um panorama de artifício — a iluminações teatrais.

Sou bem outro ao agitar-me na sua atmosfera de Passado amarfanhando rendas — capitosa e esquecida, lendária, arquitectónica...

E nos cais dos palácios, nos cais da cidade — filho louco de Doge, talvez

— comando préstitos de emigrantes mortos, em disfarces de pompa...

Tudo ecoa... tudo ecoa em redor... Permaneceram nos espelhos, ali, sorrisos doutrora... o ar cascalha ainda, nesta sala, murmúrios das festas volúveis doutras épocas...

Estilizaram-se danças em cores, pelos lambrizes...

Ofuscaram-se máscaras em cinza...

Nos canais, negras, as gôndolas singram de esbelta tradição. E eu não posso acreditar que as movam remos — mas sim as marchas fúnebres dos órgãos da Catedral.

Campanários e cúpulas irrealizam-se ao longe...

Tudo influi encantamento. Até o horizonte é um filtro...

— Veneza! Ó cidade-Princesa adormecida de conto de fadas — incerta de lis, saudosa de miragens, fugidia de interlúnio...

A ti me devo misturar para sempre.

Como te sinto hoje mais ténue e latejante... Adelgaçou-te o meu segredo — aumentou-te em Oculto...

Rodeio as tuas praças, entro nos teus palácios, ajoelho as tuas Basílicas — e compreendo que sou alguma coisa da tua arquitectura.

Desço escadas de honra — perco-me em galerias...

Confundo-me com os teus monumentos, os teus mármore, as tuas douraduras — tuas salas secretas, tuas pontes sinistras.

Ocultamos as mesmas insinuações.

— *Quem sabe se eu já fui a tua alma?...*

XII

23 Janeiro 1913.

Ontem, no Florian, não pude evitar um encontro.

De longe a longe, a realidade — é certo — ainda ressuma, inofensiva mas enervante, à minha volta.

Foi um dos meus raros conhecidos — um amigo indiferente de Paris. De resto, nem procurei velar o meu despeito, enquanto ele me apresentava o seu companheiro — um inglês: Lord Ronald Nevile...

(— Ah... porque me lembrarei deste nome?...))

28 Janeiro.

É estranho. Começo, receosamente, a observar uma modificação no meu espírito. Há mais claridade sobre mim. Oiço talvez, de novo, os meus passos. Ter-me-ei ainda iludido?...

2 Fevereiro.

Seguem-se agora, inevitavelmente, todos os dias, encontros com o meu amigo e lord Ronald.

Devo tranquilizar-me. São decerto, apenas, estas horas oleosas de verdade que me alteram o espírito.

Procuro fugir. Mas em vão. A cidade é pequena.

E, a qualquer parte onde vá, encontro-os sempre. *Pelo menos encontro sempre o Lord...*

3 Fevereiro.

É muito interessante e bizarra a figura do inglês.

O seu perfil esfuma-se hirto — duma distinção aristocrática e concisa.

É alto e esguio. A pele muito clara, aloirada nas mãos longas — volve-se-lhe no rosto, maceradamente, duma palidez sonâmbula. Os olhos intensos, dum azul cruel, fulguram-lhe em brilhos tão profundos que parecem não existir neles próprios — mas atrás deles, coando-se como por lentes através das pupilas.

Rasga-se-lhe delgada a boca equívoca, em crispações femininas — divergindo em triângulo as comissuras dos lábios, por sombras agrestes. Os cabelos louros — indecisos em tons de cobre.

Usa inteiramente barbeado o rosto de aridez, e — detalhe sinistro — nas suas faces *extensas* ravinam-se misteriosos sulcos verdes.

O mais singular, entanto, são os seus gestos, todos a linhas quebradas; duros e frios. Mas realmente frios — fisicamente frios. Sempre que perto de mim, o Lord esboçou um gesto, mudou uma atitude, eu senti com efeito uma sensação de frio — um frio ácido, crispante, *silencioso*...

Não é menos extraordinária a sua voz. Uma voz cristalina e moça — mas que se diria vibrar abafadamente, entre crepes negros, de seda.

Os seus passos são de madrepérola.

5 Fevereiro.

A claridade aumentou em minha volta.

Dia a dia sinto o Milagre mais longe.

Vai-se pouco a pouco dissipando o cenário de artifício que me toldava de Impérios e Vago.

Já se não zurzem em meu redor outros planos resvalados, transpondo a Certeza.

A minha vida parece regressar às antigas dimensões.

Oh! mas é necessário ter força, não deixar diluir o quebranto!

Tudo isto é mera influência do contacto com os estrangeiros evidentes.
Não pode deixar de ser assim!

Urge pôr termo aos nossos encontros.

8 Fevereiro.

Baldados esforços!

Fecho-me em casa, decidido. Juro não sair... E, de súbito, não sei para quê, caminho nas ruas, — à toa, bocejando...

Sei bem o fim que me espera. Não deixo nunca de *o* encontrar...

9 Fevereiro.

Mas será propriamente luz, luz real o que hoje me cerca? Não será antes, meu Deus, qualquer coisa mais perigosa que não saberei ainda exprimir — qualquer coisa ofuscante, em densidades remotas?...

12 Fevereiro.

Seja como for, não me esqueço do Lord.

Inquieta-me sobretudo este facto irrisório: ao lembrar-me do seu rosto, ele surge-me sempre de uma palidez adormecida — e ravinado por estranhos sulcos verdes, inexplicáveis. Pois bem: *esses sulcos não existem!* Isto é: embalde, defronte dele, procuro descobri-los nas suas faces. Nunca os vi realmente. *Mas não me é possível recordar o seu rosto, sem esses sulcos verdes — fantásticos...*

16 Fevereiro.

Enfim!

Posso de novo encerrar-me no meu Mistério — volver à Maravilha.

O meu amigo e o Lord partiram hoje.

Acompanhei-os à estação!

XIII

22 Fevereiro.

Um sortilégio roxo, em verdade, me entrelaçou. Esquivas macerações a tons de Oiro vacilante me dimanam e enfeitiçam em Alma e corpo. Vivo só em metade de mim — a mão brônzea, incrível, dum gigante, se abateu, cerrada, sobre a minha nuca. E, atordoado, prossigo em direcções assustadoras, complexas, pastosas.

Uma força estranha, dobrada, se enclavinhou no meu espírito, e, subconscientemente, ela me dirige. Desenrola-se um fio negro, perto de mim, que me guia — imponderável mas fatal.

Pois como doutro modo explicar o desconcertante erro?...

Eu decidira, bem convicto decidira, permanecer largo tempo em Veneza a penetrar-me de indeciso e marchetado — e, desta forma, regressar, íntimo, ao meu cioso alheamento-Estátua.

Um grito de expansão soltara, por sinal, como doido, ao ver desaparecer o comboio que levava para longe esse desconhecido, banal porventura, mas que a minha vibratilidade, ainda assim, pressentira em secreto.

Livre, sozinho, de novo ia permanecer, sem dúvida, inteiro em mim — absoluto em Ténue, glorioso, a oscilar a minha soberba.

Não obstante, poucos dias depois, certa manhã, — sem pensar, sem me ver (foi exacto: *sem me ver*) fiz, creio, as minhas malas, corri à estação, saltei sobre um expresso... ignorando para onde me dirigia, embora eu próprio tivesse comprado o bilhete...

No entanto o mais estrambótico, o mais pavoroso, era que apesar de tudo isto ser assim, assim mesmo, eu sabia — ah! no fundo demasiadamente sabia! — para onde viajava, porque viajava, e o que me fizera partir de súbito...

Na estação de Nice, com efeito, descí. No «trottoir» alguém me esperava... O Lord, realmente, correu para mim — tomou-me o braço, sem surpresa, como se já soubesse que eu devia chegar naquele comboio. Levou-me para o seu hotel...

Eu não escrevera a ninguém a minha partida de Itália.

XIV

27 Fevereiro.

Mais do que nunca me sinto resvalar entre véus cinzentos. O quebranto persiste, afinal — mas é outro, rebelde. Mais de esfinges, talvez — agressivo porém; nunca afagador.

Os dias seguem, e vivo na impressão bizarra de que eles é que são eu — e eu o tempo por onde eles decorrem.

Acendem-se luzes amarelas, triangulares, picarescas, em face dos meus olhos que, ao longe, projectam, implacavelmente, dois pontos dum vermelho sujo, enfadonho...

Visões de molduras — molduras só; ovais, sem retratos — bailam outras vezes defronte de mim: sobretudo nas horas trémulas de antes de adormecer.

Volveu-se-me, de resto, uma doença física dormir. Nunca me ciliciaram pesadelos de remorso. Durmo, ao contrário, densamente — e é esse mesmo peso do meu sono que me aflige e amarfanha. Só ao fim da tarde me sinto curado do meu despertar.

1 Março.

Vejo-me já, nestes poucos dias, num grande círculo de relações, graças ao meu extraordinário companheiro.

O Lord é recebido em toda a parte — com a maior consideração. No entretanto afigura-se-me, não sei porquê — *com uma consideração despeitada*.

Gasta dinheiro a rodos. Todos o adulam; todos o conhecem. Pelo menos, à sua passagem, todos o olham — apontam-no, falam baixo...

Só ele parece não conhecer ninguém — *mesmo as pessoas que me*

apresenta.

Acompanho-o muito. Fiquei no seu hotel. Logo de manhã me vem buscar ao meu quarto... Comemos à mesma mesa. Passamos os dias juntos. A ponto que não tenho um instante livre. Chega-me a enfastiar, por vezes, a sua presença contínua.

Aliás, não se pode ser mais amável. Parece considerar-me muito. Interroga-me sobre as minhas obras. Conversa sempre. Mas há súbitas lacunas nas suas frases.

Não me deixa pagar nenhuma despesa. Chegam-me a vexar as suas atenções.

O centro da nossa vida mundana é em casa da Marquesa de Santo-Stefano que habita uma luxuosa «vila» de Cimiez. Todas as noites recebe, em sumptuosidade. É aí que tenho feito muitos conhecimentos. Facto estranho: quem sempre me apresenta é o Lord.

A Marquesa de Santo-Stefano é uma mulher formosíssima. Ouvi dizer que o seu marido está paralítico e nunca sai do seu castelo dos Abruzzos. Não sei bem ao certo. Mas seja como for, ainda não vi o seu marido.

A melhor sociedade frequenta os seus salões.

2 Março.

Nos jardins da «vila» da Marquesa não há nenhum pavilhão.

4 Março.

Sigo nas salas douradas. Os pares volteiam em mil cores. Lembram rosas as valsas. E, no entanto, mais do que nunca se me acentua um calafrio de receio. Tremo todo... Rangem-me os dentes... Faço os últimos esforços para que se não veja a minha inquietação...

Atravesso outros salões... Tenho a ideia que pontes de ouro se abrem à minha passagem... Listas de cristal fustigam-se vertiginosas... E eu sinto-me esse cristal prestes a estalar...

Ziguezagueia-me o cérebro. Vou-me encostando às paredes para não cair...

O Lord não chegou ainda. Combinara encontrar-se comigo, à noite, em casa da Marquesa...

Receio o quê? A sua chegada? É possível. Parece-me contudo que, se tremo, é mais pela sua ausência.

— Onde estará ele agora? Que estará a fazer agora?...

E este pensamento tortura-me como se, longe de mim, me pudesse fazer mal — *me pudesse fazer pior...*

... Chega finalmente. Sossego um pouco. Vem mais pálido. É nova a cor dos seus cabelos! Os seus passos divergem noutros brilhos...

6 Março.

Como posso sofrer tanto...

E porquê, meu Deus, porquê?...

Que terá a minha vida com a desse estranho?

Nada me prende a ele. *Ninguém me prende*. Sou livre, perfeitamente livre. Se quiser partir amanhã, hoje mesmo — *posso partir*. Ninguém mo impede. E é por isso talvez que permaneço...

Mas não sei em verdade o que me atrai a esse homem. É terrível: não o esqueço um minuto. Quando estou diante dele, mesmo assim, não me logro esquecer de que estou diante dele. Junto de qualquer pessoa, nós olvidamos a sua presença — *a sua presença é natural*. Pois o mesmo me não sucede em face do Lord — como se só por um prodígio fosse possível estarmos os dois frente a frente...

Cada vez duvido mais para onde caminho.

Chega-me uma sensação de fim, a prata velha e roxo.

8 Março.

— Quem é aquele homem? ah! quem é aquele homem?...

Positivamente, nada sei.

Desejo investigá-lo a todo o custo. Mas não ousa, como seria já natural, na nossa intimidade, fazer-lhe uma pergunta directa.

Até aqui, a minha única tentativa foi junto do amigo de Paris que nos apresentou. Fiquei petrificado. Respondeu-me só, ligeiramente, que o conhecera por acaso — durante a viagem, de Roma a Veneza, que tinham feito na mesma cabine...

9 Março.

Ainda procuro às vezes persuadir-me de que tudo isto é bem simples, bem real — que não existirá mistério algum nesse personagem — entretanto sinistro.

Ai, dura pouco a ilusão...

E começo a observar que, nas suas frases de quando em quando interrompidas, aparecem agora também, a intervalá-las, palavras incoerentes, avulsas — palavras hirtas, mortas — que saltam, como escórias, na frase que vai pronunciando: raspadas, caindo secamente...

Depois, para aumentar o meu pasmo e o meu medo, as minhas dúvidas arrepiantes, eis ao que esta noite assisti:

Jantámos em casa da Marquesa de Santo-Stefano. Esta apresentou-nos alguns convidados que desconhecíamos.

E eu ouvi, distintamente ouvi, a Marquesa, fazendo as apresentações, dizer.

— Lord *Roland* Nevile.

O meu amigo nunca protestou.

Roland e *Ronald* confundem-se, em verdade, na pronúncia inglesa. Entanto, mesmo assim, não se me afigura natural o erro da estrangeira.

Pareceria bem fácil dirigir-me ao meu amigo, a esclarecer o caso. Tentei-o ainda. Em vão... Ao preparar-me para lhe falar do *engano*, sentia-me tremer todo... e um selo de fogo me cerrava os lábios...

De forma que, hoje, nem mesmo estou certo do seu nome.

— Para onde vou, meu Deus, para onde vou?...

11 Março.

Ontem, depois do almoço, estávamos ambos sozinhos no terraço do Hotel.

Bruscamente o Lord pôs-se-me a falar de sensações de mistério e de medo... a perguntar-me as que eu já fremira...

A conversa deslizou, bem plausível, neste campo — até que, de súbito, destrambelhadamente, às gargalhadas, concluiu assim:

— Eh! meu amigo... eh! eh!... por ventura... meu amigo... já experimentou tamanha glória?... Dormir num grande palácio deserto... às escuras... e, antes de adormecer, à força de concentração... só com a sua vontade... ah! ah!... povoar de figuras as casas vazias... na treva... figuras de medo... kesskrsssss... mutiladas...guturais... farfalhantes... É belo! É belo!... Mas não o queira nunca... Tem um perigo... Que, reais em demasia, as crisálidas se precipitem a cercá-lo... e o esmaguem... esverdinhas... contorcidas... contorcidas... rrrrrr...

Olhei-o atônito. Havia uma auréola peganhenta em seu redor... Depois, não sei quantas horas ficámos os dois ali, silenciosos — face a face...

XV

14 Março.

Cada noite se me frisa melhor a sensação de «fim» — por inflexões arruivadas, agora. E creio mesmo, em bizzarria, que não sou já, sequer, eu próprio, mas apenas o embalsamamento de mim próprio.

Giro entre fluidos policromos.

Todo eu sou naufrágios embandeirados a negro. Contudo, a meio destes feitiços e do meu pavor dia a dia mais eléctrico, esvai-se um iriado capricho a esbater-me, dolorosa — porém transparentemente, aciduladamente, frescamente...

Ah! mas ouvi-*lo* hoje, não me perturba só — martiriza-me também: porque a sua voz começa a ter sobre os meus nervos a mesma influência que o raspar da lixa em ferro — um calafrio ósseo semelhante aos que nos produzem os ácidos fortes e os líquidos gelados passando-nos pelos dentes...

Outra singularidade:

As nossas conversas são todas em francês. De resto, eu mal conheço a sua língua. Vê-se bem — é claro — que o Lord não é francês. Mas não tem o acento inglês. De forma nenhuma. Nem outro acento estrangeiro que eu conheça: espanhol, italiano, russo, alemão, oriental... A verdade é esta: não fala, a bem dizer, com acento algum. Conhece-se que é estrangeiro, mas não pela pronúncia... por outra coisa qualquer: mais velada, perdida...

E nunca o ouvi falar senão francês — *mesmo com os seus compatriotas*.

A sua voz lembra-me uma sombra.

Com efeito, todo aquele homem me lembra uma sombra...

XVI

20 Março.

Oh! o medo sepulcral!...

Estou perdido! Agora, sim, não me resta ilusão alguma — estou irremediavelmente perdido.

Foi ontem à noite quando, de súbito, um jacto eléctrico lhe iluminou o rosto que, pela primeira vez, doido de pavor, não sabendo evitar um grito — observei que o seu queixo se parece frisantemente, numa curva subtil, mansa, inconfundível, com o queixo da morta... *a única parte que eu vi do rosto da rapariga mascarada...*

Que me vai acontecer, meu Deus, sempre ao lado deste homem — em estilhaços todas as esperanças, hoje, de lhe fugir um dia?...

22 Março.

Lembrou-me esta manhã, em confusão, se o meu crime não o teria praticado antes ele...

23 Março.

É certo — mais que certo: qualquer coisa de horrível, de alucinante, me encadeia a esse homem. Não sei bem o quê, ainda...

Vivo numa tortura incessante. Eu-próprio sou a minha angústia. E o meu terror, vou encontrá-lo mesmo nos gestos das pessoas que me falam, nos olhos dos transeuntes.

Mas que vitória também! A minha dor enclavinhou-se em mistério — esculpe-me em desconhecido, alastra-me em destrambelho...

Assim, agora, defronte dos meus olhos, torcem-se picarescamente grandes

cabos viscosos, duma matéria arroxeadada, em filamentos capilares. E nas minhas horas de maior pavor sinto, com efeito sinto, que vão comboios pequeninos na minha alma, puxados a cordel — e que as minhas entranhas se reduziram a um complexo sistema de rodas de vidro e marfim, pequenos discos multicolores, ponteiros oxidados — tudo a girar, vertiginoso, por um inútil movimento de relojoaria...

De quando em quando, por entre as rodas dentadas, ressoam timbres agudos de campainhas eléctricas... acendem-se lâmpadas minúsculas... fecham-se e abrem-se circuitos... e, mais irrisoriamente, ascendem — inesperados, não sei donde — finos repuxos de álcool colorido...

Vou nas ruas, disperso, atónito, conduzindo dentro de mim, em laboração, o ridículo maquinismo — quinquilharia afinal, brinquedo de criança: mas de que eu tenho receio... um receio laivado de riso, sarcasticamente...

E os nervos rangem-me todos, como ossos...

Que hei-de lastimar, portanto? O meu Triunfo, seja o que for — embora maldito — é uma certeza.

Tenho o que queria: a Sombra.

27 Março.

Cada dia vivo mais em face do Lord. Pois é diante dele que o meu tormento, em todo o caso, diminui — preso dos seus olhos.

Ontem falou-me dos seus domínios da Escócia... um castelo imenso, entre bosques...

E era tão sombrio o tom da sua voz, referindo-se aos seus territórios... Parecia velar-lhe a garganta a sombra — talvez — das árvores seculares das suas florestas...

Escutando-o, lembrou-me, numa recordação visual, o meu Principado sugerido outrora.

29 Março.

Mais e mais a bruma me ondula — bruma de tempestade, receando

trovões.

Adivinho, inexprimivelmente, ao longe, avançar sobre mim uma sombra — uma grande sombra, aguda, triangular, em vértices repentinos...

30 Março.

Voltam as obsessões de molduras — molduras douradas a ouro fosco, onde agora porém se enquadram telas... telas só... *telas ainda sem retratos...*

1 Abril.

Procuro desvencilhar-me numa última veleidade. Não tanto para fugir da loucura — quem sabe — como para medir melhor a força do meu Mistério.

Mas embalde tento lançar luz. Em tudo isto há pequeninas certezas, reais, insofismáveis — que me confirmam o duvidoso, em maior significação.

Não me engano! não me engano! O Erro e a Sombra existem-Me.

Ao mesmo tempo prevejo que o mais fantástico, o maior, o mais sombrio, ainda me não foi descoberto.

Esperaremos...

Por mim, terminei. Vivo o meu fim. Somente, quanto durará o meu fim?...

2 Abril.

Há vestígios verdes nas telas vazias das molduras douradas.

4 Abril.

Sobem-me, em ternura, recordações de infância — um pouco a rosear o meu mundo interior. Durmo menos agitadamente — como as crianças, com a cabeça debaixo dos lençóis.

Mas chegou-me um novo receio: o medo do luar. Amaldiçoo-o sem saber porquê...

6 Abril.

Os arrepios que me soçobram juntaram-se todos numa agulha.

8 Abril.

Há duas noites que sonho grandes incêndios em ruínas.

9 Abril.

Apareceram retratos desconhecidos nas molduras douradas.

16 Abril.

Enfim — sei tudo!

Ah! por isso eu amaldiçoava o luar...

A verdade foi-me revelada quando os dois conversando, ontem, parámos sob um raio de lua.

Ignoro como é que o adivinhei. Mas, de súbito, o mistério desvendou-se-me numa certeza escarlate, iluminada a jorros — fatal, irreduzível.

Também, não podia deixar de ser assim. Aquele homem havia de ter, por força, qualquer relação com o meu segredo!

— *O LORD É A MORTE DA RAPARIGA MASCARADA.*

XVII

17 Abril.

O «fim», a veludo negro e crepes — consumou-se portanto.
Já não tremo.
Resvanei do meu mundo-interior.
Pararam as rodas e os ponteiros dentro de mim — emudeceram os timbres,
apagaram-se as lâmpadas.
Sei o meu caminho irremediável...
Para que lhe tentar fugir?
Os meus passos, de hoje avante, só podem ser os *seus* passos...
Embrenhei-me definitivamente.
Chego à grande Sombra.
— Mas aonde iremos... aonde?...
Será o último Enigma.
Porque havemos de partir, por força...

Nas molduras secretas, enfim tranquilas (elas outrora oscilavam sempre)
os retratos desconhecidos volveram-se o *seu* retrato — uniformes, a verde.
Era também fatal.

18 Abril.

Em todo o caso, que pavor sem nome!...

19 Abril.

Devíamos ontem jantar em casa da Marquesa de Santo-Stefano.

Porém, à última hora, resolveu que ficássemos no Hotel — e hoje, no Passeio dos Ingleses, todos os nossos conhecidos nos voltaram as costas! Entre eles, o amigo de Paris que nos apresentara.

Mas parece nem o ter notado...

Sigo de abismo em abismo.

20 Abril.

Saiu de madrugada.

Estava só no meu quarto, quando um maître d'hotel me veio chamar.

Contou-me que uma senhora estrangeira, numa grande agitação, procurava o PRÍNCIPE — que tinha a maior urgência em lhe falar... Era um caso de vida ou de morte. Se ele não estivesse, ao menos suplicava que a ouvisse o seu amigo.

Corremos ao salão.

A desconhecida desaparecera...

— O Príncipe!...

21 Abril.

Suicidou-se ontem a Marquesa de Santo-Stefano.

Preveniu-me ao almoço que partimos hoje. Tomaremos o comboio na estação de Ville-Franche.

É outra a força que me arrasta.

— *A sua morte! A sua morte! A sua morte!*...

XVIII

.....

Não atravessámos nenhum mar. A viagem foi toda de caminho-de-ferro. E não posso dizer quantos dias durou.

O expresso caminhava vertiginosamente, parando em raras estações — estações porém que eu nunca descobri, olhando pelas vidraças.

Febril de quebrantos, disperso de agoiros, aturdia-me a impressão de que o comboio não marchava horizontalmente, mas verticalmente, desmoronando-se em nuvens que o peneiravam através de estreitos poros — bem como ao meu corpo.

De resto, já sem mundo-interior, deportado dele para sempre, só de muito longe (e a muito vago) sentia — e de mais longe posso referir aqui o que sentia. Apenas os seus olhos actuavam ainda a minha vida — os meus sentidos, as minhas recordações.

Fomos sempre face a face.

Chegámos, noite cerrada, a uma gare imensa — desta vez real, bem visível. Mas uma gare inexplicável: deserta, sem chefe. Pelo menos eu não vi nem chefe, nem soldados, nem carregadores...

Esperava-nos um grande automóvel cinzento, muito agudo. Subimos. Mais vertiginoso do que o expresso, o veículo marchou algumas horas. Durante o trajecto não trocámos uma palavra. Creio até que nunca mais trocámos uma palavra.

A noite, densíssima — tão escura que oferecia resistência ao próprio automóvel...

Por fim, a carruagem estacou. De volta as trevas ainda. Entanto, próximo, sentia-se — não se via, pressentia-se numa emanção de altura — a sombra

dum grande edifício torreado.

Descemos. Atravessámos as ruas dum jardim — suponho. Sobre uma escadaria, muito larga, de mármore negro — um lacaio, de libré toda branca, empunhava, mal aceso, um candelabro antigo.

Entrámos.

Numa sala de tecto elevadíssimo, havia uma longa mesa posta para muitos convivas. Luzes baças, sempre.

Sentámo-nos. Mas não apareceu ninguém.

Bebemos Xerez. Trinquei um fruto.

Tinha desaparecido...

O mesmo lacaio, hirto, silencioso, me guiou por escadas intermináveis e fundos corredores ao grande aposento de abóbadas onde escrevo estas páginas — à luz ondulante duma grossa vela de cera...

— Onde estou, meu Deus, onde estou?... Para aonde me trouxeram... que vão fazer de mim... que pretendem de mim... a que me irão obrigar?...

Há lembranças de pavor, ainda, na minha alma — tão funesta é a noite, tão cerrado o Enigma...

Arrepanham-me cabelos de feitiço.

Volvem-se estátuas de ferro os momentos.

Olho em volta. Perscruto a penumbra.

Bailam sombras em todo o aposento: sombras rasteiras, pesadas, sólidas, que esvoaçam sem asas — e que a chama triste do círio não logra afugentar.

O leito espera-me ao fundo — abafado, insondável — sob cortinas de damasco púrpura. Lençóis de bretanha; colchas da Índia.

À direita, um grande armário de espelho. Mas estremeço... ranjo de presságios... O espelho está partido... estalado de alto a baixo...

Há portas, seguramente de desvãos, que não ousa abrir, em arrepios — bem como a grande janela do fundo que uma tranca exagerada cerra...

Lá fora, nas galerias, em todo o palácio — um silêncio de catedral.

No quarto, uma atmosfera húmida — turvada em olores de insídia, contundentes.

Resolvo-me num ímpeto...

Destranco a janela... abro as vidraças...

Uma lufada de vento — de vento, e de qualquer coisa menos fluida — vergasta-me o rosto... vai apagar o castiçal...

Debruço-me. Apenas a escuridão... Adivinho, entanto, que uma grande altura se escoia abaixo de mim...

Devo estar numa torre...

Longe, o mar ruger... talvez... o mar, ou florestas que rumorejam... É um clangor soturno, opaco — que, à distância, tanto pode ser do oceano como das bétulas.

— Que haverá defronte dos meus olhos? Que haverá a meus pés?...

Nem uma estrela que brilhe... uma luz esquecida...

Mas é bem certo que um grande espaço se abisma e se alastra em torno de mim.

Dir-se-ia que estou em pleno azul, suspenso — como na barquinha dum balão...

Longos minutos passo à janela.

Sempre a mesma treva, o mesmo rumorejar...

Reúno-me num esforço derradeiro de lucidez.

Com efeito, ninguém jamais viveu horas Maiores.

Solene segredo!

— Onde estou? Que existe em cerca de mim? *O que é que não existe?*... que foi ontem? que será amanhã?...

Cingi a minha obra de Astro. Que mais posso esperar?

Deixo-me cair sobre o leito.

E só agora, nas trevas, sei que há frescos — grandes frescos sombrios, obras-primas de claro-escuro — nas paredes que me envolvem. Sinto as suas

figuras a projectarem-se no meu corpo — em relevo, por húmidade...

— *Dormirá também?...*

Para escrever, acendo de novo a vela.

Inferno! Não sonhemos mais!

Urge acordar e salvarmo-nos.

Seja como for, seja o que for, seja *quem* for — o resto dissipar-se-á, e eu serei obrigado a reconhecer-me: pois vivo, vivo, entanto...

Palpo o meu corpo... acho-o todo... E o meu coração lateja.

É tempo de salvar-me. Ilusão! Ilusão!

Não sonhemos, embora — asseguremo-nos do Triunfo. Infame aquele que, por um enleio, deixasse perder tamanha vitória.

Breve, a manhã há-de raiar. E eu saberei! saberei! saberei!...

Tudo menos isso!

Ainda que esteja certo do que é o Príncipe.

Deixar perder tanto Ouro morto... deixar ruir tanta Sombra... Não! Não!... Ao contrário... Mergulhar nela indefinidamente... misturar-me a ela... sê-la... sê-la a mais Resgate!...

— Ó êxtases de Arminho! Luar crucificado... Esfinges de Profundura...

Depois, tudo se esvai em frente desta Maravilha. Logo, é esta que eu devo fixar a sedições de Prata. Fixá-la, sim, encerrá-la em jade — ópio coleante... profética volúpia...

Comigo — estas páginas do meu caderno vermelho, secretas também, confiadas à Altura...

O próprio vento, ogivalmente, abriu a janela de par em par.

As sombras cresceram — e agora o seu cortejo, roçando doces, desfila em triunfo...

Nas galerias solitárias, a esta apoteose — ah! por força! progridem imagens de neblina violeta... assim como ondeiam brocados nas salas próximas, douraduras telintando o ar... e se abatem tapeçarias... se desvendam reposteiros...

Passam cultos mortuários...

Sou funerais em Memphis...

... E a janela aberta, ampla, insondável, sobre a noite — lagoa-pelúcia, orquídea velada do meu Capricho...

Vá! Leoninamente — dum jacto!...

O grande salto!... ao Segredo... na Sombra... para sempre... e a Ouro!... a Ouro!... a Ouro!...

Lisboa e Paris, Abril-Setembro 1914.

MISTÉRIO

a José Pacheco

I

A sua dor era tão grande que pondo a mão na sua fronte sentia todo o seu esqueleto.

O ônibus que o conduzia resvalava agora barulhento de ferragens pela Avenida Monumental, e esse ruído acre, unindo-se às luzes imensas que o fustigavam zebrando-se através das vidraças tilintantes, dava bem a expressão rítmica da sua alma actual. A sua alma de hoje era toda vidros partidos e sucata leprosa.

Disperso, o artista olhou em redor de si. Atentou no panorama que o envolvia e pôs-se a delirá-lo, seguindo-o na sua multiplicidade. Pois o cenário interior do auto-ônibus era inconstante: variava momento a momento em função da paisagem exterior. Ao dobrar as esquinas, os grandes prédios e as árvores atravessavam-no resvalando em semicírculo, e os candelabros zigzagueantes vergavam-se enclavinhadamente, penetrando em rodopio pelas janelas.

Depois, o transeunte que esperara o carro num portal e subira com o veículo a andar, trazia ainda consigo o quadro da porta aonde se incrustara; bem como a rapariga gentil e europeia que se assentara agora ao lado dele, vibrava toda ainda de luar, perlada de movimento, pois correrá fugitiva do grupo das suas companheiras a trincarem, a rir, laranjas de Espanha — lá longe já — e sobre as quais, saudosa a alma, a lua de Dezembro incidia ecos de platina.

E no ambiente da mobilidade, olhando mais, ele distinguia, realmente distinguia à força de concentração, gomos de ar que se entrechocavam e soçobravam em catadupas, vértices esbatidos de luz, calotes de cor, planos que ora volteavam ora se detinham, harmonizando-se bizarramente, e eram assim — com as coisas que sustentavam ou traspassavam — uma beleza nova talvez, em todo o caso bem digna dum pintor imortal.

Desviando a sua atenção para as formas materiais que tinha em sua volta, o artista via agora as oscilações arrepiadas e berrantes dos bancos vermelhos da primeira classe deserta, e as fisionomias múltiplas dos passageiros cujos rostos se confundiam sucessivamente com os dos transeuntes que deslizavam pela rua, paralelos a eles, e que eram só os seus próprios quando o veículo parava...

O movimento! o movimento! — o grande renovador que tudo multiplica, e vibra, e delira...

Porque era a sua desolação tamanha? Precisamente porque a sua vida era uma existência parada de alma e corpo — uma existência onde nunca sucedera coisa alguma. *A sua vida era como se não existisse.* Por isso, uma tarde de ânsia, o artista tomara a decisão esbraseada de a procurar febrilmente, de a construir, por suas próprias mãos unguidas, à força de aventura. E desde aí, elançara-se sôfrego sobre o mundo, sobre a vida em suma, transpondo, correndo, estrebuchando... Mas nada até hoje vencera erguer dela para si. O seu corpo e a sua alma pareciam ter a estranha propriedade de afastar as horas, assim como, inversamente, o íman atrai o ferro. Tudo girava em seu redor e fugia; só ele era sempre o centro da enorme circunferência. Deslocando-se em alma ou corpo, a querer aproximar-se do que lhe esvoava — às horas o mesmo acontecia, de maneira que a sua posição era sempre a mesma relativamente ao que, cingindo-o, se lhe esgueirava em rodopio longínquo. Ele era aquele que não tinha papéis nas suas gavetas, que podia mostrar a sua carteira a qualquer. Um criador. Por isso mesmo, quem sabe, não lhe existia a vida.

Orgulho! Orgulho! Mas em todo o caso o resgate, uma agonia tão seca...

Entanto descera na grande praça. Chamou por si fortemente, e para maior ser a sua dor, começara agora a ver-se em toda a lucidez.

Que desconforto! A sua alma era uma casa enorme, no Inverno, com a mobília atravancada, forrada de sarapilheiras, e as janelas abertas por onde o vento se engolfava sibilante... e muito pó, sobretudo muito pó, em grandes rimas de livros e manuscritos.

Nada o atraía já nem o entusiasmava; as coisas raras que ainda não tivera positivamente, se acaso as aproximava, fugia-lhes na maior das desilusões, como ainda essa manhã fugira da rapariguinha loira com quem almoçara.

Depois — e era essa a última tortura — o descalabro da sua alma, já ele o sofria fisicamente, traduzido por um torpor constante, um sono invencível — um desejo insaciável de viver de olhos cerrados. E esse sono, penetrando-o, era como que um álcool que o ruísse: não lhe entorpecia só o cérebro, embebedava-lhe todo o corpo. Pois esse sono prostrado, ele sentia-o em toda a sua carne. Toda a sua carne tinha vontade de fechar os olhos.

Turbilhões de pensamentos por a mínima coisa suscitados lhe sibilavam no espírito sempre redemoinhante, e mesmo quando em verdade não pensava em coisa alguma, sentia entanto, nitidamente sentia, o seu cérebro a trabalhar. Apenas a sua febre lhe não chegava aos ouvidos. Martírio sem nome! Martírio sem nome!

Ah! se pudesse descansar enfim... E antevisionava um quarto de hospital, muito branco, aonde, para não mais se erguer, se deitasse num grande leito, muito branco também.

Outras vezes, fustigavam-no ideias despropositadas, sobretudo lembranças vagas, reminiscências ínfimas que lhe ocorriam sem motivo. E assim, agora mesmo, de súbito, lhe acudira a recordação bem nítida dum dia de chuva da sua infância que vivera em uma praia do norte, no seu país.

Chovera todo o dia, sinistramente, torrencialmente. O céu conservara-se nocturno, houvera relâmpagos, trovões, muito vento — ah, um vento horrível que silvara desolador, arrepiante, pelas ruas do pequeno jardim do chalet. Era já pelo Outono. E as folhas secas, amarelas, as folhas mortas, haviam redemoinhado largo tempo, vergastadas sem piedade de encontro às vidraças.

Mas pela tarde amainara o temporal. Morrera o vento, cessara a chuva, tinha-se azulado o céu. E o sol, um sol triste, o sol nostálgico das tardes outonais, surgira amorável, confortadoramente dourado. Então, com a velha ama de seu pai, fora a comprar pão de milho, pão quente e loiro a sair do grande forno provinciano. E lembrava-se tão bem das ruas alagadas, das ruas estreitas e cinzentas, friamente cheirosas à humidade penetrante do ar que o sol fraco iluminava...

Mas por que motivo, ai, por que motivo, lhe viera ao espírito essa tarde banal da sua infância, só húmida e chuvosa? Por que motivo? Porque na sua alma — descobriu com horror — ele tinha hoje a mesma sensação de desconforto estagnado: sim, na sua alma havia hoje a mesma humidade penetrante, esguiamente arrepanhada, que desolara uma tarde agreste da sua

infância...

Em voz débil, um mendigo suplicou-lhe uma esmola. Era um velho homem de barba florida, e alto, e heráldico, tiritante de frio. O artista levou a mão à algibeira. Tirou algumas moedas de cobre, estendeu-lhas. O velho homem agradeceu. E assim como muitas vezes chorara a infância das pessoas idosas que estimava, uma piedade infinita começou agora a torturá-lo — piedade por todos os que sofriam, e mesmo pelos que não sofriam: os felizes, os medíocres, toda a gente... à força de egoísmo, sentia-se quase morto de ternura compadecida.

Entre estes pensamentos esmagadores, chegou ao seu quarto. Era um vasto aposento num bom hotel, atapetado, confortável, do qual entanto ele desertava todas as horas que lhe era possível. Pois quando, especialmente de dia, se encontrava nesse quarto, parecia-lhe que todos os móveis e os reposteiros o traspassavam, e que as próprias paredes, mimando esgares obscenos, cresciam sobre ele a esmagá-lo. Uma noite acordara até horrorizado: a casa inteira endoidecera e, se não fugisse para o corredor, decerto que, numa loucura furiosa, as cadeiras e o guarda-vestidos de mogno o teriam estrangulado. Tratara-se apenas dum pesadelo, era claro, tão estrambótico porém que, embora medonho, o fizera rir sozinho às gargalhadas quando acordara dele.

Deitou-se logo e, antes de adormecer, pensou ainda: «Todo o meu sofrimento provem disto: sou um barco sem amarras que vai bêbado ao sabor das correntes. Se conseguisse lançar âncoras... Mas aonde... aonde?...»

E na manhã seguinte, após um sono seguido de dez horas, acordou morto de sono para viver mais um dia igual e vazio da sua vida...

Logo de manhã lembrara-se: «Que sensação tão bizarra eu tive ontem ao colocar a mão na minha frente... Senti todo o meu esqueleto. Mas senti-o singularmente. Senti-o em sombra. É verdade: quando levei a mão à minha frente, senti que por debaixo dela se esgueirava a sombra esguia do meu esqueleto. Era esta a expressão da dor máxima, compreendi. Mas porquê... porquê?... E se eu enlouquecesse?....»

Muitas vezes o artista, para remédio da sua angústia, pensava no suicídio. E então dilacerava-o uma ternura infinita, uma piedade ilimitada por si

próprio. Pois havia de se destruir, ele?... Sim, era essa talvez a salvação... Que tristeza!... E via-se alguém que atravessasse uma ponte transportando um fardo precioso e que, por não ter mais forças para o carregar, fosse obrigado a lançá-lo ao rio, no último desânimo, perto já do seu destino.

Entanto por mais duma vez ele decidira, positivamente decidira, meter uma bala no coração. Chegara a comprar uma pistola. Mas por fim, até hoje, sempre renunciara à sua ideia numa grande alegria — alegria porém logo dispersada: É que, mesmo não se suicidando, havia de morrer mais tarde. *Ainda se, ao menos, o não suicidar-se lhe evitasse a morte...*

II

Sim, precisava ancorar porque era preciso viver para as suas obras.

Há bem pouco recebera uma carta dum amigo íntimo. Em resposta aos seus lamentos, aos seus gritos de desolação, dizia-lhe este, depois de rodeios em que se desculpava por aconselhar tal remédio a uma alma genial como a sua, que talvez (estava mesmo certo) as horas se lhe erguessem, se lhe limpassem, se ele quisesse procurar uma companheira gentil, acariciadora, que o entendesse um pouco e a quem o artista desse a vida — isto é: que fosse a razão, enfim, da sua existência destrambelhada.

Porque era verdade: até hoje a sua vida fora passada aos tombos e aos gritos. Afogueado, suado de alma, tendo visto todas as coisas mas nenhuma inteiramente conhecido — sentia-se uma criança que, na ânsia de jogar com todos os brinquedos que ao mesmo tempo lhe houvessem dado, se lançasse sobre eles, mal tocando em cada, e logo farta, desencantada, por saber o que todos faziam, sem verdadeiramente ter brincado com nenhum...

Uma companheira... uma companheira... Uma noiva talvez... Sim, às horas enternecidas, por vezes ele sofrera a nostalgia dumas mãos brancas que lhe apertassem os dedos... e duma boca húmida que se vergasse para a sua... e de tranças louras bem cheirosas a mocidade e a amor...

... As ruas duma grande quinta; um ar sadio, aureolado — confiança, singeleza, paz...

Por isso, respondera ao amigo que fora inútil pedir perdão pelo conselho. Oh, se essa companheira existisse... se a encontrasse... Sim, sim, talvez fosse esse o remédio da sua vida...

Procurá-la?...

Ai, para quê, procurá-la...

Se fosse como todos... Mas não. Ele, ao amor, exigia que fosse amor. E o

amor não existe.

Nem eram sequer lances de paixão, requintes estranhos ou perversões longínquas que sonhava. Apenas isto: uma alma que conhecesse inteiramente e que também lhe soubesse toda a alma. Sendo assim, o maior afecto as uniria. E punha-se a antevisionar uma existência quimérica: ele, o Artista, realizando pouco a pouco, sem febre, ungidamente, as suas obras imortais, acastelando sonho após sonho — e em baixo, quando do alto da montanha olhasse, uma vida de aurora: uma companheira sincera, espontânea, pequenina e loira, a beneficiar-lhe a existência, a aquecer-lha... Braços nus e rosas brancas desfolhadas.

No fundo queria muito à vida. Eh! não o fossem imaginar alguém divagando por outras regiões, fechado numa torre de marfim erguida além-céu. Simplesmente amava uma vida despida de tudo quanto nela o nauseava. Ora o que o nauseava era precisamente a vida de todos e de todos os dias...

Não, estava decidido, não fora feito para a felicidade.

O remédio era outro: renunciar, vivendo, ou vencer, morrendo.

Já raras vezes procurara até vagamente essa companheira afectuosa. Mas fugira sempre apavorado do abismo que, ao aproximar-se um pouco, se lhe deparara entre ele e a encantadora. De modo que a todas podia aplicar a frase que escrevera a uma: «Na tua vida, meu amor, eu não fui sequer alguém que passou, alguém que surgiu — fui um desaparecido.»

A incompreensão!

Fora esta a barreira em que sempre tropeçara e em que sempre havia de tropeçar — era irremediável, demasiadamente o sabia.

De resto, essa barreira entrepunha-se entre todos os homens — os perpétuos isolados. Apenas a *maioria* se contentava em trocar olhares, sinais vagos, de cada margem do abismo. E nenhuma destas almas diligenciava sequer aproximar-se da outra, que existia além do precipício!... *Era como se fosse impossível.*

Ao fim duma convivência de muitos anos, duma convivência quotidiana, jamais toldada, se os velhos esposos se olharem bem, se se descerem bem, encontrar-se-ão — ai, fatalmente se encontrarão — dois estranhos separados por mil ninharias: mil pequenas mentiras, mil deslealdades insignificantes. As suas almas nunca se souberam — mesmo que, sinceramente, eles tenham

acreditado na sua amizade e no seu amor.

... É que a amizade, na vida normal, não passa dum ideia falsa, dum preconceito a que pouco a pouco nos fomos adaptando. E o amor... Ora, uns laivos de literatura barata e de espasmos húmidos com que excitámos a convenção e a unguimos de pacotilha...

Aliás o artista concordava em como era difícil desvendar uma alma. Mesmo quando nós queremos dizer a nossa a um amigo querido — escapam-nos sempre alguns detalhes que não podemos explicar, talvez à falta de palavras, e que sentimos serem exactamente aqueles que a descreveriam em toda a luz. Estrebuchamos, debatemo-nos contra um denso véu que não logramos romper, *que só soçobriaria se o nosso interlocutor nos compreendesse por outra coisa — não por palavras.*

E eis porque às vezes o artista receava: «Seriam as almas segredos?»

Ah, se ao menos sofresse... Sim, em último caso, era possível que fosse encontrar no sofrimento o sentido da sua vida — a raiz. Presentira-o quando uma noite, ao caminhar solitário por uma rua estreita, cheio de tristeza sofrida, se descobrira muito mais feliz, com a existência bem mais cheia e embelezada, do que ainda há pouco, por uma grande praça, antes de lhe descer essa amargura. E talvez fosse justamente por esse motivo que, num requinte, embora sem premeditação, ele desprezava — para os vincar de sofrimento e assim os tornar mais sensíveis — alguns raros instantes que, se os ampliasse, lhe poderiam seguir dourados. Assim, ainda essa tarde o ansioso de ternura, aquele que se lastimava por nada lhe suceder, renunciara à rapariga gentil que lhe sorrira no boulevard, tão espontânea e amável... Em vez de lhe apertar as mãos, falara-lhe em fantasia, dissera-lhe um adeus sem carícia, deixara-a perder para sempre...

Mas é que, na realidade, ele nem mesmo sofria. Pois no seu espírito tudo se alterava diluído em literatura. Das suas dores motivadas e das suas tristezas imateriais, apenas trouxera obras-primas. Ora em face das maravilhas que umas e outras lhe suscitavam, logo claramente deixava de as sofrer para só as abençoar e admirar.

A sua dor, enfim, era, quando muito, a melancolia que nos fica da leitura dum livro angustiante e imortal.

Sentia-se numa grande intensidade por essa tarde linda de Inverno. A multidão pejava os boulevards europeus da grande capital — uma multidão bem contemporânea, ultracivilizada e latina. E o artista que sempre se aprazera tanto no ondear da vida moderna, levado pela corrente, era quase feliz. Subira-lhe ao cérebro, como um álcool de êxtase, toda a agitação urbana...

Esvaído num entusiasmo azul, à sede de ventura, pôs-se a entre-sonhar, como que acordado entre nuvens de ópio. Achara finalmente a sua companheira d'alma — achara-a uma tarde roxa de sol, nos jardins maravilhosos dum grande palácio real acastelado e histórico. Tudo fora quimera... Conhecer-a por acaso e logo, às primeiras palavras, fremira adivinhando-a... Depois, com o prosseguir das tardes carinhosas, pouco a pouco descera a sua alma — num assombro, numa irrealidade... Não, não era engano! Descobrir-a enfim, tinha-a enfim ao seu lado!... Aquela alma saberia sonhar toda a sua, bem como já não guardava segredos para a dele. Aurora! Aurora!...

E percorria, construindo-os, mil episódios gentis, banalmente quotidianos, até à realização inteira da sua ânsia — divagava toda a paisagem rural em que a sua felicidade desabrochava, esboçava o perfil da encantadora, via as suas tranças, as suas jóias, os seus pés nus na água fria dum regato, o seu rubor, os seus beijos e sorrisos, os seus véus, os seus dedos agrestes de unhas polidas, vermelhas...

Mas, de súbito, um ruído dissonante fê-lo despertar, e logo uma raiva estranha se apoderou do seu espírito. Pois como lhe havia de suceder alguma coisa, se tudo imaginava? Era, claro, o bastante haver sonhado de antemão um cenário, um enredo, uma figura — para jamais viajar esse panorama, viver esse episódio, conhecer essa personagem. Sonhos não se realizam. Ora ele sonhava tudo...

Não tinha repugnâncias morais — só tinha repugnâncias físicas e, nesse sentido, as maiores repugnâncias. Sabia-se capaz de roubar, mas não de matar.

Eram estes talvez os segredos da sua vida deserta; eis pelo que talvez a sua vida se restringia ao moral — isto é: ao irreal.

O mais perturbador entanto era que, de tudo isto, trazia em verdade uma

angústia invencível — mas ao mesmo tempo um orgulho de auréola, um orgulho imenso, tão cioso e dourado que talvez fosse ele até que lhe criasse todas as impossibilidades, imaginariamente.

De súbito, sem saber como, encontrou-se num grande jardim tradicional e romântico. Foi-o percorrendo enternecido, a olhar naquele ar húmido, sadiamente aromático, as crianças jogando a correrem afogueadas, de pernas nuas — e raparigas loiras lendo livros de versos ou, de mãos enlaçadas, a falarem com os seus companheiros, jovens como elas. A gente média, a gente feliz...

As crianças...

Era agora um turbilhão em seu redor. Perto, um órgão de Barbaria rouquejava música. Aproximou-se; parou em frente dum carroussel infantil... O aparelho girava vertiginoso, numa alegria de feira, transportando um enxame de crianças a montarem a rir, bem convictas, elefantes e pombas, leões e abelhas, panteras e cisnes.

Ora o artista, quando olhava para a sua infância, sofria uma saudade tão grande, um enternecimento tão comovido... Só nessa época indecisa ele fora feliz — tivera tudo. E porquê? Percebera-o nitidamente nesse instante — tinha ali o exemplo em sua face: É que, na infância, não possuímos ainda o sentido da impossibilidade; *tanto podemos cavalgar um leão como uma abelha...*

III

Noite a noite o sofrimento do artista se fora exacerbando. Mais do que nunca, sentia agora uma necessidade atroz de aportar. Pois num último tédio, olhando a existência, vinha-lhe a sensação incoerentemente bizarra, de que as horas o arrastavam consigo na sua carreira alucinante, e de que ele entretanto permanecia sempre no mesmo tempo...

Se se descia bem, se se media bem, achava-se numa grande amargura sem forças para se vencer. De modo que era este o seu futuro — conformara-se —: ir-se habituando instante a instante à ideia do suicídio. Uma vez, era fatal, chegar-lhe ia a força de se destruir, de ser vencido, já que não podia vencer — em suma, de pôr termo àquela situação intolerável, húmida, estagnada, viscosa...

E foi, desde aí, só esta a sua esperança. Mas, esperança triste que fazia por olvidar, esquecendo-se a si próprio, anestesiando-se com a vida diária...

Como todas as tardes, lá divagava ele, solitário, pelas grandes ruas...

De súbito, num gesto expansivo, alguém lhe estendeu a mão... Era um conhecimento banal, a quem nada o ligava, que há muito não via — mesmo com quem raras palavras tinha trocado ainda...

E à noite, cedo, ao encaminhar-se para sua casa, a pé, o artista ia relembrando as agradáveis horas que passara com esse estrangeiro distante. Como fora encontrar nele uma alma aberta, e ampla, e intensa...

Tinham pouco falado de arte, imediatamente resvalando, numa súbita intimidade, para a descrição das suas próprias almas. E que pontos de contacto logo acharam entre si! Como o artista, também o estrangeiro delirava em grandes ideais — e em grandes torpores, grandes náuseas. Às vezes, confessara-lhe até, assaltava-o um desejo esbraseado de enlouquecer a

fim de pôr termo à sua vida, de qualquer forma, e não pensar mais nela. O suicídio repugnava-lhe — quisera sempre tão orgulhosamente à existência... E, doido, existiria — embora morto na ânsia, tranquilo, morfinizado, visto que por convulsionada que fosse a sua loucura, nunca o seria tanto como a sua vida de aspiração. O artista concordava com ele. Endoidecer — que vitória!... E pusera-se a falar de si. Contara-lhe como se sentia vogando ao sabor da corrente, barco sem amarras, ébrio de ouro sobre a água profunda, lodacenta, amarga. Descrevera-lhe a sua angústia. Dissera-lhe do segredo eterno das almas. E o estrangeiro observara:

— É desolador, é horrível. Duas almas, por mais leais, por mais unidas, separa-as sempre um turbilhão de pequeninas coisas que se aglomeram em uma nuvem impossível de varar. *Mas, ai, quem sabe se é por isso mesmo que elas existem...*

Enfim, enfim, tinha achado um belo companheiro — ele que há tanto não encontrava um homem. E a convivência entre os dois prosseguiria...

Esteve uma semana sem o ver. Durante ela a sua angústia foi a mais dolorosa. Parecia-lhe realmente tocar um limite.

Endoidecer! — ah, se conseguisse semelhante triunfo...

Numa obsessão, o seu cérebro imaginoso, o seu cérebro literário, logo começou a trabalhar essa ideia — depressa fantasiando um homem que, no desejo de enlouquecer, saísse à rua e desfechasse de súbito um tiro sobre a primeira criatura que passasse e ele não conhecesse. Escolheria mesmo uma rapariguinha galante, suave e loira, porque se escolhe sempre em todas as circunstâncias. Assim haveria um pouco de ternura na tragédia. Ora esse homem, matando alguém que nunca encontrara, cometera um acto injustificado — isto é: *um acto de loucura*. Seria preso. Explicaria o seu crime: fora para endoidecer, praticando uma acção incoerente, que assassinara — e juntaria a razão enternecida porque escolhera a sua vítima. À primeira vista este homem deixava de ser um doido: houvera um motivo no seu crime — querer endoidecer. Mas, por amor de Deus, tal motivo melhor vinha provar ainda a sua loucura: só a um doido podia ocorrer semelhante ideia. E enfim o assassino seria dado por irresponsável, seguramente, e encerrado em um manicómio...

Porém, na verdade, depois de se ver em tal situação encruzilhada, este

homem era ou não era um doido? Mistério. Pois ele chegara a essa situação *coerentemente louca*, por um raciocínio bem seguido, bem voluntário e bem certo.

Entanto, colocando-se dentro da sua personagem, o artista logo concluiu que esse homem, *ainda que não fosse um doido*, havia de enlouquecer, sem dúvida — pelo menos após a sua entrada no manicômio — na ânsia de se descer e atingir se tinha ou não vencido.

Sim, tamanho rodopio afogueado havia de silvá-lo, que fatalmente as ideias se lhe emaranhariam até soçobrar no azul, num último crepúsculo...

... E de todo este estranho devaneio, é claro, só restou ao artista o assunto para uma das suas complicadas novelas. Aliás sucedia-lhe sempre o mesmo — com as suas divagações, e as suas tristezas, as suas dores. *Por isso nunca se tomara a sério.*

O sofrimento físico em que se lhe convertera há muito a desolação moral, era agora requintadamente torturante: Ainda o mesmo álcool, o mesmo sono em toda a sua carne. Mas outrora essa vontade impossível de dormir, que era a febre da sua alma angustiada, espalhava-se-lhe pelo corpo inteiro. Enquanto que hoje, entre a carne sonolenta, havia pequenas porções, intervalos nítidos, bem despertos. O que mais o enastrava de angústia pois, destrambelhadamente, lhe vinha enclavilhar em torpor excitado a ânsia abatida desse quebranto infernal.

Correram alguns dias. De novo encontrou o estrangeiro.

Uma bela convivência se ia agora prolongando entre os dois; quase todas as tardes passavam algumas horas juntos — e uma vez o amigo disse-lhe para vir jantar com ele, a sua casa. Habitava com a família, o pai e duas irmãs, uma linda propriedade nos arredores da capital assombrosa. Queria-lhe ler um poema, e mostrar-lhe os seus livros e as flores da quinta. Tanto insistiu que o artista, preferindo recusar, aceitou.

Pelo caminho foi-se lembrando que era essa a primeira vez que alguém o levava a jantar em sua casa, com a sua família...

IV

... E agora, às tardes perfumadas, ele revia etereamente todo aquele sonho, hoje bem real, junto da sua companheira afectuosa, no jardim singelo da «vila» isolada que os noivos tinham vindo habitar num país do sul — o país do artista, um país luminoso....

Maravilha! Maravilha!

Quando o amigo lhe apresentara a sua irmã mais velha, quem lhe dissera que naquele corpinho lindo e fútil estava a realização do seu sonho?... Mas logo depois, pouco a pouco, irrealmente, de enlevo em enlevo, fora descobrindo naquela alma A que nunca esperara encontrar — a velada subtil! Até que, de quimera em quimera, erguera enfim a realidade, salvando a sua vida na aventura inigualável. E hoje — vitória azul! — tinha *alguém*: alguém que sabia inteiramente quase, alguém que não era um estranho, um desconhecido astral; alguém que por seu turno o compreendia já sem segredo.

Auréola! Auréola! Lançara pontes sobre o abismo insuperável — conquistador iriado da sombra: e pela vez primeira, duas almas estavam ali, sim, face a face, libertas do mistério!...

O esforço de romper uma ténue rede áurea, e seria inteira a sua glória...

Ah! como se encontrava riosamente feliz, hoje... Tinha côncavos de mãos brancas, sadias, onde mergulhar os seus dedos ansiosos, e uns lábios dourados para morder — toda uma carne sensível a divagar. Sentia vida dentro de si, ele que sempre vivera em morte. *Tinha*, finalmente, ele que nunca tivera. Pois agora, ao fremir sobre o corpo gentil da amante precoce, daquela pequenina esposa que se lhe entregava com toda a carne velada em rubor, ondeante de rosas — um orgulho infinito o ascendia porque, nas suas mãos, em êxtases e lírios, oscilava, realmente oscilava, não só um corpo — como outrora, nos abraços desiludidos — mas também uma alma. E,

vibrando esse corpo, emaranhava ao mesmo tempo essa alma — sim, possuía-a carnalmente, em ânsia iriada, num espasmo de luar, numa agonia fluida, num arrepio de auréola esbatida, subtil de transparência sonora...

Noite a noite o triunfo era mais nítido, era mais sensível. Entanto alguma coisa faltava ainda — uma pequena luz — para chegar ao fim: ao além, que ele entrevia definitivo de Oriente, e musical, ecoando timbres esguios de aromas ritmizados.

Sim! Sim! Erguera-se! Deixara de ser um estranho: coisa alguma o isolava dessa alma estremecida! Companheiras ideais, heróicas e profundas, reciprocamente se haviam aprendido aquelas duas almas. E era-lhe ainda mais caricioso saber d’alguém que o conhecia sem segredo, do que ter varado enfim o mistério d’alguém.

Ai, como ele sofrera outrora nos seus grandes momentos de ternura magoada, à ânsia de se lançar — pobre coisa, triste coisa — nos braços d’alguém que, *sem palavras*, o entendesse um pouco, sentisse um pouco a sua dor. E em face da incompreensão total, mesmo de certos amigos leais que na verdade o estimavam e que, não obstante, tão a miúdo o feriam — quantas vezes não sufocara um desejo feroz, um desejo perverso, de lhes atirar com a sua alma como quem arremessasse com um globo de ouro, tilintante de luzes... E então, que eles ainda lha poluíssem — que lha pisassem, ah, que lha pisassem!...

Hoje porém, vencera. Irrealidade! — tinha o que sonhara! Tinha uma doce companheira a cujos braços débeis se podia confiar silencioso e que, em silêncio, adivinhava os segredos da sua alma — as pequeninas coisas veladas que se não sabem dizer, — enfim: alguém que lhe *sentia* toda a alma como se *sente* uma obra genial.

Pela primeira vez não estava só. Com efeito, como nunca existira em relação a ninguém, andara sempre só — mesmo na companhia dos seus camaradas se sentira sempre um ausente. Apenas vivera um pouco mais acompanhado, no estrangeiro, em grandes períodos de isolamento, devido à concentração do seu espírito, tanto mais intensa quanto menos o atingia a vida diária, e que por isso o lembrava melhor a si próprio, o fazia viver um pouco mais dentro de si. Hoje, como existia em relação a outra alma, *como achara a sua alma perfeita*, vivia enfim realmente acompanhado.

Muita vez o artista pressentira que lhe faltava qualquer coisa que os outros

possuíam. Ignorava o quê. Entanto, fosse o que fosse, tinha a certeza que se resumiria num ponto de referência. Pois bem: hoje preencheria esse vácuo. Eis tudo.

E mesmo, em verdade, só agora é que se conhecia — *por haver alguém que o conhecia*. Triunfara. Deixara de ser um isolado — mas realmente; não como os outros, hipocritamente.

Nessa atmosfera cariciosa e tépida o seu corpo destrinçara-se — porque era assim: ele tivera sempre a sensação de que o seu corpo andava enastrado, contorcido, embaralhado.

Se se divagava, logo via, numa ascensão, como se lhe substituísse o cenário d'alma. Amanhecera dentro de si numa antemã gloriosa. Todas as nuvens se haviam desacastelado, deixando o sol raiar sobre o oiro. Um montão de coisas cinzentas se desmoronara em ruínas de azul. As sarapilheiras tinham voado, descobrindo móveis de marfim e prata...

Depois, ele percorria-se hoje em largas avenidas, enquanto que, outrora, dentro de si apenas tropeçava por becos e saguões.

Também lhe não vinham já desejos de se estender no chão, ao comprido, nas ruas das grandes capitais, como dantes — talvez por ser essa a posição dos mortos sob a terra.

A sua alma que fora sempre um canal estreito, viscoso e mefítico — ou, quando muito, um pântano aluarado — era hoje uma torre branca erguida a meio do mar.

A sua vida enfim, lançara amarras — fundeara numa baía de festa, cheia de sol, embandeirada, ruidosa, imensa, ondeante de mastros e velas.

Tudo era horizonte em seu futuro.

A «vila» que os noivos tinham vindo habitar, engrinaldava bem uma felicidade milagrosa como aquela. Assemelhava-se a um desses sensatos «cottages» ingleses e, por fora, revestia-a um manto de glicínias. Um jardim afectuoso, muito verde, todo relvado e aromático, cingia-a num círculo de frescura e saúde. Em volta, um grande isolamento. Apenas, a uma centena de metros, fronteiramente quase, uma outra «vila» habitada por um poeta doido e o seu enfermeiro. Um jardineiro e uma criada velha serviam os dois noivos.

Entanto, a capital adivinhava-se ao longe num tumultuar de luzes, pressentida num vago eco a movimento e a civilização que melhor vinha frisar ainda a tranquilidade e o isolamento da moradia encantada.

Sim, sim! — tivera um termo a sua vida.

Pois toda existência futura ele a percorria do presente em bonança: aromas novos, novos sons, outras cores, no mesmo fundo eterno a ouro e a azul. Sem mais estrebuchar, ir-se-iam criando as suas obras, lisamente, em paz, só em febre ideal, — e nunca lhe faltaria um ombro dócil para recostar a sua fronte sagrada.

Estava prestes agora a fulgir o último triunfo — a comunhão inteira daquelas duas almas. E era tão grande a felicidade do artista, tão sonhada que lhe vinha até um desejo singular de morrer com a companheira das rosas. Mas esse desejo logo se dispersava, claramente, numa ânsia de vida, num júbilo de mãos frias que lhe enastravam os dedos.

Entanto, com as ideias de morte também uma dúvida — longínqua dúvida — o assaltara: *Poder-se-iam, em verdade, abater todas as barreiras entre duas almas?...*

Ia sabê-lo essa noite. Sim, essa noite — estava certo — havia de atingir o além da sua felicidade: a ténue rede de ouro que, embora translucidamente, ainda separava as duas almas, voaria enfim dispersa.

Por isso era a sua glória ilimitada quando, ao recolher, subindo para o seu quarto, entrelaçara o corpo agreste da amante aureoral e a mordera na boca, confundido com ela na mesma sombra...

V

A loucura do poeta que vivia próximo, era a loucura tranquila e etérea dum náufrago do irreal. Assim os seus amigos, compadecidamente, lhe tinham evitado o manicómio, isolando-o naquela vivenda carinhosa e aprazível.

Entanto, essa noite passou-a ele muito agitado. Numa grande vibração, só queria vir à varanda do seu quarto — e debruçava-se olhando o espaço.

Seriam umas três horas, erguera-se mesmo do leito e de novo correrá à varanda. De súbito — segundo o enfermeiro devia contar no outro dia — esgazearam-se-lhe os olhos, todo o seu corpo oscilara e, apontando na «vila» fronteira a janela do quarto dos noivos, tinha soltado um grito estridente. Depois, num delírio, contara que vira sair por essa janela uma chama, uma grande e estranha chama, ou antes: uma forma luminosa que galgara o parapeito e que, num espasmo arqueado, numa ondulação difusa, ascendera, voara perdida...

Na manhã seguinte, como fossem onze horas e os patrões não dessem sinal de si — eles, tão matinais — a velha criada decidiu ir acordá-los. Bateu à porta, chamou-os, gritou... Não obtendo resposta, dispôs-se a entrar. Mas, coisa bizarra, a porta estava fechada por dentro, quando, habitualmente, eles a deixavam entreaberta para o ar circular. Então, num pavor, correu a dizer o caso estranho ao jardineiro que, por seu turno, subiu ao quarto dos noivos. Chamou. Como ninguém lhe respondesse deliberou por último forçar a porta, cuja chave tinha ficado no trinco, do lado interior...

No grande leito, serenamente, dormiam os amorosos. Apenas os seus corpos estavam rígidos e frios. Mas nem um sinal de violência, uma

beliscadura.

Pelo quarto, nenhum vestígio de luta. Tudo no seu lugar. As jóias sobre o toilette. Nem uma arma. Nem mesmo um frasco que pudesse ter contido um líquido venenoso. Coisa alguma, enfim, coisa alguma. Nem um rastro, uma pegada. A porta ficara fechada por dentro. A janela, entreaberta. Mas a janela rasgava-se à altura dum segundo andar. Fora impossível encostar-se-lhe uma escada sem deixar vestígios, sem amachucar as glicínias.

E em todo o decorrer das diligências policiais, apenas se averiguou que o poeta doido tinha passado essa noite numa agitação desabitual e que afirmara ter visto pela madrugada, galgar a janela do quarto dos mortos uma chama, uma grande e estranha chama, ou antes uma forma luminosa que, num espasmo arqueado, numa ondulação difusa, ascendera, voara perdida...

Triunfo? Quebranto?

— Mistério, perturbador mistério...

Lisboa, Agosto de 1913.

O HOMEM DOS SONHOS

a José Paulino de Sá-Carneiro

Nunca soube o seu nome. Julgo que era russo, mas não tenho a certeza. Conheci-o em Paris, num Chartier gorduroso de Boul'Mich, nos meus tempos de estudante falido de medicina.

Todas as tardes jantávamos à mesma mesa, de forma que um dia entabulámos conversa.

Era um espírito original e interessantíssimo; tinha opiniões bizarras, ideias estranhas — como estranhas eram as suas palavras, extravagantes os seus gestos. Aquele homem parecia-me um mistério. Não me enganava, soube-o mais tarde: *era um homem feliz*. Não estou divagando: era um homem inteiramente feliz — tão feliz que nada lhe poderia aniquilar a sua felicidade. Eu costumo dizer, até, aos meus amigos que o facto mais singular da minha vida é ter conhecido um homem feliz.

O mistério, penetrei-o uma noite de chuva — uma noite muito densa, frigidíssima. Eu começara amaldiçoando a vida, e, num tom que lhe não era habitual, o meu homem apoiou:

— «Tem razão, muita razão! É uma coisa horrível esta vida — tão horrível que se não pode tornar bela! Olhe um homem que tenha tudo: saúde, dinheiro, glória e amor. É-lhe impossível desejar mais, porque possui tudo quanto de formoso existe. Atingiu a máxima ventura, e é um desgraçado. Pois há lá desgraça maior que a impossibilidade de desejar!...

«E creia que não é preciso muito para chegarmos a tamanha miséria. A vida, no fundo, contém tão poucas coisas, é tão pouco variada... Olhe, em todos os campos. Diga-me: ainda se não enjoou das comidas que lhe servem desde que nasceu? Enjoou-se, é fatal; mas nunca as recusou porque é um homem, e não pode nem sabe dominar a vida. Chame os mais belos cozinheiros. Todos lhe darão legumes e carnes — meia dúzia de espécies vegetais, meia dúzia de espécies animais. Mesmo, na terra, o que não for animal ou vegetal é sem dúvida mineral... Eis o que demonstra bem a penúria inconcebível da Natureza!

«E quanto aos sentimentos? Descubra-me algum que, no fim de contas, se não reduza a qualquer destes dois: amor ou ódio. E as sensações? Duas

também: alegria e dor. Decididamente, na vida, anda tudo aos pares, como os sexos. A propósito: *conhece alguma coisa mais desoladora do que isto de só haver dois sexos?*

«Mas voltando ao campo material. Arranje-me um divertimento que não seja a religião, a arte, o teatro ou o esporte. Não me arranja, asseguro-lhe.

«Com certeza o que existe de melhor na vida é o movimento, porque, caminhando com uma velocidade igual à do tempo, no-lo faz esquecer. Um comboio em marcha é uma máquina de devorar instantes — por isso a coisa mais bela que os homens inventaram.

«Viajar é viver o movimento. Mas, ao cabo de pouco viajarmos, a mesma sensação da monotonidade terrestre nos assalta, bocejantemente nos assalta. Por toda a banda o mesmo cenário, os mesmos acessórios: montanhas ou planícies, mares ou pradarias e florestas — as mesmas cores: azul, verde e sépia — e, nas regiões polares, a brancura cegante, ilimitada, expressão-última da monotonidade. Eu tive um amigo que se suicidou por lhe ser impossível conhecer outras cores, outras paisagens, além das que existem. E eu, no seu caso, teria feito o mesmo.»

Sorri, ironicamente observando:

— Não o fez contudo...

— Ah! mas por quem me toma?... Eu conheço outras cores, conheço outros panoramas. *Eu conheço o que quero! Eu tenho o que quero!*

Fulguravam-lhe os estranhos olhos azuis; chegou-se mais para mim e gritou:

— Eu não sou como os outros. Eu sou feliz, entenda bem, *sou feliz!*

Era tão singular a sua atitude, tão especial o tom da sua voz, que julguei estar ouvindo um louco, e senti um desejo infinito de pôr termo à conversa. Mas não havia pretexto. Tive que ficar, e, a partir deste momento, o homem bizarro, sem se deter um instante, fez-me a seguinte admirável confissão:

— «É bem certo. Eu sou feliz. Nunca dissera a ninguém o meu segredo. Mas hoje, não sei porquê, vou-lho contar a si. Ah! supunha nesse caso que eu vivia a vida?... Triste ideia fez de mim! Julguei que me tivesse em melhor conta. Se a vivesse, há muito já que teria morrido dela. O meu orgulho é indomável, e o maior vexame que existe é viver a vida. Não me canso de lho gritar: a vida humana é uma coisa impossível — sem variedade, sem

originalidade. Eu comparo-a à lista dum restaurante onde os pratos sejam sempre os mesmos, com o mesmo aspecto, o mesmo sabor.

«Pois bem! Eu consegui variar a existência — mas variá-la quotidianamente. Eu não tenho só tudo quanto existe — percebe? —; eu tenho também tudo quanto não existe. (Aliás, apenas o que não existe é belo.) Eu vivo horas que nunca ninguém viveu, horas feitas por mim, sentimentos criados por mim, voluptuosidades só minhas — e viajo em países longínquos, em nações misteriosas que existem para mim, *não porque as descobrisse*, mas porque as edifiquei. Porque eu edifico tudo. Um dia hei-de mesmo erguer o ideal — não obtê-lo, muito mais: construí-lo. E já o entrevejo fantástico... e todo esguio... todo esguio... a extinguir-se em altura azul... esculpido em vitória... resplandecendo ouro... ouro não, mas um metal mais áureo do que o ouro...

«De resto, é evidente, faltam-me as palavras para lhe exprimir as coisas maravilhosas que não existem... Ah! o ideal... o ideal... Vou sonhá-lo esta noite... Porque é sonhando que eu vivo tudo. Compreende? *Eu dominei os sonhos*. Sonho o que quero. Vivo o que quero.

«As viagens maravilhosas que tenho feito! Vou-lhe contar algumas... A mais bela é esta, porque foi a mais temível:

«Eu estava farto de luz. Todos os países que percorrera, todos os cenários que contemplara, inundava-os a luz do dia, e, à noite, a das estrelas. Ah! que impressão enervante me causava essa luz eterna, essa luz enfadonha, sempre a mesma, *sempre tirando o mistério às coisas*... Assim parti para uma terra ignorada, perdida em um mundo extra-real, onde as cidades e as florestas existem perpetuamente mergulhadas na mais densa treva... Não há palavras que traduzam a beleza que experimentei nessa região singular. *Porque eu via as trevas*. A sua inteligência não concebe isto, decerto, nem a de ninguém...

«Era uma capital imensa... Os boulevards rasgavam-se extensíssimos, *sempre ascendendo*, ladeados por grandes árvores; a multidão pejava-os girando silenciosa, e os veículos — os trens, os grandes ônibus, os automóveis — rodavam isocronamente num clangor soturno. *E todo aquele silêncio se reunia em música*. Ah! que estranho calafrio de medo me varou, delicioso e novo, o corpo dispersado! Em face dos meus olhos abria-se uma vida misteriosa, enfim, porque a luz a não iluminava!... Espectáculo soberbo e pavoroso! Eu via a treva!... Eu via a treva!... No recanto duma rua perdida

encontrei dois amantes a morderem-se nas bocas. Ai, como deviam ser grandiosos aqueles beijos profundos na suprema negrura das trevas densíssimas!... Mais longe assisti a uma cena de sangue: cruzavam-se estiletos, havia gritos de dor... Nunca vivi um momento mais temível do que esse... E, pelos arrabaldes, os vinhedos carregados de frutos, os trigais maduros, as searas e os pomares que o vento balanceava... toda a vida, em suma, toda a vida, na escuridão impenetrável!... Que triunfo! Que triunfo!...

«Glória maior foi talvez a que atingi na minha viagem a um mundo perfeito onde os sexos não são dois só... Pude ver labirintos de corpos entrelaçados a possuírem-se numa cadeia de espasmos contínuos, sucessivos e actuais, que se prolongavam uns pelos outros em fuga distendida... Infinito! Infinito! Era, ruivamente era, o cântico aureoral da carne, a partitura sublime da voluptuosidade que fremiam todos esses sexos diferentes vibrando em turbilhões... A vida a deslizar em ondas... a vida a deslizar em ondas!...

«Narrar-lhe todas as minhas viagens seria impossível. No entanto quero-lhe falar ainda doutro país.

«Que estranho país esse... Todo duma cor que lhe não posso descrever porque não existe — *duma cor que não era cor*. E eis no que residia justamente a sua beleza suprema. A atmosfera deste mundo, não a constituía o ar nem nenhum outro gás — não era atmosfera, era música. *Nesse país respirava-se música*. Mas o que havia de mais bizarro era a humanidade que o povoava. Tinha alma e corpo como a gente da terra. Entanto o que era visível, o que era definido e real — era a alma. Os corpos eram invisíveis, desconhecidos e misteriosos, como invisíveis, misteriosas e desconhecidas são as nossas almas. Talvez nem sequer existissem, da mesma forma que as nossas almas talvez não existam também...

«Ah! que sensações divinas vivi nesse país!... O meu espírito ampliou-se... Tive a noção de perceber o incompreensível... Hei-de talvez lá voltar um dia, a esse país sem igual, a esse país d'Alma...

«Em suma, meu amigo, eu viajo o que desejo. Para mim há sempre novos panoramas. Se quero montanhas, escuso de ir à Suíça: parto para outras regiões onde as montanhas são mais altas, os glaciares mais resplandecentes. Há para mim uma infinidade de cenários montanhosos, todos diversos, como há também mares que não são mares e extensões vastíssimas que não são montes nem planícies, que são qualquer coisa mais bela, mais alta ou mais

plana — enfim, *mais sensível!* O mundo para mim ultrapassou-se: é universo, mas um universo que aumenta sem cessar, que sem cessar se alarga. Quer dizer, não é mesmo universo: é mais alguma coisa.

«No círculo espiritual, também para mim não há barreiras — e tenho sentido, além do amor e do ódio, outros sentimentos que lhe não posso definir, é claro, porque só eu os vivo, não havendo assim a possibilidade de lhos fazer entender nem por palavras, nem por comparações. Sou o único homem que esses sentimentos emocionam. Logo seria desnecessário ter uma voz que os traduzisse, visto que a ninguém a poderia comunicar. Aliás o mesmo acontece com as horas mais belas que tenho vivido. Só lhe posso dizer as que de longe se assemelham às da vida e que por isso exactamente são as menos admiráveis.

«Agora passo-lhe a esboçar algumas voluptuosidades novas.

«Um corpo de mulher é sem dúvida uma coisa maravilhosa — a posse dum corpo esplêndido, todo nu, é um prazer quase extra-humano, quase de sonho. Ah! o mistério fulvo dos seios esmagados, a escorrer em beijos, e as suas pontas loiras que nos roçam a carne em êxtases de mármore... as pernas nervosas, aceradas — vibrações longínquas de orgia imperial... os lábios que foram esculpidos para ferir de amor... os dentes que rangem e grifam nos espasmos de além... Sim, é belo; tudo isso é muito belo! Mas o lamentável é que poucas formas há-de possuir toda essa beleza. Emaranhem-se os corpos contorcidamente, haja beijos de ânsia em toda a carne, o sangue corra até... Por fim sempre os dois sexos se acariciarão, se entrelaçarão, se devorarão — e tudo acabará em um espasmo que há-de ser sempre o mesmo, visto que reside sempre nos mesmos órgãos!...

«Pois bem! Eu tenho possuído mulheres de mil outras maneiras, tenho delirado outros espasmos que residem noutros órgãos.

«Ah! como é delicioso possuir com a vista... A nossa carne não toca, nem de leve, a carne da amante nua. Os nossos olhos, só os nossos olhos, é que lhe sugam a boca e lhe trincam os seios... Um rio escaldante se nos precipita pelas veias, os nossos nervos tremem todos como as cordas duma lira, os cabelos sentem, dilatam-se-nos os músculos... e os olhos de longe, vendo, vão exaurindo toda a beleza, até que por fim a vista se nos amplia, o nosso corpo inteiro vê, um estremeção nos sacode e um espasmo ilimitado, *um espasmo de sombra*, nos divide a carne em ânsia ultrapassada... Atingimos o gozo

máximo! Possuímos um corpo de mulher só com a vista. Possuímos fisicamente, mas imaterialmente, como também se pode amar com as almas. Neste caso são mais doces, mais serenos, mas não menos deliciosos, os espasmos que nos abismam.

«Há ainda uma outra voluptuosidade que, por interessante, lhe desejo esboçar: é a posse total dum corpo de mulher que sabe unicamente a um seio que se esmaga.

«Enfim, meu amigo, compreenda-me: Eu sou feliz porque tenho tudo quanto quero e porque nunca esgotarei aquilo que posso querer. Consegui tornar infinito o universo — que todos chamam *infinito*, mas que é para todos um campo estreito e bem murado.»

Houve um grande silêncio. Pelo meu cérebro ia um tufão silvando, e as imagens fantásticas que o desconhecido me evocara — rodopiantes, pareciam querer no entanto definir-se em traços mais reais. Mas logo que estavam prestes a fixar-se, desfaziam-se como bolas de sabão...

O homem disse ainda:

— A vida é um lugar comum. Eu soube evitar esse lugar comum. Eis tudo. E mandou vir conhaque.

Estive dois dias sem o ver. Quando o encontrei de novo à mesa do restaurante, notei uma expressão diferente no seu rosto. Confessou-me:

— Já conheço o ideal. No fim de contas é menos belo do que imaginava... E o meu amigo que tem feito?

Pusemo-nos a falar de banalidades. Eu quis ainda levar a conversa para a sua vida sonhada, mas todos os meus esforços permaneceram inúteis.

Sáímos. Acompanhou-me até casa. Deu-me as boas noites. Depois, nunca mais o vi.

*

* *

Largo tempo meditei no homem estranho: meses e meses a sua recordação me obcecou perturbadoramente. Quis também fruir o segredo do dominador

dos sonhos. Mas embalde. Não os consegui nunca imperar e, breve, renunciei à quimera dourada.

Desde aí, a minha loucura foi toda ela de esparzir luz, ainda que só luz crepuscular, sobre o mistério admirável.

E um dia finalmente, um dia de triunfo, eu pressenti a verdade.

Que vinha a ser aquele homem? segredo! segredo! Eu dele ignorara sempre tudo. Muita vez me acompanhou a minha casa — e eu jamais conhecera onde fosse a sua casa. Afigurara-se-me russo; porém não mo dissera nunca.

Alto, extremamente alto e magro. Grandes cabelos encrespados, dum loiro triste, *fugitivo*; e os seus olhos fantásticos de azul, com certeza os olhos mais estranhos que me iluminaram algum dia. Só os posso evocar nesta incoerência: eram dum brilho fulgurante — *mas não brilhavam*.

A sua voz de calafrio, ressoando abafada e sonora, parecia vir duma garganta falsa que não existisse no seu corpo. Quando se erguia e caminhava, os seus passos ágeis, silenciosos, longos, davam a impressão total de que os seus pés, em marcha aérea, não pousavam no solo: a sua marcha era indecisa — e eis aqui o mais bizarro — como indecisas e brumosas igualmente eram as suas feições. Os seus traços fisionómicos dir-se-iam inconstantes, sendo quase impossível abrangê-los em conjunto: um grande pintor teria uma real dificuldade em fixar na tela o rosto móvel do homem dos sonhos. Quem longas horas o tivesse na sua frente, não o ficava entanto conhecendo: aquele rosto fugitivo não se aprendia em longas horas.

Enfim, da sua fisionomia, do seu andar, dos seus gestos, da sua voz, ressaltava esta impressão: o desconhecido era uma criatura de bruma, indefinida e vaga, irreal... *Uma criatura de sonho!* — passou-me esta ideia pelo espírito como um relâmpago de claridade. Sim, o meu homem era perfeitamente comparável às personagens que nos surgem nos sonhos e que nós, de manhã, por maiores esforços que empreguemos, não conseguimos reproduzir inteiramente materializadas, porque nos faltam pormenores do seu desenho: se os olhos nos lembram, esqueceu-nos a expressão da boca; se sabemos a cor estranha dos cabelos, fugiu-nos o tom fantástico dos olhos. Em suma, é-nos impossível reconstruir o conjunto da personagem indecisa que entrevimos sonhando. As suas feições escapam-nos — tal como escapavam as feições do homem bizarro.

Queria dizer: *o desconhecido maravilhoso era uma figura de sonho* — e entretanto uma figura real.

Mas foi precisamente quando, envaidecido, eu suscitara já esta longínqua claridade, que o segredo admirável se me volveu em ideia fixa.

Temí quase endoidecer, e não sei o que teria sido do meu pobre cérebro que a asa do mistério roçara, se por fim não conseguisse mergulhar mais fundo o abismo azul:

Se o homem dos sonhos era uma figura de sonho, mas, ao mesmo tempo, uma criatura real — havia de viver uma vida real. A nossa vida, a minha vida, a vida de todos nós? impossível. A essa existência odiosa ele confessara-me não poder resistir. *Demais, nessa existência, a sua atitude era a duma figura de sonho*. Sim, duma figura irreal, indecisa, de feições irreais e indecisas. Logo, o desconhecido maravilhoso não vivia a nossa vida. *Mas se a não vivia e entretanto surgia vagamente nela, é porque a sonhava*.

E eis como eu pude entrever o infinito: O homem estranho sonhava a vida, vivia o sonho. Nós vivemos o que existe; as coisas belas, só temos força para as sonhar. Enquanto que ele não. Ele derrubara a realidade, condenando-a ao sonho. E vivia o irreal.

Poeira a ascender quimerizada...

Asas d'ouro! Asas d'ouro!...

Paris, Março de 1913.

ASAS

a Alfredo Pedro Guisado

I

Já se me gravava frisantemente a recordação daquele extraordinário personagem, quando uma noite, no café, Inácio de Gouveia mo apresentou em indiferença.

Não pudera, com efeito, esquecer mais a inexplicável criatura esguia, de longos cabelos mordoirados, rosto litúrgico, olhos de inquietação — que, alta madrugada, eu vira a primeira vez, perto de Notre-Dame, solitária e extática. Mas não, como seria admissível, contemplando a Catedral na bruma violeta da antemanhã de Outono — estramboticamente, ao contrário, de costas para ela, a olhar o céu, abismada, num enlevo profundo...

Parei alguns minutos examinando o desgraçado. Contraía-se-lhe o rosto, os olhos palpitavam-lhe em bizarras divergências, enclavinavam-lhe o corpo bruscos estremeções — como se na verdade presenciasse, no espaço, qualquer cena emocionante!

Encontrei-o de novo, poucos dias volvidos, na praça Vendôme.

Mais discretamente, porque era na agitação das cinco horas, o meu desconhecido indagava sempre a atmosfera: hoje, numa atitude mais serena, enternecida a cor-de-rosa — descendo, em frágil suavidade, o olhar, instante a instante, sobre as mulheres de luxo que saíam dos automóveis...

E vira-o ainda, uma última vez, no jardim do Luxemburgo — então apenas absorto nas correrias das crianças.

Foi pois com íntima curiosidade que o saudei, na frase infalível do «muito prazer em conhecê-lo», — sincera, por excepção.

Sabia agora que era um vago artista russo, conhecido distante de Gouveia: «Petrus Ivanowitch Zagoriansky» — «salvo erro», avisara-me em português o romancista.

Este, por sinal, breve se despediu — e os dois ficámos sós.

Maravilhosamente se entabulou a nossa conversa, — parecíamos já antigos companheiros. E toda a noite eu ouvi, suspenso, as palavras do russo.

Que zebrante intensidade, que síntese de oiro!

Em face dele, a convulsionar a beleza das suas frases *novas*, vinha-me a sensação destrambelhada de que o artista não falava só com a sua boca, mas com todo o seu corpo...

Amiudaram-se, a partir daí, os nossos encontros. Uma intimidade quotidiana, mesmo. E hoje, recordando essa época da minha vida, afinal tão próxima, ela evoca-se-me em laivos de sonho, de beleza e pasmo — de inquietação, misteriosamente.

Não estou escrevendo uma novela — apenas fixando um episódio bem real, por secreto e perturbador. Assim, nem me esforçarei por dar um seguimento dramático à minha narrativa. Ela resvalará mais do que livre, desarticulada — apoiando-se quase estritamente na reprodução das nossas conversas.

Logo de início eu confessara ao estrangeiro já o conhecer de vista — e ter-me impressionado muito o seu aspecto aureolado e a sua estranha atitude, olhando o espaço, em Notre-Dame e na praça Vendôme.

Lembro-me que Zagoriansky, dessa vez, apenas sorriu num dos seus inolvidáveis sorrisos *triangulares*, acrescentando qualquer coisa que não percebi — como que uma onomatopeia hirta: decerto uma palavra russa iludindo a resposta.

Mas, poucos dias depois, quando lhe falei demoradamente da minha Arte e lhe narrei os planos dalgumas novelas — o meu companheiro, mudando de atitude, baixando enfim os olhos, principiou sem ser rogado:

— Solenemente, é admirável. Desistira de encontrar alguém que o pensasse. O meu amigo, em suma, é um artista — um Artista! Tudo quanto me acaba de sugerir — protesto-lhe — é uma Apoteose à minha vibratibilidade. Que triunfo! Pela primeira vez acho alguém com quem saiba falar da minha Arte, decisivamente. Não digo que me compreenda. Longe disso. Mas vai sentir-me um pouco. É já muito. Verá...

E pôs-se, ainda em confiança velada, a dizer-me os seus fins, as suas teorias últimas:

«— Nervos! Nervos!... Oh, o horror do Mesmo! Para que sempre fazer idêntico, se tantas coisas Outras nos envolvem?... Ao excessivo e ao diverso — em Marchetado e Ruivo!...

«Lembrava-se de mim — contou-me — de me ter visto olhando o céu, como louco, embevecido... É que enredava então um dos meus poemas Novos onde sugestionaria toda a beleza insuspeita do Ar. Do Ar, sem dúvida, meu amigo — o Grande Insidioso que tudo contorna e prolonga, esparze vibratilmente...

«Notre-Dame — incrustação medieval! Abóbadas do templo, rosáceas dos vitrais, cornijas e telhados — tudo, tudo, pelo espaço... Mas são degraus de trono, degraus de trono — outras tantas catedrais projectadas na atmosfera: sucessivas; ao Infinito! A atmosfera: um espelho de Fantasmas! E cada figura, cada ogiva, cada rendilhado — se traduz lá, vagueando-se, se projecta lá em insinuações envolventes de contorno. Pois o ar tudo rodopia, amolda e alastra, anela, diverge insondavelmente... Para além da nossa existência real, outra se influi, existe — suave: a das formas aéreas, contínuas, que emolduramos. Quem sabe até se elas não irão ser, ultrapassando o Vácuo — as almas subtis, voláteis, dos corpos doutros mundos?...

«E eis qualquer coisa que a minha Ânsia estrebuchou fixar!... Translucidez-Espectro... Visões de Nós-próprios... e dos templos... dos palácios... das torres... das arcarias... Ah! eu não vibro só os monumentos nas suas linhas imutáveis, nativas, rudes — a pedra. De há muito absorvi senti-los a bem mais Imperial nos seus moldes incorpóreos de ar — transmitidos, flexíveis, impregnantes...

«As grandes catedrais! Notre-Dame... Que altos relevos de Espaço... que maravilhosas intersecções de planos... Planos múltiplos e livres, desdobrados, que se enclavinham, se transmudam, soçobram, turbilhonam!...

«Eu quero uma Arte que interseccione ideias como estes planos!»

«Oiça bem! oiça bem! Quero uma Arte interceptada, divergente, inflectida... uma Arte com força centrífuga... uma Arte que se não possa demonstrar por aritmética... uma Arte-geometria no espaço... Sim! sim! uma Arte a três dimensões... no espaço... no espaço... *Áreas e Volumes!*»

Em vertigem, dificilmente me guiara por este rodopio. E abismava-me. Enfim! — era toda uma Imaginativa nova...

De resto, havia nas suas frases uma desconexão aflitiva, um destrambelho fugaz — e, nos seus olhos, um esplendor *fumarento*, a boca amarfanhando-se-lhe em um rictus de sombra.

Proseguiu:

— Urge também, meu amigo, que um Artista de génio saiba individuar, *animar*, a Atmosfera... quando a rompem grandes expressos, e os afilamentos dos dirigíveis, as hélices, os volantes, as rodas das oficinas, os braços dos guindastes — tanta beleza dura! — ... quando a entalham basílicas, memórias, ruínas no Egipto... debilmente, se a afagam mão esquivas de mulher, e as correrias loiras das crianças, nos jardins...

Mais tarde, havia de me tornar:

«— Acredite-me, cada vez melhor me convenço de que a atmosfera é uma fonte inesgotável de beleza inúmera. Convém que nós, os artistas, aprendamos, hora a hora, a devassá-la... Saber a Distância! compreender o Ar... o espaço, que nunca é imóvel — e vibra sempre, coleia sempre... A mínima oscilação, só por si, vale um motivo de Arte — é uma beleza nova: zebrante, rangente, desconjuntada e emersa... Fantasie um corpo nu, magnífico, estendido sobre colchas da Índia, em um atelier de luxo... Mas de volta, meu amigo, de volta, tudo será esse corpo — só a beleza purificada desse corpo!... Soçobrará o resto, desarticular-se-á em redor, focado o ambiente nessa apoteose — alabastros de convergência!... Depois é o próprio corpo que, de tanto haver concentrado, se desmorona em catadupas de oscilações afiladas, loiras, viciosas... Abrem os seios gomos de ar crispados, as pernas derrotam colunatas — agitam os braços múltiplas grinaldas; os lábios palpitam incrustações de beijos... Tudo se abate de Beleza! E o corpo é já um montão de ruínas, de destroços de ar, que ondeiam livres, em vórtice — e se emaranham, se entrecruzam, se desdobram, se convulsionam... *Todo o ar vive esse corpo nu!*

«E nas grandes oficinas... o giro ácido das rodas... os volantes... os êmbolos... as correias de transmissão... o oscilar de complicados maquinismos... Outros tantos movimentos de ar — fogos-de-artificio, é verdade, fogos-de-artificio de Ar!... Hélices, espirais, ramos de parábola, estrelas, hipérboles mortas — turbilhonando, ziguezagueando, entregolfando-se... Magia contemporânea! Europa! Europa!...

«Nos teatros, então, se uma dançarina multicolor volteia — repare — a

atmosfera toda se colore em cerca, abismando-se em despojos policromos que vêm tingir as nossas próprias mãos, os rostos dos espectadores — como o farfalhar dos vidrilhos...

«Pois é tudo isto, tudo isto, em suma (e as inflexões das espadas) que devemos — Hoje! — adivinhar e sugerir em Alma.»

Por mim, gritei-lhe, como da outra vez, o meu espanto e o meu culto em face das teorias sublimes. Ele estranhava que eu as soubesse compreender tão longe — embora os meus nervos e o meu génio. Mas breve se convenceu da minha sinceridade — dia a dia em maior confiança.

*

* *

Há dez anos que Petrus Ivanowitch levara a sua família — sua mãe e sua irmã — a abandonar Moscou, depois da morte de seu pai, e a estabelecer residência em Paris.

Desde o princípio das nossas relações me quisera, à viva força, mostrar em sua casa — onde, por sinal, conheci mais tarde Sérgio Warginsky e me deixei apresentar de novo a sua mulher — ainda muito formosa — que noutros tempos, em Lisboa, conhecera em circunstâncias tão diversas.

Uma sensação de enlevo devia trazer da minha primeira visita, pois logo de entrada se me frisou um ambiente de ternura e desvelo a cercar o Artista. As servidoras fiéis do seu génio, aquela mãe e aquela irmã — adivinhava-se num relance: Sofia Dmitriévna, uma senhora de porte aristocrático e magníficos cabelos brancos; Marpha Ivanovna, uma linda rapariga cheia de vida — alta, robusta, musculada. O tipo completo da beleza forte.

Meses depois, ambas elas, notando como Petrus preferia o meu convívio, começaram a pedir a minha opinião: mostrando-se muito receosas pela sua débil saúde — e, ainda mais, pela intensidade excessiva do seu génio, as complicações do seu espírito, toda a estranheza do seu porte. E, um dia, contaram-me que o meu amigo sofrera outrora uns ataques misteriosos, terríveis, que os médicos não souberam nunca diagnosticar: como que uma bizarra e sinistra epilepsia nova. Há seis anos, essas crises não se repetiam. Mas fora justamente desde então que se manifestara um maior desequilíbrio em todos os actos do Artista — em todas as suas palavras, e nas suas

opiniões.

Busquei sempre sossegá-las. Só hoje vejo bem como se fundamentava esse temor.

Não era, com efeito, apenas nas suas conversas de arte que Zagoriansky se exprimia inquietadoramente: em maravilhas, sem dúvida — e destrambelhos reais, não obstante. Se me dizia, por ventura, qualquer particularidade da sua alma, a estranheza e o vago persistiam. De resto, as nossas conversas nunca se alastraram neste plano. Uma natureza muito concentrada. Mas sempre que o russo se abriu comigo — foram tão singulares como as suas teorias artísticas as suas anotações psicológicas, os traços mais frisantes do seu carácter.

Por exemplo, jurou-me uma noite:

— Se eu quisesse, meu amigo, contar a minha vida, em voz alta, a mim próprio — eu mesmo não acreditaria. Ah! desenvolveu-se sempre em erro a minha existência... Se lhe entrasse em pormenores, «literatura» suporia. E, no entanto, a verdade irrisória... Menos crível, porém, é que todos os personagens da minha vida — os mesquinhos até, na aparência — tenham procedido, afinal, sempre de acordo com a minha vida. *Encontrei sempre quem devia encontrar*. Ninguém nunca procedeu comigo como procederia com outrem — mesmo os que não me conheciam... Tanto que chego a lembrar-me, em verdade, *se não serei só eu, mas muitos* — isto é: *todos os personagens da minha vida*...

Estampara-se uma dor tão grande no seu rosto — embora uma ironia estridente a repassasse — tamanha tristeza lhe velara a voz e o brilho dos seus olhos — que estremeci, por ele, uma piedade sincera incluída em um vago receio, talvez...

Breve fui notando os bruscos silêncios que havia nas suas frases, os súbitos olhares perdidos, *soltos*, que frequentemente, conversando, lançava em redor, sem se calar — numa desatenção repentina, inexplicável e assustadora.

De quando em quando, fazia-me agora estrambóticas constatações:

— Já reparou no cheiro do petróleo? É muito curioso... Lembra-se?... Dir-se-ia um aroma *com crosta*... Sim, um aroma duplo: um tom aromal, primeiro, grosso — revestindo um tom mais agudo, esfericamente...

E, outras vezes:

— Não amei nunca. Mas tenho a certeza que, se um dia amasse, o meu amor seria um grande sono. Então, à mulher que ardentemente quisesse, eu diria: «Meu amor, meu amor, tenho sono de ti!»

— Recordam-me a cada instante sabores que nunca experimentei... Gostos maquinados, com rodízios, em complexos movimentos... Gostos-transformações de energia, quero crer...

— Houve uma época da minha vida em que só inventava obsessões. *Inventava-as*, não as tinha. O mais perigoso era que, tempo volvido, já não conseguia destrinçar se essas obsessões eram apenas artificiais, criadas pela minha imaginativa de Artista — ou verdadeiras loucuras que, alguma hora, teriam dilacerado o meu espírito, e hoje, vacilantemente, resumavam... Lembro-me bem das minhas incertezas quanto a esta obsessão dupla que, em lucidez, sabia não ser mais do que o assunto rebuscado duma novela que tencionara compor: um homem que, por uma parte, se convencera de que o seu pensamento era translúcido, e assim, todos saberiam o que ele pensava — *os próprios animais* — as suas ânsias, as suas desilusões... e, por outra parte, num crescendo aflitivo, fosse descobrindo pouco a pouco, em todos os rostos, a mesma expressão; os mesmos tiques, os mesmos trejeitos... Embalde fugiria, de olhos cerrados, em uma náusea de medo... E essa expressão irremediável, obcecante, enfadonha, sempre a mesma — iria por fim encontrá-la nos próprios objectos, nas coisas inanimadas — *nos aromas até*.

Mas bem mais inquietadora, por dolorosa e íntima a confissão estiolante de certa manhã febril.

Visitara, com ele, um pintorzeco indiferente que vivia num pequenino quarto, trepado ao último andar dum hotel do Odéon. E, à saída, na rua:

— Como o invejo... — divagou o Artista. — Nunca viverei num quarto como esse... Só isto, sintetiza bem, quem sabe, a minha dor... Foi outro o meu destino... Houve sempre tapetes na minha sorte... Não poderei nunca viver... *A dor de ter sabido sempre onde ia dormir!*... Duvido que pense também assim... Mas como eu quisera ser aquele quarto... Reparou?... Aquele quarto é uma garota de Paris... Não logrei nunca misturar a mim a gentileza... Jamais recebi uma carta que não esperasse... Sequidão! Sequidão!... Se ao menos, como certo amigo distante, principiasse a amar uma morta... Embalde... E, solitário, passeio com os meus galgos de fantasia... Às vezes, julgo até que se

deu comigo esse episódio — que me narraram, sem dúvida... ausência! ausência!... Ela estaria descalça, uma noite de luar, junto do lago, a pedir-me que lhe lançasse água nas mãos e sobre os braços nus... Depois, teríamos misturado os dedos na mesma água... E hoje — que suavidade! — parecer-me-ia, decerto, que essa água fora o único beijo que trocáramos... Meu lindo espírito de seda, todo bordado a cor-de-rosa... Mas este mesmo Outono é ilusão!...

Ouvi-o em sobressaltos. Não me surgira nunca tão vincado o destrambelho das suas frases — bem real, por desgraça: de forma alguma um artifício de «poseur» — tão dolorida e flagelada a expressão.

Breve porém mudou de assunto, e as suas ideias de novo se focaram lucidamente.

Por minha parte, acostumado ao seu espírito, tirara já para mim esta conclusão egoísta: um grande desequilibrado, talvez — mas, pelo excesso do seu desequilíbrio, um génio robusto. E, sem remorsos tranquilizava a sua família.

Com efeito, olvidando os meus vagos temores, nem me lembrei nunca do seu fim, no meu habitual cepticismo — a não ser, remotamente quando uma manhã me entrou pela casa a gritar:

— Meu amigo! Meu amigo! Creio que descobri hoje, enfim, o segredo da minha existência: *Sou todas as mãos esguias de mulher com as unhas pintadas!...*

Não era dum «blagueur» — portanto esta frase seria dum louco, mais tarde ou mais cedo.

Mas fora tão bela, tão loira e perturbante — que logo esqueci o perigo, e, em verdade, admirei só o Artista...

II

Foi só nos últimos tempos que Petrus Ivanowitch falou comigo, em desassombro total, das suas ânsias de Artista — da sua obra, realmente. Até aí, em verdade, apenas se referira a pontos de vista gerais, às suas opiniões teóricas — mas nunca aos seus versos, a não ser de muito longe.

Por mim, nem por sombras duvidava do seu génio — cria nele a ferro e fogo. Entanto, a minha certeza apenas repousava na sugestão inolvidável do seu espírito — nas suas frases de chama, e nos seus gestos, no brilho dos seus olhos — em todo o seu perfil, é claro. De resto, inabalavelmente, melhor do que a Obra mais perfeita, isto incidia um Artista imortal. A ponto que eu, de facto, antes de reflectir a sangue-frio, tinha bem funda a impressão de que ouvira já muitos dos seus versos.

Das suas obras, falou-me a primeira vez quando, expressamente para ele os apreciar, verti em francês alguns excertos dos meus livros e dos admiráveis trabalhos de Fernando Passos. Zagoriansky maravilhou-se. Pasmava-o como, num país tão diverso, surgira qualquer coisa de vagamente semelhante, — garantia — ao espírito velado das suas obras. Certas frases de Fernando Passos, sobretudo, inquietavam-no. Manifestou-me grandes desejos de conhecer um dia o Artista. Mas eu só lhe pude mostrar o seu retrato.

Falou-me pois do seu poema — um livro em que trabalhava há muitos anos.

Não tinha título:

— O seu título — confiou-me — será, quando muito, um compasso de música e alguns traços a cor.

Dividir-se-ia — ajuntou — em várias partes, em várias composições. Mas todas elas, soltas, haviam de se reunir astralmente, hipnoticamente (foi os termos que empregou) em um só conjunto. E não me disse mais nada essa noite.

Porém, algumas semanas volvidas, anunciou-me que lhe parecia estar próximo a tocar o limite do seu livro. Com efeito, não o publicaria antes de obter a Perfeição — «esse fluido».

Queixou-se-me:

— Até hoje, não existe uma Obra de Arte perfeita. As maiores, são excertos. E eu quero o meu Poema íntegro! Tão incorrigível que lhe não possam tirar uma letra sem se desmoronar.

Insinuei-lhe:

— Entanto, meu amigo, convém não excedermos a tortura. A Perfeição é qualquer coisa de muito relativo — factor demais, estreito, do critério pessoal.

— Não há critérios pessoais. Há Ouro! — insurgiu-se o russo.

— Muito bem! — teimei ainda. — Dado que assim seja, unicamente como é que o meu amigo vai medir que atingiu a Perfeição?

A resposta foi imediata:

— Não lho posso garantir, por enquanto. Mas — tenho grande fé — no minuto em que a dobrar, sabê-lo-ei talvez *fisicamente*. A água, quando ferve, levanta-se em espuma. Desta forma concluímos que está em ebulição. Pois bem: qualquer coisa de paralelo acredito muito que se dará com o grau abstracto que pretendo atingir. Sim, afigura-se-me, em positivo se me afigura, que no instante de alcançar a perfeição, algum fenómeno físico (talvez como que um súbito *ajustamento*) se dará defronte dos meus olhos... na atmosfera... ou quem sabe até se nas páginas onde estão escritos os meus poemas...

— Um óptimo assunto de novela! — encolhi os ombros, sorrindo, a pedir outro café.

— Uma arte fluida, meu amigo, uma arte gasosa... Melhor, meu amigo, melhor — gritava-me Zagoriansky no seu gabinete de trabalho, aonde pela primeira vez me recebia — *uma arte sobre a qual a gravidade não tenha acção!*... Os meus poemas... os meus poemas... Mas ignora ainda! Coisa alguma prenderá os meus poemas... Quero que oscilem no ar, livres, entregolfados — transparentes a toda a luz, a todos os corpos — subtis, imponderáveis!... E hei-de vencer!... Não atingi a Perfeição, por enquanto...

Bem sei, restam escórias nos meus versos... Por isso a gravidade ainda actua sobre eles... Mas em breve... em breve... ah!...

De súbito, acalmando-se, sentou-se numa grande poltrona magenta.

— Não lhe disse nunca, afinal, as características principais da minha Obra. Hoje, porém, julgo dever abrir-me lisonjeiramente consigo, desvendar-lhe os meus segredos... Creio estar prestes a chegar, enfim — e o meu amigo encontra-se preparado, pelo seu espírito e pela minha influência, a *saber*... Oiça: não escrevo só com ideias; escrevo com sons. As minhas obras são executadas a sons e ideias — a sugestões de ideias — (e a *intervalos*, também). Se lhe ler os meus versos, o meu amigo, não entendendo uma palavra, *senti-los-á* em parte. E será idêntico ao seu, o caso do surdo que os saiba ler — mas não os possa ouvir. A sensação total dos meus poemas só se obtém por uma leitura feita em voz alta — ouvida e compreendida *de olhos abertos*. Os meus poemas são para se interpretarem com todos os sentidos... Têm cor, têm som e aroma — terão gosto, quem sabe... Cada uma das minhas frases possui um timbre cromático ou aromal, relativo, *isócrono*, ao movimento de cada «circunstância». Chamo assim as estrofes irregulares em que se dividem os meus poemas: suspensas, automáticas, com a sua velocidade própria — mas todas ligadas entre si por ligações fluidas, por elementos gasosos; nunca a sólido, por ideias sucessivas... Serei pouco lúcido. Entanto, como exprimir-me doutra maneira?... Espere... Talvez... A minha Obra não é uma simples realização ideográfica, em palavras — uma simples realização escrita. É mais alguma coisa: ao mesmo tempo uma realização musical, cromática — pictural, se prefere — e até, a mais volátil, *uma realização em aromas*. Sim, sim, a minha obra poder-se-á transpor a perfumes!... Poder-se-á transpor, será tudo isto, bem entendido, quando estiver completa... Finalmente, voltando ao seu caso: ouvir as minhas composições sem entender a língua em que estão escritas, valerá quase pelo mesmo do que conhecer uma obra de teatro só pela leitura — ignorando a sua realização estética...

Divagava por força o meu amigo... Eu escutara-o preso das palavras mágicas, turbilhonantes — em arrepios a Ouro. Mas não logrei por certo diluir uma cristação de dúvida, um vago ar incrédulo, pois o Artista, de súbito revolvendo-se, correu a uma gaveta da enorme secretária de pau-santo — ao fundo do gabinete — puxou-a, e dela tirou um caderno azul que

brandiu aos meus olhos:

— Terá a prova! — exclamou. — Vou-lhe ler alguns dos meus poemas, em russo! O meu amigo depois me contará a impressão sincera da leitura.

E pôs-se a folhear o livro, nervosamente. Admirei-me por sinal — recordo-me — que um Artista tão refinado, tão esquisito, escrevesse os seus trabalhos num vulgaríssimo caderno de estudante, de capa lustrosa, daqueles que se vendem por noventa cêntimos nas galerias do Odéon.

— Ler-lhe-ei primeiro uma das minhas composições mais simples: uma demonstração de ritmos, apenas.

Escutei...

Um assombro! Dissonâncias de capricho entrechocavam-se suavemente, e eram outros tantos arfejos rendilhados, dimanando-se em mil tons — sobre um fundo violeta inalterável, numa evocação de perfumes lisos, cetinosos...

Inútil, com efeito, saber as palavras para reagir o sortilégio dessa pequena obra-prima!

Disse todo o meu espanto, toda a minha convicção...

Num entusiasmo crescente, Petrus Ivanowitch foi-me declamando inúmeras poesias. A todas eu experimentava beleza — em umas melhor do que noutras, claro. E o russo acrescentou depois que tinham sido justamente as mais complexas que eu melhor adivinhara.

Lembro-me, acima de tudo, do pasmo que me causou certa peça onde havia rodas múltiplas trabalhando em vertigens de cor, num embaralhado e convulsivo movimento, e onde eu, atónito, ia descobrindo as mais elegantes curvas — hélices, espirais, ramos de hipérbole — soltas, expandidas livremente, num fogo de artifícios de sons, a girândolas. Era, em verdade, todo um maquinismo de precisão, movido por mágica — secretamente, em súbitas arrogâncias hialinas... estrépitos de cristais...

Por último, Zagoriansky hesitou. Ia a fechar já o caderno. Mas decidiu-se, anunciando em frenesi:

Poema brilhante

Ah! eu não sabia ainda coisa alguma! Caiu por terra a minha admiração em face dos outros poemas... Descreverei, aliás, facilmente, toda a maravilha

assegurando, em perfeita lucidez, isto só:

— *Tive que cerrar os olhos desde os primeiros sons.*

Não pude sustentar — foi certo! — o brilho coruscante, as cintilações magnéticas induzidas nas palavras misteriosas que os meus ouvidos escutavam. Não divago. Alcanço bem o que afirmo. Mera sugestão, talvez. Mas foi assim: os meus olhos não resistiram abertos. E desafiaria aquele que lograsse ouvir o Milagre *sem os fechar*.

Era toda uma nova Arte — diademada e última, excessiva e secreta, opiante, inconvertível, cujo divino criador estava ali, na minha frente!

Ergui-me semilouco, finda a leitura. Beije o Artista... E Petrus, em verdade iluminado por uma auréola, gritou-me, excedido:

— Vê... vê... Não lhe dissera?... Uma Arte gasosa... poemas sem suporte... flexíveis... que se podem deslocar em todos os sentidos... Uma Arte sem articulações!... *Uma Arte correspondente às formas aéreas que as realidades incrustam!*... Sons interseccionados, planos cortados, múltiplos planos — ideias inflectidas, súbitas divergências... Tudo se traspassará, se esgueirá, perpetuamente variável, ondulante — *mas, em somatório, sempre o mesmo conjunto!*... Sim, sim, quero realizar em vários dos meus poemas — e, sobretudo, na junção total — como que uma soma de factores arbitrários. *Mas uma soma exacta de factores diversos!*

E, para exemplificar, traduziu-me então o pequeno excerto que adiante publico — aonde, conforme explicou, só pretendia suscitar uma impressão indecisa a Vago, entre tenuíssimos apoios na realidade. Qualquer coisa impossível de abranger, escapando-se como azougue: lençol de água movediço, ânfora d'ouro quebrada — por isso mesmo, flébeis ressaibos de além. E a certeza, embora, sempre defronte — em marco...

A simples tradução literal que deste excerto me fez, sugestionou-me em tais quebrantos que não me despedi sem lhe arrancar a promessa de me deixar traduzir — ou, melhor, interpretar em português.

Efectivamente, com enormes dificuldades, segundo os seus conselhos, terminava dias depois a versão que publico mais longe — onde quase não existe uma palavra do original, mas que, assim mesmo, reproduz tanto quanto possível, numa língua estrangeira, a sugestão do texto russo: pelos mesmos sons e movimentos, os mesmos timbres cromáticos, as mesmas

consonâncias...

Mais tarde, insistindo em interpretar outras das suas obras, porquanto o artista se mostrara muito satisfeito com a minha tentativa — Petrus Ivanowitch escusou-se sempre. Só me permitiu que trasladasse uma composição dos dezoito anos — «Bailado» — que não pertencia ao seu volume, e escrevera, ainda estudante de Direito, quando vivia só em Paris, num Hotel da rue des Écoles. Daí, por sinal, o estranho e admirável fecho do poema.

A partir dessa noite, muitas vezes lhe perguntei pelo seu livro — insurgindo-me contra os excessos da sua tortura. Urgia, com efeito, publicar essa maravilha, destinada por força a fazer uma revolução em todas as Artes.

Ele quase sempre, em desânimos ou entusiasmos, me volvia:

— Ainda é cedo... ainda é cedo... Ainda não triunfei... A gravidade ainda actua sobre a minha obra... De resto, creio faltar pouco... Estarão mesmo já «perfeitos» muitos dos meus poemas — todos até, pode ser, considerados isoladamente. Mas a soma não está certa... Há ainda escórias no conjunto...

Uma tarde porém, não o vendo há três dias, notei-lhe uma expressão nova no rosto — um ar febril em todo o seu aspecto. Dir-se-ia que emagrecera visivelmente nessas poucas horas.

Interroguei-o. Confessou-me:

— Ah! meu amigo... meu amigo... É que avancei muito desde que nos separámos... Hoje, sim, *creio* nos meus pressentimentos! Estou certo de atingir, breve, a Perfeição — o impossível de Esquiveza! Mas é estranho. Na minha glória, crispa-se afiladamente um vago remorso...

— Nervosismo, sem dúvida.

— Esperaremos...

Seguiu-se uma semana de calma relativa, em que evitou referir-se à sua Obra. Apenas, durante ela, uma noite, aludindo à sua ânsia de Artista, me falou do receio que tivera sempre de ver estiolar o seu génio à força de intensidade. E contou-me que desviava os olhos muitas vezes, para o não pôr em vibração — acarinhava-o, beijando-se nos espelhos, — falava a sós com ele — dizia-lhe «meu amor» — tratava-o, enfim, com os desvelos das mães que se levantam, noite alta, no Inverno, para aconchegar a roupa dos seus

filhos...

Descreveu-me também a agonia perdida de fixar toda a riqueza que lhe atravessava o espírito — no ciúme escoante, simultâneo, de se não poder concentrar em uma só ideia:

— Veja... veja como é terrível, meu caro!... O ciúme dum homem que não lograsse nunca possuir só a mulher que tivesse entre os braços — porque, no minuto da posse, a recordação duma outra, de muitas outras, se lhe interceptaria estridentemente... Um horror... um horror...

E foi a primeira vez que mandou vir absinto — ele, que bebia só xaropes...

... Até que principiou a faltar todas as noites no Café aonde, por hábito, há muito nos encontrávamos...

Eu corria a sua casa, a ver se adoecera...

Recebiam-me, em lágrimas, sua mãe e sua irmã: «Doente não, com efeito. Mas fechava-se horas esquecidas no seu gabinete, recusando comer — num desassossego contínuo, a passear, como as feras...»

As próprias súplicas de Marpha, que ele atendera sempre, eram hoje inúteis. Gritava-lhe por detrás da porta:

— Trabalho! Trabalho!... É o último esforço!...

Só duma vez consegui romper o seu isolamento.

Acolheu-me em júbilo — quando me preparava para sustentar a sua rudeza... quem sabe até se um dos seus funestos ataques de cólera, que já tivera ensejo de presenciar...

Exclamou:

— Sim! Sim! É bem verdade! Chego a passos largos... Não me enganara... Não me enganara... Sabê-lo-ei positivamente, materialmente, visivelmente... Alvejo já, não sei em quê, uma modificação muito vaga — *molecular*, presumo... Poucos dias mais, e — enfim!... A Perfeição!

Depois, falou comigo alguns momentos — natural. Roguei-lhe que não descuidasse a sua saúde — mas deixei-o defronte duma grande chávena de café fortíssimo, onde despejara meio frasco dum estranho líquido roxo aromatizado...

Preveni sua irmã. Esta teve um suspiro, e pareceu não dar grande

importância ao facto. Mas, ao mesmo tempo, notei pelo seu rosto uma palidez momentânea... um singular constrangimento em toda a sua atitude...

Despedi-me — confesso — muito preocupado. Breve porém, no meu eterno egoísmo, desapareciam essas inquietações. E, em verdade, durante os oito dias que saí de Paris não me lembrei, sequer um instante, da minha última visita ao russo — da sua perigosa situação.

Na manhã seguinte ao meu regresso, dormia ainda quando alguém bateu brutalmente à porta do meu quarto.

Fui abrir, disposto a esbofetear o intruso... e, atónito, deparei com Zagoriansky! — um Zagoriansky terrível: de cabelo em desalinho, olhos injectados, gravata desfeita; brandindo na mão o caderno de capa azul que continha o seu Poema.

Em lágrimas e gritos raspados — mal lhe abri — começou, arquejando:

— Loucura... loucura... A Perfeição!... O máximo de esquiveza... Mas era assim... era assim... Alcancei-A! *A gravidade não actua mais sobre os meus versos...* Para que me queixar?... Doido... doido... Em todo o caso, o minuto infinito!... Não lhe dissera?... Havia de o saber perpetuamente... *tinha que o ver!*... Pois foi tal e qual — meu pobre amigo — tal e qual!... Quando viera de ajustar a última palavra, houve um estalido seco, um baque surdo — um ruído de arfejos, a escoar-se... subtil... Olhei as folhas... *Todos os meus versos, libertos enfim, tinham resvalado do meu caderno — por voos mágicos!*...

E desfolhava-me o livro...

Hirto, oscilou-me então um arrepio de gelo... As folhas, brancas... Apenas, intacto, o frontispício onde se liam o nome do Poeta e uma data. Em cada página, só o número da folha e alguns borrões vermelhos que, inexplicavelmente — conforme já reparara — sujavam, de quando em quando, o texto escrito numa anilina violeta muito pálida.

— Meu amigo... meu amigo... No espaço!... Os meus poemas... no espaço... ah! ah!... entre os planetas!...

E o resto foi um rodopio de gargalhadas espumosas, contundentes, alucinantes...

Cinco dias mais tarde, doido de fúrias, Petrus Ivanowitch, apesar da imensa dor de sua família, era internado numa casa de saúde, próximo de Meudon, onde puseram ainda assim muita dificuldade em o receber, devido à misteriosa violência dos seus ataques — crises estranhas, convulsas, espasmódicas, desconhecidas por todos os alienistas: como que um feitiço medieval... um «envoûtement» de missa negra...

Procurou-se por toda a casa, por todo o jardim, o caderno em que o Artista escrevera a sua Obra. Debalde... Restava só esse outro, idêntico — *mas com as páginas limpas...*

Horas perdidas, eu e Marpha nos debruçámos sobre ele, a estudá-lo, a quereremo-nos convencer que era outro — outro que o louco decerto comprara, depois de ter destruído o que continha a sua Obra... *Convenceremo-nos...* como se não fosse a evidência...

E, no entanto, as manchas de humidade que existiam na capa do primeiro caderno, lá se encontravam também na daquele — assim como os borrões vermelhos... entre eles o que, mais alastrado, existia na página 22 onde estava escrito o excerto que traduzi com o título de «além»... E era tudo quanto escapara duma obra genial!...

... As noites inquietantes, confusas — repito — que eu e Marpha sofremos, olhando, defronte de nós, esse caderno vazio, aberto inutilmente... tendo que acreditar, *e não podendo acreditar...*

Um sonho quase... uma obsessão...

Camarate — Quinta da Vitória, Outubro de 1914.

«ALÉM E BAILADO»

DE PETRUS IVANOWITCH ZAGORIANSKY

(Fragmentos)

a M.^{lle} Marpha Ivanovna Zagoriansky, irmã do Poeta — estas interpretações portuguesas são comovidamente dedicadas.

I

ALÉM

1.

Erravam pelo ar, naquela tarde loira, eflúvios roxos d'Alma e ânsias de não-ser.

Mãos santas de rainha, loucas de esmeraldas, davam aroma e rócio à brisa do crepúsculo.

O ar naquela tarde era Saudade e além.

E as asas duma quimera, longinquamente batendo, a ungi-lo d'irreal...

Lufadas de folhas mortas, todas cheirosas a sombra...

Um ar que sabia a luz e que rangia a cristal...

E muito ao longe, muito ao longe, as casas brancas...

2.

Na grande alcova da vitória, toda nua e toda ruiva, eu tinha-a finalmente estirada sobre o leito fantástico da Cor.

Linda espiral de carne agreste — a mais formosa enchia para mim os olhos de mistério, sabendo que eu amava as ondas de estranheza...

E os seus braços, de nervosos, eram corças...

E os seus lábios, de rubros, eram dor...

No jardim, os girassóis não olhavam para o Sol...

Verguei-me todo sobre ela...

A hora esmaeceu...

O ar tornou-se mais irreal...

Houve um cortejo de estrelas...

Em face daquela glória, que tumultuava tão perto, que me ia sagrar enfim, os meus olhos eram esforço — e a minh'alma um disco d'ouro!...

A louca acerava as pontas dos seios, para os tornar mais acres, para me ferir melhor.

E os meus lábios d'ânsia, sofriram já da saudade dos beijos que lhe iam dar...

Ao longe sempre as casas brancas...

3.

... E foi então quando eu já me sentia entrelaçado d'Ouro, sagrado d'além-cor, quando era todo encanto em laivos de infinito — que o instante abateu e me desencantei...

Sobre o seu corpo de equilíbrio — uivos d'horror! uivos d'horror! — cabriolante se elançara a teoria arrepiadora dos ângulos agudos, zombando

estridentemente dos redemoinhos e das curvas...

Gumes brutais, turbilhões silvantes, linhas quebradas destruidoras — tudo sulcavam! tudo sugavam!... A limpidez! A limpidez!...

— Pavor sem nome!...

E uma gaiola picaresca de losangos veio descendo guturalmente a desnudar-lhe a carne nua — de toda a cor, de todo o som, de todo o aroma; encerrando-a, a girar em volta dela numa vertigem monstruosa de círculos enclavinados, impossíveis!...

Toda a beleza, em estilhaços, gritava-me que lha salvasse...

E o meu olhar — que saudade! — não lhe podia valer...

As casas brancas não perdoam! As casas brancas não perdoam!...

4.

Triste de mim, sem dor, a oscilar, ainda todo vibrante... queria mentir a mim mesmo, queria voltar — mas tudo me resvalava...

À força de ilusão, volvi-me uma grande mentira: fui Príncipe sem rei, iluminado a luz falsa — luz que não soava, e era oca, deserta e média...

Para quê? Para quê?...

— Breve o meu corpo tombava na terra firme, anoitecido em Alma — e tudo ruía ao meu redor: asas de insónia, galeões dourados, torres de prata, zimbórios d'ouro... Tudo ruía — mas tudo ruía em sortilégio, noutras ruínas: o ouro, em seios perdidos; a prata, em glória abandonada...

Só as ruínas das casas brancas, eram ruínas de casas brancas!

Paris, Janeiro de 1913.

II

BAILADO

1.

Tudo horizonte... só horizonte...

Ruído brusco de silêncio...

— O horizonte é Forma que rocia...

Puseram na minha febre compressas de madrugada...

Água fria! Água fria!



Como o silêncio range... e tine... e tine... em listas d'Ouro fustigante, serpentinas...

Efémero Ouro que se volve em labareda a perverter...

Apoteose!

Cisnes de brasa, em mar de Som, arfam o mar, zebreadamente...

O mar é um seio a vibrar...

(E o seio golfa, endoidecido).

Oriente! Oriente!

Lá longe, há elmos...

Singram castelos de miragem...

Ascendem espiras... vertiginam hélices...

Grifam-se timbres de cristal...

E o mar soçobra em luz que Sente...

(Luz singular!

É luz que eu espasmo!)

Divirjo em lira, iriadamente...

2.

A grande esfinge platinada, da luz do sol faz sombra-Estátua.

Põe-se-me a Alma...

— Agora é noite perdida de medo azul e longe intenso...

Retinem perfumes dum país longínquo...

Em volta da esfinge tudo é inconstância...

Abismam-se garras...

Sepulcram-se gumes...

E quebram-se espadas...

De súbito, esvai-se um meteoro a silvar...

Olha o carro do Triunfo, ascendendo o Capitólio...

Olha o rastro leonino...

Olha o bergantim real...

Olha a ogiva, olha o pórtico...

Olha a cruz da catedral...

(— Aonde pasma a grande Fera?

— A Fera já não Ilude.)



*Em jorros de asas a crescer, alteia-se o órgão santo...
O altar-mor vibra de lindo...
O turíbulo inunda o Som...*

— Nossa Senhora da Cor!

*A nave sagra-se em ânsia...
Ergue-se o cálice-Auréola...
E a hóstia da comunhão, comunga nos seios doidos...*

O Imperador foi sagrado!

(Festivais da coroação.)

3.

*Guinchos de luz...
— Luz maquilada... —
Asas perdidas no Sol-posto...*

... Depois é tudo paz, e os ramos de palmeira baloçam loiramente a música e o ar...

*Oásis...
Laivos fugazes...
Madeixas insidiosas...*

4.

*Lá volta o Oiro fustigante, todo tigrado de Orgulho.
A chama subtiliza-me, e o crepúsculo é um espelho...
(Vitória!*

— O Gelo não me condensa.)

Longinquamente vermelho, vem-me um ressaibo a Combate...

Nevoeiro... nevoeiro...

Batismo de dor-Astral...

E a neblina começa a encrespar-se em flocos...

A neblina volteia...

A neblina é caudal...

— *A neblina não oculta!*

A neblina Desvenda!...

4.

Indícios de Alma, lá longe, sobre o Oiro fustigante...

Mãos postas... Ressurreição...

E agora desço a escadaria, toda a ascender em além-Sombra...

Mas a descida só me exalça:

Sou eu, um Só — e difusão!

Em nostalgias-Dossel,

Tenho saudades-Pequim,

Reminiscências — Brocado...

Pressinto um grande Mistério...

Alvejo-me em cor e som...

Arneses, lanças, Rogério!...

Mas ai, o sonho é real: exprime-se em nitidez!

E como existe... passou!...

Saudade transmigradora, vem fixar-me o instante!

— *A minha alma é Sonora!...*

(Rue des Écoles, cinquante.)
Paris, Março de 1913.

EU-PRÓPRIO O OUTRO

a Carlos Franco

Lisboa 1907 — Outubro, 12.

Sou um punhal d'ouro cuja lâmina embotou.

A minha alma é esguia — vibra de se elançar. Só o meu corpo é pesado.
Tenho a minh'alma presa num saguão.

Não sou cobarde perante o medo. Apenas sou cobarde em face de mim próprio. Ai! se eu fosse belo...

Envergonho-me, de grande que me sinto.

Sou tão grande que só a mim posso dizer os meus segredos.

Nunca tive receios. Tive sempre frio.

Novembro, 1.

As janelas abertas continuam cerradas...

Novembro, 13.

É lamentável como me erro continuamente. Em mim e entre os mais.

Eu fiquei sempre, nunca fui — mesmo quando me perdi.

Às vezes ainda me decido a partir. E parto. Mas nunca venço seguir. Se não é por culpa minha — é por culpa dos outros, que me acenaram.

É que eles, se me acenaram, foi por julgarem que eu nunca os seguiria — *foi para sofrerem*. E como afinal parti atrás dos seus gestos, desencantaram-se de mim, fugiram escarnecendo-me. Tombei-lhes.

Só me é permitido ser feliz, não o sendo.

Dezembro, 2.

É inacreditável!

Quase todos se contentam consigo próprios — *bastam-se*. E vivem, e

progridem. Fundam lares. Há quem os beije.

Que náusea! Que náusea! *Não se ter ao menos o génio de se querer ter génio!...*

Miseráveis!

Dezembro, 30.

... E as janelas abertas, sempre... sempre fechadas...

Encalhei dentro de mim.

Nem me concebo já.

Roma, 1908 — Junho, 20.

Cidades! Cidades!

Fustigo-me de movimento. É como posso melhor cerrar os olhos.

Corro Europa há seis meses... Não me detenho uma semana. Assim me logro fugir...

Mas ai, depressa me alcanço...

Paris, 1908 — Outubro, 12.

Ruínas cinzentas de estátuas douradas; esfinges roxas, cegas; tronos sem degraus — e a grande escadaria de mármore atapetada de serapilheiras!...

— Mas para que me hei-de olhar assim, para quê?... Esta ânsia de me descer é que me entardece. E contudo sinto-me tão orgulhoso ao varar-me...

Ah! se eu fosse quem sou... Que triunfo!...

Outubro, 13.

Afinal, é só isto: *sobejo-me*.

Novembro, 15.

Serei uma nação? Ter-me-ia volvido um país?...

Pode ser.

O certo é que sinto Praças dentro de mim.

Novembro, 16.

É isso! É isso!

Volvi-me nação...

... Grandes estradas desertas... arvoredos... rios... torres... pontes... muitas pontes...

Não me posso preencher. Sobejo-me. Chocalho dentro de mim.

Dezembro, 14.

O meu espírito resvalou.

Ultrapassei um limite.

Encaro-me friamente e sou quase feliz.

Dezembro, 22.

O sossego... o sossego...

Paris, 1909 — Janeiro, 5.

Hoje encontrei-o pela primeira vez.

Foi no Café. De súbito, vi-o na minha frente... O Café estava cheio. Por isso se veio sentar na minha mesa.

Mas eu não o vi sentar-se. Quando o vi, já ele estava diante de mim. Ninguém nos apresentara, e já conversávamos os dois...

Como é belo!

E o ar de triunfo que ilumina o seu rosto esguio, macerado?... Tombam-lhe os cabelos longos aos anéis. É ruivamente loiro. Tive vontade de o morder na boca...

Aquele, sim, aquele é que me saberia ser.

Janeiro, 10.

Agora todas as noites nos encontramos. Largas horas passamos juntos.

Não sei quem é nem donde veio.

Comprendemo-nos mal. Nunca estamos de acordo. Instante a instante ele me vexa, me sacode. Enfim, *me coloca no meu lugar*.

Não pensa em cousa alguma como eu penso.

É todo doutra cor.

A sua companhia tortura-me. Mas busco-o por toda a parte. Quando ele falta aos encontros que marcamos — o que muitas vezes sucede — desce-me uma tristeza infinita.

Mas, coisa curiosa, até hoje nunca o vi *chegar*. Quando dou pela sua presença, já *ele* está em face de mim.

Outras vezes vem muito tarde. Quando aparece finalmente, eu sinto-me muito fatigado, extenuado, — como se viesse de executar um grande esforço.

Nunca ouvi os seus passos.

Disse-me que era russo. Mas eu não o acredito.

Janeiro, 18.

As nossas conversas resvalam por todos os assuntos. Mas falamos especialmente das nossas almas. Desvendo-lhe toda a minha. E ele parece acreditar-me.

Os seus dedos são tão longos... tão longos...

Fevereiro, 27.

Pela primeira vez, desde que o conheço, estive uma semana sem o ver.

Só então pude medir bem o que me liga a ele.

Não é affecto, embora chegue a ter desejos de o beijar. É ódio. Um ódio infinito. Mas um ódio doirado. Por isso o procuro. E vivo em face dele. Porque é verdade: agora, só *vivo* em face dele.

Março, 12.

O meu amigo vai-se na realidade tornando insuportável. Faz de mim um brinquete. A cada momento me manifesta o seu desdém.

As suas opiniões são cada dia mais revoltantes e mais belas.

Março, 28.

Deram-me hoje as piores informações a respeito do meu amigo.

Abril, 3.

Entretanto como ele é grande!

Será perverso — mas vale bem mais do que os outros.

É todo intensidade, é todo fogo. Em frente dele reconheço o que eu quisera ser: *o que eu sou erradamente.*

Nele, não me sobejaria.

As suas opiniões, no fundo, são as minhas.

Simplesmente, eu não me quero convencer do que penso. Tenho orgulho. Eis talvez o que lhe falta.

Sou maior do que ele. *Mas ele é belo.*

É belo como o ouro e grande como a sombra.

As janelas abertas, abriram-se-me nele.

Abril, 15.

Matá-lo?...

Abril, 30.

Devo reagir. Sinto a minha personalidade abismar-se.

Pouco a pouco a minha alma se vai afeiçoando à sua.

Eu tenho o génio de o admirar. Isso me pode perder.

Ao menos, sejamos nós-próprios.

Soframos, mas sejamos nós-próprios.
E eu já nem creio nos meus sofrimentos...

Maio, 5.

Fala-me muita vez das suas amantes. Mas eu nunca vi as suas amantes.
Não sei onde ele mora.

Maio, 18.

Nunca posso esquecê-lo. Lembram-me sempre as suas palavras.
Só o que nunca me lembra é o som da sua voz.
Quanto aos seus passos, ainda os não ouvi.

Junho, 12.

Decididamente vou-lhe fugir. A medida está cheia.

Junho, 19.

Enfim! Desfez-se o encanto... Parto esta manhã.

Lisboa, 1909 — Junho, 20.

Eis-me de regresso. Mas como são diferentes as coisas em volta de mim...

Junho, 22.

Os meus amigos acham-me muito mudado. Dizem-me que eu tenho outra voz, outras atitudes, outra expressão fisionómica.

Venho para casa cheio de medo.

Olho-me a um espelho...

Horror!

Descubro no meu rosto, caricaturizado, o rictus de desdém do *seu* rosto.

Falo alto...
E pela primeira vez me recordo do som da sua voz...
Ando no aposento, em passos largos...
Tremo todo!
Pela primeira vez oiço os seus passos...

Junho, 30.

É preciso curar-me desta obsessão.

Julho, 1.

Meu Deus! Meu Deus! Já não tenho os mesmos gestos, os antigos pensamentos. Todo eu mudei. Todo eu ressoo falso...

E todos me estranham... todos fogem de mim...
Todos... Como os abomino... Como os acho inferiores...
Ele, sim, ele é grande! *Ele é que é o maior.*

Julho, 20.

Que alucinação de tortura!
Não me sei já defender.
Falo. E de súbito as minhas palavras divergem.
O que eu digo, é ele quem o pensa...

Julho, 25.

Sento-me à minha banca de trabalho.
Vou começar uma obra que há muito tempo medito.
Traço as primeiras linhas.
Ergo-me desiludido.
Não posso admitir as minhas ideias.
Elas parecem-me vulgares.

Não creio na minha obra.
Duvido se serei um artista.
O *outro* é que tem razão.
Se eu fosse um artista seria belo.
E teria os dedos longos.
E seria pálido.
E esquecer-me-ia sempre das horas.
Rasgo tudo o que escrevera.
Sobem-me náuseas de mim.

Julho, 26.

Dantes, beijava-me nos espelhos.

Agosto, 2.

Hoje escrevi algumas páginas.
Nestas, acredito.
São verdadeiras obras de arte.
Leio-as em voz alta num orgulho de auréola...

Mas depressa me enraiveço.
E rasgo-as também.
Não são minhas.
Se o não tivesse conhecido, nunca as escreveria...

Agosto, 6.

Ele usava um estranho anel d'ouro na mão esquerda.
Um dia contou-me que o achara no mar, em criança.
E foi roubado por marinheiros, numa escuna.

Agosto, 20.

Em meu redor tudo são destroços de mim.
Fios d'ouro me puxam para um abismo.

Agosto, 25.

Mas eu não quero! não quero! não quero!...

Setembro, 2.

A verdade, a verdade temível, é esta: Hora a hora resvalo de mim-próprio.
Transbordo.

Como sofro...

Setembro, 8.

Mistério!

Não lhe deixei o meu endereço; não lhe disse para aonde vinha, e hoje —
hoje, sim, em minha casa! — recebi um telegrama seu. Chega amanhã.

Maldito!...

Setembro, 9.

Eis como as coisas se passaram:

Decidira fechar-me em casa, dando ordem aos criados para não abrirem a
ninguém.

Mas um pavor horrível me assaltou.

Saí...

E de súbito *ele* caminhava ao meu lado!...

Setembro, 10.

Que vai ser de mim? Que vai ser de mim!?!...

Setembro, 15.

Ele não me deixa nunca...

Setembro, 18.

Os meus sentidos começam-se a modificar. Os sons rangem-me noutros aromas. Sinto as cores noutras direcções. A luz já me trespassa.

Setembro, 26.

O que eu tenho lutado!

Setembro, 27.

Ah!...

Setembro, 28.

O fim!...

Já não existo. Precipitei-me nele.

Confundi-me.

Deixámos de ser nós-dois. Somos um só.

Eu bem o pressentia; era fatal...

Ah! como o odeio!...

Foi-me sugando pouco a pouco.

O seu corpo era poroso. Absorveu-me.

Já não existo.

Desapareci da vida.

Enquistei-me dentro dele.

Ruínas!

Outubro, 2.

O mais doloroso é que ele não sabe que me absorveu porque não me admirava.

Se me admirasse, seria eu quem o absorveria.

Outubro, 6.

Quero fugir, quero fugir!...
Haverá tortura maior?
Existo, e não sou eu!...
Eu-próprio sou outro... *Sou o outro... O Outro!...*

Outubro, 8.

Para onde ele vai, vou eu também. Mas eu nunca sei para onde ele vai...
Os seus espasmos são os meus. Mas só ele possui.
Os seus ideais são os meus. Mas só ele os não realiza.
Como libertar-me?...

Outubro, 12.

Malvado!...

Outubro, 17.

Tudo menos isto! Tudo menos isto!

S. Petersburgo, 1910 — Janeiro, 13.

Enfim — o triunfo!
Decidi-me!
Matá-lo-ei esta noite... quando *Ele* dormir...

Lisboa, Novembro de 1913.

A ESTRANHA MORTE DO PROF. ANTENA

a Côrtes-Rodrigues

Mesmo entre o público normal causou grande sensação a morte do Prof. Domingos Antena. Não tanto — é claro — pela irremediável perda que nele sofreu a Ciência contemporânea, como pelo mistério policial em que a sua morte andou envolvida.

Esse automóvel-fantasma que, de súbito, surgira e logo, resvalando em vertigem, se evolara por mágica, a ponto de ser impossível achar dele um indício sequer, embora todas as diligências — e mesmo a prisão dalguns chauffeurs que puderam entretanto fornecer alibis irrefutáveis — volveu-se logicamente matéria-prima óptima, demais a mais roçando o folhetim, para os diários, então, por coincidência, privados de assunto emocional.

Depois, a figura do Prof. Antena era entre nós popular. O seu rosto glabro, pálido e esguio, indefinidamente muito estranho; os olhos sempre ocultos por óculos azuis, quadrados, e o sobretudo negro, eterno de Verão e de Inverno, na incoerência do feltro enorme de artista; e os cabelos longos e a lavallière de seda, num laço exagerado — tudo isto grifara bem o seu perfil na retina paspalheira da multidão inferior das esquinas. Entanto jamais um dito grosseiro, dessa lusa grossaria, provinciana e suada, regionalista, que até nesta Lisboa — central, em vislumbres — campeia à rédea solta (e mesmo refina democraticamente) o atingiu nas ruas ou nas praças, pelos quais ele era silhueta quotidiana. Pois ao invés dos sábios convencionais e artistas castrados que fogem às multidões, à Europa, ao progresso, num receio gagá de ruído e agitação — o Prof. Antena era, pelo contrário, onde mais se aprazia, sobretudo nas horas maravilhosas de criação. Com efeito um grande sábio cria — *imagina* tanto ou mais do que o Artista. A Ciência é talvez a maior das artes — erguendo-se a mais sobrenatural, a mais irreal, a mais longe em Além. O artista adivinha. Fazer arte é Prever. Eis pelo que Newton e Shakespeare, se se não excedem, se igualam.

De resto nada há que torne alguém mais lisonjeiro ao povo do que a lenda — e em volta do Prof. Antena nimbava-se um véu áureo de Mistério. A tradição sabia que esse homem excêntrico, se debruçara mais duma vez sobre qualquer coisa enorme, alucinante — que o seu laboratório seria melhor,

entre aparelhos bem *certos*, a gruta dum feiticeiro, do que o atelier dum mero cientista. Os periódicos heroificavam-no popularmente nas suas manchetes, dia a dia — e, por último, as curas extraordinárias, laivadas de milagre, que ele fizera pelos hospitais graças à sua perturbadora aplicação dos raios ultravioleta — tinham acabado de o sagrar aos inferiores, em humanitarismo.

Eis pelo que a sua morte desastrosa causou funda emoção. O caso foi assunto durante semanas por toda a cidade, por todo o país — discutido, perscrutado.

Como é que eu, o seu discípulo mais querido — hoje, meu Deus, o seu herdeiro — e a única testemunha da tragédia, não *vira* coisa alguma, não conservara sequer na memória um detalhe que pudesse identificar o automóvel que o esmagara?... Demais, no local do desastre, a estrada fazia uma curva e o macadame era avariado. Logo o veículo não pudera, normalmente, resvalar em bólido... Eu protestava, é certo, com o horror do momento que me cegara. E essa razão teve que ser aceite. Mas em verdade, apesar do meu nome impoluto, dos laços estreitos, filiais, que me ligavam ao Mestre, não sei se suspeições teriam caído sobre mim, caso o atropelamento não fosse evidente. Evidente; entanto muito singular: pois além do crânio esmigalhado, das pernas decepadas, ferimentos *reais*, ainda que dum violência fenomenal — outra ferida houve quase inexplicável: uma ferida perfurante, cónica, a meio do ventre, que dir-se-ia, feita por uma broca triangular, girando vertiginosamente a rasgar-lhe as entranhas com a sua ponta de diamante.

Aventou-se ainda, por outro lado, que o automóvel conduziria bandidos trágicos à Bonnot, fugitivos de qualquer sangreira. Mas crime algum se cometera essa manhã. Logo a sherlockholmesca hipótese foi posta de parte. E como o inexplicável se não explica, mas tem que ser admitido — a estranha morte do Prof. Antena ficou aceite como um atropelamento banal. E breve ninguém falava já do facto — tudo olvidado na queda dum ministério...

O meu nome escreveu-se frequentes vezes nos periódicos, durante o inquérito. Muitos repórteres me procuraram, e os correspondentes dos jornais estrangeiros. Mas eu só lhes respondia com os meus lamentos, as minhas lágrimas, e a descrição sucinta, sempre igual, da catástrofe: um automóvel enorme, fechado, de súbito surgindo na curva, em bólido, e sem tocar a sereia — um ruído de ferragens, nuvens de pó... e na estrada, esmigalhado, o

cadáver do Mestre...

Pois bem, hoje, quase um ano decorrido sobre o desastre, eu venho falar enfim. E venho agora só, porque só agora possuo nas minhas mãos documentos que, irrefutavelmente, autenticam a minha narrativa — documentos que fornecem pelo menos uma hipótese admissível, uma forte hipótese, ao estranho desfecho que se vai conhecer. No momento da tragédia ser-me-ia impossível contar a verdade — todos me farão, de resto, essa justiça após me haverem lido. Um louco, no meu caso, teria falado. Isso mesmo definiria a sua loucura. Homem sensato, calei-me. A prova maior da sensatez está em ocultarmos a realidade dos factos inverosímeis. A verdade é só para ser dita ocorrendo nela circunstâncias muito especiais. Eis o axioma máximo.

Mas entrando propriamente na matéria.

Eu proponho-me fazer hoje a simples exposição verídica da morte do Mestre, e a seguir interpretá-la segundo os documentos que achei entre os seus papéis. Esses documentos ficam, bem entendido, à disposição de quem os queira examinar directamente. Por infelicidade são muito incompletos. Duma memória prodigiosa — e, demais a mais, como nenhum artista, cioso dos seus segredos — o Prof. Antena limitava-se com efeito a assentar nos seus cadernos, além de fórmulas e esboços, apontamentos telegráficos — por vezes indecifráveis — onde condensava as suas ideias, os raciocínios que o deviam guiar a determinadas conclusões. Eram estes apontamentos que, desenvolvidos, mais tarde lhe serviam de base para os volumes elucidativos que publicava sobre cada uma das suas descobertas — ou mesmo das suas buscas: volumes que hoje formam uma preciosa biblioteca da mais surpreendente leitura — biblioteca a que, por nossa desgraça, falta um volume: o maior, o mais Fantástico. Se assim não fora, hoje a humanidade teria avançado de mil séculos — haveríamos, quem sabe, descoberto enfim o Mistério...

Entretanto sejamos lúcidos e breves.

Para a melhor exposição, arrumarei assim a minha narrativa: Restabelecerei primeiro a verdade sobre o desastre. Depois, num apanhado, condensarei — tanto quanto possível ordenada e claramente — todos os apontamentos dispersos encontrados entre os papéis do Mestre, os quais,

reconstituídos nas suas lacunas, *ajustados*, reflectidos em conjunto — além das coisas assombrosas que nos entremostam — nos fornecem, senão uma explicação definitiva, categórica, pelo menos, como já dissemos, uma forte hipótese sobre a estranha morte do Prof. Antena.

*
* *

Uma manhã de Abril do ano passado, no dia 20, para precisar — procurando o mestre, como quotidianamente fazia, foi-me entregue uma carta pela sua velha criada. Abri-a admirado, e mais surpreso fiquei ao ler as suas poucas linhas:

«Não me procures antes de te chamar. Preciso estar só, inteiramente só, durante algum tempo. Mas sossega. Tu serás o primeiro a saber. Adeus, e desculpa. Segredo absoluto.»

«P. S. — Espera a cada instante notícias minhas, e corre logo que eu te avise.»

Acostumado às suas estranhezas, dobrei a carta, guardei-a e retirei-me...

Entretanto, nos dias que sucederam, não me pude esquecer o caso. Sobretudo uma forte curiosidade me assaltara. Para que seria aquele isolamento tão súbito e tão contrário aos seus hábitos — para quê? Decerto alguma nova descoberta... Mas conhecendo-o bem, como não havia outro remédio, resignei-me a esperar...

Aliás, não podia haver dúvida — tratava-se com certeza dalguma nova descoberta porquanto eu lembrava-me de que nos últimos tempos, especialmente desde o começo do ano, o Mestre parecia absorvido por qualquer problema novo em que não deixasse de se concentrar. Pequenas distrações, respostas vagas e, nos últimos dias, certo ar de triunfo, de *ansiedade*, que lhe iluminava o rosto — tudo indicava que o seu génio breve nos iria surpreender em qualquer maravilha nova...

Enfim, decorridas duas semanas, alta madrugada, a campainha de minha casa retiniu muito aguda. Era um telegrama urgente: *«Vem sem falta 6 horas»* — dizia-me nele o sábio. Ansioso, não tive tempo para mais do que me vestir

e aquecer uma chávena de leite...

Às 6 horas em ponto batia à sua porta. A velha criada, já a pé, abriu:

— O senhor manda-o esperar na sala — disse.

Nova bizzarria. Pois, habitualmente, eu, mal chegava, sem mesmo perguntar coisa alguma, logo me dirigia ao laboratório, instalado num grande pavilhão, a meio do jardim.

Entretanto, tagarela, a velhota, em ares de caso, acrescentava cochichando:

— Ih Jesus... Sabe lá... Aquilo vai em duas semanas que não sai do casarão — era como a boa mulher designava o laboratório. — Só para comer. E mesmo assim... Até nem me deixa lá ir chamá-lo!... Imagine, mandou pôr uma campainha. Olhe, quer ver...

Ao mesmo tempo carregava num botão colocado na saleta de entrada.

Um minuto decorrera, quando o Mestre se precipitou abraçando-me.

Estranhei-o. Nesses quinze dias que estivera sem o ver, ele mudara muito. Talvez tivesse emagrecido. Mas não fora essa a mudança principal — antes esta, muito bizzarra: A expressão do seu rosto deslocara-se, não se transformara, *deslocara-se*. Era muito estranho, mas era assim. E os olhos, através dos óculos, fulguravam-lhe num outro brilho, nimbados em auréola.

Gritou-me:

— Ah! Enfim!... Enfim!... Ainda não sei, ainda não sei positivamente, mas tenho a confiança máxima. Vais ver! Vais ver!... Nem tu calculas...

Todos os meus trabalhos — pacotilha!... O mais assombroso segredo! O Mistério-Maior!... Por ora ainda te não digo nada... Vem comigo... Estou prestes a vencer... ou a ser vencido... Só então direi tudo... Vem... Quero-te ao meu lado no Instante Supremo. Para isso te chamei. Prometera-te: tu serás o primeiro a *saber* — o primeiro!... Espera-me um momento.

Saiu, e reapareceu envolto numa ampla peliça. Era já em Maio. E embora a manhã estivesse bastante fresca, admirou-me que em vez do seu sobretudo negro, quotidiano, envergasse essa peliça exagerada que, de resto, nem lhe conhecia. Nas mãos, calçava grossas luvas de castor, cinzentas. Um *cachecol* muito extravagante lhe envolvia o pescoço, tapando-lhe o queixo.

Mal chegámos à rua, o Professor parou examinando o espaço. Teve uma hesitação. Depois puxou da algibeira por um objecto que me pareceu um

relógio — consultou-o... E, de súbito resolvendo-se, pegou-me bruscamente por um braço arrastando-me sem dizer uma palavra. Só então notei — e pasmo hoje como só então notei — que os vidros dos seus eternos óculos azuis, quadrados, eram doutra cor: um amarelo sujo, muito bizarro; uma cor repugnante *que metia medo*. É verdade: ao olhar com mais demora os vidros dos seus óculos, foi esta a impressão que me oscilou, destrambelhadamente. A cor não me soube a cor. Os meus olhos sentiram-na, não *vendo-a*, mas *tacteando-a*. Sim, a sensação que essa cor que eu vira me transmitiu ao cérebro, foi uma sensação de tacto — olhá-la, era como se tacteássemos qualquer coisa viscosa. E só das estranhas lentes — atingi — provinha a mudança que eu notara no rosto do Mestre: *eram elas que deslocavam a sua expressão fisionómica*.

Durante o nosso passeio, várias vezes ele tornou a consultar o seu relógio — que, num momento, eu pude descobrir não ser um relógio. Faltou-me o tempo para o examinar com a devida atenção. Apenas observei que o seu mostrador era roxo e que os algarismos das horas estavam substituídos por traços de cor. Não me atrevi a fazer perguntas sobre o estranho objecto, porquanto o Prof. Antena já me prevenira de que não me responderia a coisa alguma. Demais, não ia eu saber tudo dentro em pouco?...

Entretanto, fosse como fosse, o misterioso relógio devia servir de qualquer forma para a orientação — pois segundo o sábio o consultava, assim eram dirigidos os nossos passos.

Caminhámos durante duas horas. Estávamos longe da cidade, numa estrada dos subúrbios, pouco frequentada. Contudo já dois automóveis nos tinham cruzado. O Mestre avançava silencioso: apenas, de quando em quando, um monossílabo... Largara-me o braço. Eu seguia um pouco atrás dele...

O meu estado de alma era interessantíssimo. Sentia-me como que hipnotizado, seguindo magneticamente o seu rastro. Se quisesse parar enquanto ele caminhava, mover-me quando se detinha — ser-me-ia impossível. Os meus passos eram uma função dos seus passos. Um arrepio me varava todo o corpo, como se fôssemos para um grande perigo. Uma nuvem de mistério nos arrastava — pressenti...

De súbito, um frio incoerente me gelou os dedos... E a manhã dum Maio formosíssimo, já alta, volvera-se mais do que tépida...

Agora dobrávamos uma curva estreita da estrada. Em volta de nós, um grande silêncio... Até que, ao longe, as badaladas dum sino aldeão marcaram as dez horas... E de repente — ah! o horrível, o prodigioso instante! — eu vi o Mestre estacar... Todo o seu corpo vibrou numa ondulação de quebranto... Ergueu o braço... Apontou qualquer coisa no ar... Um rictus de pavor lhe contraiu o rosto... As mãos enclavinharam-se-lhe... Ainda quis fugir... Estrebuchou... Mas foi-lhe impossível dar um passo... tombou no chão: o crânio esmigalhado, as pernas trituradas... o ventre aberto numa estranha ferida cônica...

Petrificado, eu assistira ao mistério assombroso — sem poder articular uma palavra, esboçar um gesto, fazer um movimento... Uma agonia de estertor me ascendeu grifadamente... Julguei-me preste a soçobrar também morto, esfacelado... Mas de súbito pude desenvencilhar-me — e soltei então um grande grito: um uivo despedaçador, apavorante...

Acudiram primeiro dois trabalhadores que mourejavam perto — os quais, em grossa vozearia, logo começaram amaldiçoando os automóveis... Decorridos momentos, um pequeno grupo rodeava o corpo...

Entretanto eu cobrara algum sangue-frio. E vendo que de forma nenhuma poderia dizer a verdade — a alucinadora verdade — decidi num relance aceitar a explicação do automóvel, tanto mais que na estrada havia fundos sulcos de pneumáticos, seguramente vestígios dos veículos que, algum tempo antes, nos haviam cruzado.

Foi-se chamar a guarda-fiscal ao posto que ficava próximo, e eu contei a versão que até hoje se acreditou: Um grande automóvel, de súbito surgindo vertiginosamente na curva da estrada, um barulho de ferragens, nuvens de poeira... e um cadáver...

O resto é bem conhecido: o transporte para a morgue, o grande enterro, o ruído da imprensa, as investigações policiais improfícuas...

Outros pormenores entretanto não vieram a público. Ei-los:

Após a remoção do cadáver, eu, ainda mal refeito, corri a casa do Mestre, a prevenir a velha criada do triste acontecimento e a dispor o que fosse necessário. Ao bater à porta, a boa mulher veio-me abrir pálida de susto... toda a tremer... Contou-me que havia um grande barulho no casarão, que

tinha querido ir ver o que era... mas que recuara cheia de medo, pois vinha de lá um temível bafo de calor...

Sem ouvir mais, numa ânsia, corri ao laboratório. E efectivamente um misterioso ruído — como que zumbido de abelhas fantásticas — chegava do interior. Não hesitei um segundo... Abri a porta, cuja fechadura ofereceu uma resistência desusada... entrei...

Sobre uma mesa, ao meio do pavilhão, estava assente um aparelho que eu nunca vira. Esse aparelho, em funcionamento, é que provocava o estranho ruído e, decerto, abrasava o ambiente. Era como que um pequeno motor cujo volante fosse substituído por uma hélice formada por um sistema de três ampolas de vidro. As ampolas continham uma substância roxa e *dardejavam em torno de si um halo de luz negra*. Não divago. Os raios luminosos projectados eram efectivamente negros. Eu me explico melhor: O laboratório estava iluminado por lâmpadas eléctricas, achando-se corridas as cortinas pretas que revestiam todas as janelas. Pois bem: em torno do aparelho havia um halo de outra luz, *não de sombra, de luz* — entanto, não posso exprimir-me doutra maneira: de luz negra. Sim; *era como que um jacto de água negra*. Com efeito, este mineral ainda que negro, é brilhante — de forma alguma sombrio. Pois o mesmo se dava com essa luz aterradora — *com essa luz fantasma*. E na auréola negra, luminosa, grifavam-se, como faíscas, crepúsculos roxo-dourados, num estrépito agudo. Depois, — requinte de mistério — as ampolas em movimento não projectavam luz apenas: dimanavam simultaneamente um perfume denso, opaco e sonoro, e um som arrepanhante, *fumarento*. De espaço a espaço, em ecos circulares, produziam-se também surdas detonações.

Receei cair fulminado pelos estranhos fluídos, sufocado pela temperatura infernal — e não sei em verdade o que me sucedera se não vencesse o sangue-frio de correr ao comutador eléctrico que fornecia a corrente que accionava o aparelho. Fechei-o... Imediatamente a máquina parou... Olhei as ampolas. A substância roxa evolara-se — *como se só o movimento a criasse*.

Quanto ao instrumento de precisão que o sábio várias vezes consultara durante o nosso passeio, foi achado em estilhaços numa das suas algibeiras do colete — bem como despedaçados ficaram os seus extravagantes óculos. Assim, de tudo quanto se me afigurava ter tido uma certa relação com o

desastre alucinador — apenas me restavam três ampolas vazias e uma máquina que, em si, nada oferecia de extraordinário.

Entretanto a mim próprio jurara descobrir alguma coisa. E desde que me achei na posse da herança do Mestre — ansiosamente logo me lancei à busca de qualquer traço que me pudesse descortinar um pouco, muito pouco que fosse, do Enigma formidável.

Hoje enfim — restabelecida antes toda a verdade — venho publicar os resultados das minhas buscas, pelos quais se verá como logicamente, ainda que distantemente, se pode referir o mistério à simples realidade científica. Ei-los:

*
* *

«É desolador como sabemos pouco de nós. Tudo é silêncio em nossa volta. O que é a vida? o que é a morte?... Donde *somos*, para onde viemos, para onde vamos?... — Mistério. Nuvens. Sombra fantástica... E o homem de siso não crê nos espectros!... Mas não seremos espectros, nós próprios? O Mistério?... Olhemo-nos: O Segredo-Total, o mistério Maior, somo-nos nós, em verdade... Ah! diante dum espelho, devíamos sempre ter medo!... Deixemos o futuro, esqueçamos Amanhã — sonhadores heróicos de além. Entanto olhemos o passado — tentemos vará-lo, saber ao menos quem fomos Aquém.»

Eis como o Prof. Antena que, a par de todos os grandes sábios roçara já, mais duma vez, o espiritismo, o magismo — orientou os seus trabalhos, por um rasgo admirável de lucidez, neste sentido novo: Não tentar romper o futuro das nossas almas, além-Morte — antes sondar primeiro o nosso passado, aquém-vida. Na realidade afigura-se mais lógico, mais *fácil*, e mesmo mais interessante, conhecermo-nos primeiro em Passado do que em Porvir, — já que ignoramos um e outro.

O que foi deixou vestígios.

E assim, partindo desta verdade aceite como axioma, o Mestre começou procurando esses vestígios.

— Onde os buscar?

— Dentro de nós, decerto.

Ora, dentro do nosso mistério total, o que será mais fantástico? A inteligência — melhor: a imaginação. Não há dúvida. Pois como é que o nosso cérebro, de forma alguma querendo admitir o inexplicável, ao mesmo tempo sabe acumular fantasia sobre fantasia — a cria mesmo, involuntariamente, a toda a hora? Se o nosso cérebro só admite o que vê, o que sente — *o que é* — como se concebe então que, ao mesmo tempo, saiba sonhar o que não existe? Sim, como é que não *havendo* fadas, nem encantamentos, nem deuses, nem milagres — os homens souberam *realizar* todas estas irrealidades?...

De que se acastela a verdadeira Arte?

— Da fantasia.

— A que se reduz o génio?

— Às faculdades criativas. Quer dizer: à fantasia desenvolvida no mais elevado grau.

Sim, sim, se a nossa razão só pode admitir o que se palpa, como se lembrou de idealizar o que se não palpa?

Há, sem dúvida, aqui uma incoerência perturbadora...

Incoerência? Talvez só aparente. Vejamos: Nós conhecemos um dia certo panorama donde depois nos afastámos. Como já o conhecemos, mais tarde, *longe dele*, sabemos lembrá-lo. Isto é: vê-lo imaterialmente, *mas porque já o vimos materialmente*. Nem doutra forma se conceberia que fosse. Ora, sendo assim, porque não havemos de supor — em paralelo, e com muitos visos de verdade — que uma origem semelhante terá a imaginação?

Nesta ordem de ideias, a fantasia não será mais do que uma soma de reminiscências. Simplesmente de longes reminiscências de coisas que nos não lembramos de ter visto — mas que tudo, em realidade, nos leva a crer que vimos, pois as sabemos *rever*. Aliás, eis disto a prova máxima: *a imaginação não é ilimitada*. O artista que queira executar uma obra só a pode ascender dentro dum número muito restrito de Artes: ou será um pintor, um poeta, um escultor, um músico ou um architecto. Por mais distante que se eleve o seu génio, ser-lhe-á vedado altear uma obra que se não reduza a um poema, a um edifício, a uma partitura, a uma estátua, a um quadro. Se a imaginação fosse livre, — isto é: se fosse meramente imaginação, se não

fosse factor de coisa alguma — não deveriam existir estas restrições. O artista acumularia *outras obras, doutras Artes* — e só em verdade caberia o epíteto de genial, àquele que triunfasse deslumbrar-nos com uma Nova Arte.

De resto, mesmo fora da arte, na simples vida de aspiração, tudo se limita a três ou quatro números de cada ordem — tudo se sintetiza. Sonhem-se os espasmos. Mas até o maior onanista, não saberá evadir-se, criando um êxtase novo — que não seja êxtase, mas outra coisa qualquer, excessiva, total; enfim: mais arrepiadamente doutra cor, *duma cor que ainda não o tivesse sido*.

Portanto, para concluir: A fantasia, a *propriedade* mais misteriosa do homem e aquela que melhor o distingue dos outros animais, é factor de qualquer coisa, visto que se restringe — e, *apoiadamente*, deverá ser factor de reminiscências. Logo:

«Só podemos imaginar aquilo que vimos ou de que nos lembramos. Se vimos, a fantasia chama-se memória. Se apenas nos lembramos sem nos recordamos de o ter visto — é nesse caso a fantasia pura.»

«O homem que mais reminiscências guardou — será aquele cuja fantasia mais se alargará. Génios serão pois os que menos se esqueceram.»

Aceite esta hipótese tão verosímil, imediatamente nos é lícito concluir que antes da nossa vida actual, outra existimos. A fantasia cifrar-se-á nas lembranças vagas, longínquas, *veladas*, que dessa outra vida conservámos. E sendo assim, nada nos repugna também propor que a nossa vida de hoje não será mais do que a morte, do que o «outro-mundo» da nossa existência da véspera.

— Mas como passaremos duma vida para a outra vida, atendendo que numa conservamos longínquas reminiscências da anterior?

Segundo o Mestre, tudo residiria numa simples adaptação a diversos meios. Os órgãos da nossa vida A, em função do tempo — ou de qualquer outra grandeza — ir-se-iam pouco a pouco atrofiando relativamente a essa vida; isto é: *modificando*. Até que a mudança seria completa. Então dar-se-ia a morte para essa vida A. Mas, ao mesmo tempo, esses órgãos haver-se-iam

adaptado a outra existência, tornando-se sensíveis a ela. E quando assim acontecesse, nasceríamos para uma vida B. Quer dizer:

«As almas têm idade. E as várias vidas — pois nada nos indica que tenha limite o seu número — não serão mais do que os vários meios a que sucessivamente, e conforme as suas idades, as almas se afeiçoarão.»

Lembremo-nos em paralelo:

Os batráquios, animais terrestres na sua generalidade, foram primeiro larvas adaptadas ao meio aquático. Mudaram de forma, mudaram de órgãos. Tiveram guelras, têm pulmões. Vivem, bem visivelmente para nós, duas vidas diversas em meios diversos. Logo, nem por isso é muito arrojado formularmos a seguinte hipótese:

«Não somos mais, na vida de ontem e na de hoje, do que as sucessivas metamorfoses, diferentemente adaptadas, do mesmo ser astral. O homem é uma crisálida que se lembra.»

Esta hipótese proposta, vamos tentar, senão demonstrá-la, pelo menos apoiá-la.

Busquemos dentro de nós os fenómenos mais frisantemente misteriosos, procurando ver se *acertam* com a hipótese em questão. E, grosseiramente, sem ir mais longe, olhemos os sonhos, a epilepsia. Haverá porventura alguma coisa mais inquietante do que as visões reais — ou melhor: destrambelhadamente reais — que nos surgem nos sonhos, e de que os ataques de epilepsia, que são como que uma morte temporária, um mergulho fora-de-nós?...

Os sonhos...

Admitamos como provado que o homem guarda reminiscências duma outra vida — duma outra metamorfose — anterior a esta. Se guarda reminiscências, isto significa que conservou vislumbres de sentidos, de *órgãos* dessa outra vida. (Também entre os batráquios urodelos, as guelras primitivas deixaram vestígios nos criptobrânquios — os folhetos branquiais, o espiráculo — e subsistem mesmo, funcionando a par dos pulmões, nos

perenibrânquios, singulares animais perturbadoramente adaptados a duas vidas simultâneas.)

Durante o sono, os nossos sentidos actuais anestesiaram-se. Mas os crepúsculos de sentidos doutrora permanecerão acordados visto que não devem ser sensíveis ao sono desta vida, que não é a deles. Entretanto nos nossos sentidos contemporâneos adormecidos, estagnaram imagens da nossa vida presente, e — por outro lado — eles não se acham inteiramente anestesiados. Contudo, a sua intensidade não será tão grande que sufoque os vestígios de sentidos doutrora, como quando estamos acordados, e assim uns e outros trabalharão em conjunto. Daí, toda a incoerência dos sonhos, o destrambelamento da realidade, visto que as sensações serão meras sombras de sensações estagnadas, interpretadas por vislumbres de sentidos doutra vida, transmitidas ao nosso cérebro pelos nossos sentidos actuais morfinizados, *vacilantes*. Ou, talvez mais claramente: Durante o sono, os nossos sentidos adormecidos trabalharão accionados por sentidos doutra vida. Donde, uma soma de parcelas arbitrárias, cujo resultado se traduzirá na incoerência, na *falta de medida*, na fantasmagoria dos pesadelos.

Muitas vezes, quando sonhamos, temos a sensação nítida de que estamos sonhando, e, se o sonho é terrível, fazemos um violento esforço por despertar. Isto nada mais significará do que a luta dos nossos sentidos reais anestesiados, contra os vislumbres de sentidos-fantasmas em actividade.

Lembrar-nos-emos tanto melhor do que sonhámos — quanto mais perfeita tenha sido durante o sono a morfinização dos nossos sentidos. «Não sonhar», indicará que os nossos sentidos de hoje adormeceram inteiramente, e assim não pudemos guardar reminiscências do que oscilaram os vislumbres dos sentidos doutrora.

E, paralelo a este último, se apresentará o caso da epilepsia.

Nos epiléticos, a adaptação dos órgãos à existência actual, por qualquer circunstância física, será intermitente — haverá lacunas desta vida. O epilético, durante as suas crises, regressará a uma vida anterior — nada entanto nos podendo contar, de coisa alguma se recordando (nem do intervalo que houve na sua vida presente) pois a adaptação dos seus órgãos à vida de ontem, e a respectiva desadaptação à vida de hoje, teriam sido inteiras. Assim, não conservaria durante o ataque nenhuns pontos de referência que lhe permitissem, nesta, lembrar-se do que viveu na outra.

Nada nos prova, de resto, que haja só duas existências. Pelo contrário: tudo faz pressentir que se viva uma série delas, uma série mesmo infinita — muito melhor: uma série talvez circular, fechada; donde se conceberia sem grande esforço a imortalidade da Alma.

E, sempre conforme os apontamentos do Mestre, a loucura não seria mais do que uma adaptação prematura e imperfeita a uma existência vindoura. Aliás é muito admissível que já freiam em nós crepúsculos de sentidos duma vida imediatamente futura, como outrora — na de ontem — já vibrariam indícios dos desta, de hoje. E assim se explicaria o singular fenómeno do *já-visto*: Por vezes temos a sensação de já haveremos presenciado, não sabemos *donde*, certo cenário em que nos agitamos *agora* pela primeira vez.

Com efeito podia muito bem suceder que na nossa metamorfose de ontem, mais provavelmente na velhice desse período, existissem já embriões de sentidos futuros sensíveis ao nosso meio actual — os quais teriam sido longinquamente impressionados por essa paisagem, e dela guardado fantasmas de reminiscências que hoje, ao depará-la, bruxuleassem.

«Assim — escreve o Mestre — eu, olhando para trás de mim, tenho a noção nítida, recordo-me com efeito, da cor de certas épocas e, muito frisantemente, da *cor* do período romântico — tempo em que terei sido velho na minha vida de ontem.»

Outro ponto primordial há a examinar — por cujo exame será possível formularmos algumas hipóteses sobre certas circunstâncias da nossa vida imediatamente anterior.

Vejamos:

Na existência actual não vivemos só nós. Entretanto o único ser dotado de fantasia é o homem. Isto é: o homem é o único ente que guarda reminiscências, a única crisálida que se lembra.

Porque será assim?

Duas hipóteses nos é lícito propor:

Na vida de ontem haveria seres de várias espécies — cada uma delas *morrendo* diferentemente, isto é: desadaptando-se da vida *A* e adaptando-se à vida *B* diferentemente. Conservaria porém vislumbres de sentidos dessa vida

A, uma única espécie, que na vida *B* acordaria em homem.

Contudo esta segunda hipótese se afigurava ao Mestre bem mais provável e bem mais interessante:

Nessa vida anterior haverá apenas um ente — *mas muitas mortes*. Conforme se tiver morrido na vida *A*, assim se nascerá para a vida *B*. E o ente que nessa vida *A* morrer mais perfeitamente, será na vida *B* o menos perfeito. Logo: «*Não foi o mesmo o destino dos seres dessa existência após a sua morte quanto a ela.*»

E eis o que muito bem nos viria explicar a origem da fantástica concepção humana de Inferno e Céu — o céu para os que procederam bem, o inferno para os que procederam mal. Ela não residiria mais do que na adaptação inconscientemente feita como hipótese, duma verdade consciente sabida na outra vida e de que, nesta, tivéssemos conservado pálidas reminiscências. Sim. Na vida de ontem, saberíamos que o nosso porvir na de hoje, variaria conforme existíssemos a de então. E assim, identicamente, teríamos suposto — ao desenvolvermo-nos na vida actual — que o nosso destino em Amanhã, seria diverso segundo procedêssemos em Hoje; escolhendo como factores das várias sortes o bem e o mal. Ora, em verdade, ser bom ou mau é uma orientação, uma *tensão* diferente do espírito, — o que, duma maneira muito lógica, poderia diversamente influir na adaptação dos nossos órgãos à existência vindoura, e no seu respectivo desafeiçoamento quanto à presente:

«Na vida anterior à nossa haverá pois um único ser, o qual morrerá mais ou menos perfeitamente, terá nesta vida determinado destino, conforme lá agiu, *foi* — este «foi», é claro, de forma nenhuma traduzindo ter sido bom ou mau, ideias que só significarão alguma coisa aos nosso sentidos de hoje.»

A fantasia compõe-se de reminiscências. Se o homem fantasiou destinos diversos para depois de si, é porque nele existem lembranças dalgum facto real, paralelo.

Eis donde se chega a todas estas conclusões, e eis pelo que o Prof. Antena reputava a segunda hipótese a melhor apoiada.

Entretanto ainda se não agitou o lado mais inquietador do problema.

Aceite a hipótese das vidas sucessivas — e, de resto, preocupando-nos apenas com a de hoje e com a de ontem — onde se localizarão essas vidas, quais serão os seus *meios*?...

«*Essas vidas existem sobrepostas, bem como os seus meios*» — parece ter concluído o sábio. Unicamente os seres adaptados a uma vida, seriam insensíveis a outra. Assim não a poderiam ver, não a poderiam sentir, embora ela os traspassasse, os entrecruzasse.

— Mas essas existências não preencherão antes os vários astros?

Era muito admissível. Simplesmente o Mestre punha em dúvida a existência de vários astros. Conforme as suas notas (ignoraremos sempre, por desgraça, em virtude de que maquinismo de raciocínios, de que observações ou de que experiências, ele chegara a imaginar tal sistema do universo) os astros não seriam mais do que vários *estados* do mesmo tempo — ou melhor: da mesma grandeza indefinida — e as vidas: a idade, os diversos períodos de metamorfoses, do mesmo ser psíquico que sucessivamente se fosse adaptando a um e outro estado dessa grandeza.

Não nos julguemos em plena fantasia. Olhando em volta de nós, logo topamos com factos paralelos — longinquamente paralelos, mas em todo o caso comparáveis. Pois não existem ao nosso redor, sobrepostos, três meios: o sólido, o líquido, o gasoso? E não existem indivíduos especialmente adaptados, pelo menos a dois desses três meios?

Muito bem. Admitamos por momentos que um peixe não teria órgãos sensíveis à vida terrestre — que, assomando à tona de água, os seus olhos não avistariam nem os promontórios nem as falésias, e que o seu corpo seria poroso e transparente a tudo quanto pertencesse a essa vida. Suponhamos que, em relação ao meio aquático, o mesmo se dava com os seres terrestres. E eis como teríamos duas vidas misturadas, emaranhadas — mas cada uma delas vivida exclusivamente, *existindo* exclusivamente para determinados indivíduos.

Que, na verdade, assim acontece. Apenas todos nós nos vemos uns aos outros, e vemos ou sentimos os meios onde nos não podemos agitar. Aceite-se porém que esses meios que nós presenciamos são, ainda que diferentes, da mesma ordem; outros no entanto existindo de outras ordens, entre as quais as diferenças serão máximas, nenhum dos seres a um dos meios de certo grupo adaptado sensível a um meio doutro grupo — e teremos a realização da hipótese do Mestre. Suponhamos ainda, para a completar, que assim como um sapo, no estado de larva, é um ser aquaticamente adaptado, e, no período adulto, um animal terrestre — também um mesmo núcleo psíquico vivendo

originariamente uma vida *A* num meio α , se iria adaptando sucessivamente aos meios β , γ , δ , existindo neles as vidas *B*, *C*, *D*; cada um desses meios, é claro, tornando-se-lhe sensível em função das suas metamorfoses; isto é: da sua idade.

Há mais porém. Existe outro paralelo bem melhor, bem mais frisante — a vida vegetal.

Os vegetais *vivem*. E entretanto nenhum sentido, nenhum órgão, possuem propriamente igual aos dos animais — a bem dizer nem o seu meio é o mesmo, visto que uns e outros se aproveitam de elementos *diversos* dum mesmo meio. Os vegetais não vêem seguramente a nossa vida, não a sentem. A prova está em que lhes falta por completo o instinto da conservação. *Não fogem quando nos propomos colhê-los*. A nossa vida «atravessa» a sua vida, mas eles nunca a adivinham.

Pois bem. Porque não há-de suceder o mesmo connosco?

Porque não hão-de viver em volta de nós outros seres, nossos parentes — nossos antepassados, nossos vindouros — que nos verão, nos sentirão, não sendo por nós nem vistos nem pressentidos?

É avançar muito decerto assegurar o contrário. (Mesmo sabemos tão pouco, tão infinitamente pouco, que nunca devemos, em verdade, garantir coisa alguma.)

E, sendo assim, nada nos repugnaria, comparando, propor que as doenças que nos matam seriam apenas as *colheitas* que de nós fariam seres doutra vida e dos quais não fugiríamos, à falta de os saber adivinhar.

«De resto — anotara o Mestre em parêntese — todas estas comparações com o reino vegetal, devem abranger também os minerais. Nada nos prova, com efeito, que eles não vivam. Apenas não viverão uma vida como nós a compreendemos. Não viverão isoladamente. Mas podem viver em conjunto: *terão idade em conjunto*. E cada “tempo” dessa idade representar-se-á por uma espécie mineral.»

Entanto, cumpre não esquecer: tudo isto são meras comparações, apenas grosseiros paralelos. Pois, em verdade para todos nós — animais, vegetais ou minerais — o *meio* é realmente um mesmo conjunto: apenas muito diversas as adaptações, os processos de utilizar esse meio.

«Todos formaremos um conjunto. Podermo-nos-emos até, quem sabe,

vermo-nos todos uns aos outros — pelo menos os superiores em complexidade orgânica vêm os inferiores. Haverá porém vários conjuntos. Cada um destes conjuntos é que não poderá, *naturalmente*, varar o mistério de nenhum outro.»

E foi essa a extraordinária empresa a que o Prof. Antena se decidiu meter ombros, embora todas as barreiras!...

Não nos é desgraçadamente possível saber como ele chegou a um resultado prático — pois, segundo veremos, a sua estranha morte parece não significar mais do que esse resultado atingido, ainda que debalde. Mas pelos seus papéis, conhecemos em teoria o que buscou vencer:

Admitido como verdadeiro o sistema das vidas sucessivas entrecruzadas, cada uma delas apenas sensível ao conjunto de seres que a existisse — aquele que, não obstante, tivesse conseguido *artificialmente*, duma existência, tornar os seus órgãos sensíveis a outra, poderia, da sua, viajar nessa outra.

Seria o caso do vegetal que, continuando a ser vegetal, fosse ao mesmo tempo animal. Nós não sabemos, não *sentimos*, o que será a existência duma árvore. Conseguíssemos vivê-la, *não nos esquecendo de nós*, e conhecê-la-íamos. «Não nos esquecendo de nós», isto é: não deixando de ser nós-próprios, visto que, dada a transformação completa, da mesma maneira ignoraríamos tudo — porque só conheceríamos então a nossa vida de vegetal...

Paralelamente — e segundo a hipótese do sábio — um epilético, durante a crise, baixou a um outro mundo. Mas como os seus órgãos, momentaneamente, se desadaptaram por completo deste, — ele não pôde, ao regressar, dizer-nos o que viveu no outro. *Viajou-o de sentidos vendados*.

Em resumo — o Mestre propunha-se ao seguinte: adaptar os seus sentidos a uma outra vida (à nossa vida imediatamente anterior), conservando-os ao mesmo tempo despertos na de hoje. Verdadeira ambição de Deus, a sua! Entretanto publiquemos ainda estas curiosas notas, extraídas quase textualmente dos seus cadernos.

«Suponha-se mesmo que existem vários astros e que, em cada um deles se localizará uma vida e um meio. Pois nem por isso cairia por terra a hipótese dos mundos sobrepostos.

«— Como assim?» objectar-se-á. «Entre os astros haveria nesse caso

distância — e não se vence distância sem movimento... — Perdão... Mas quem nos diz que o movimento existe? Podemos acaso ter essa certeza? De forma alguma... E vêm até de muito longe as dúvidas a tal respeito — já Zenão de Eleia negava a sua existência. De resto o mais provável, o quase certo — é que o movimento, o tempo, a distância (ou melhor: as medidas do tempo e da distância), serão apenas sensações próprias aos nossos órgãos actuais, *sensações que os definem*: e a realidade das coisas uma outra sensação; bem como a sua irrealdade. Porquanto no Universo, nada será real nem irreal, *mas outra coisa qualquer* — que só saberia o indivíduo perfeito que se adaptasse duma só *Idade*, a todas as vidas, vivendo-as universalmente. E a esse triunfador, em verdade, caberia o nome de Deus.»

«Depois, nesta hipótese da sobreposição dos meios, não será um belo apoio o conhecido fenómeno do *já-visto*? Se as existências se cristalizassem *separadas*, longínquas entre si, se a distância fosse uma realidade — presumivelmente nós não lograríamos entrever com vislumbres de sentidos prematuros (por transparência brumosa, decerto) o que se estilizasse numa outra vida, e assim chegados a ela, reconhecermos às vezes, em ténues lembranças, sombras, paisagens, crepúsculos.»

«Em pequeno — aponta ainda o sábio — colocando-me em face dum espelho, estremecia não me conhecendo, isto é: apavorado do meu mistério. Entretanto a sensação que me oscilava — descubro agora — não era verdadeiramente esta. Parecia-me antes, não que me desconhecia, mas que já soubera outrora quem *fora* — e que hoje me esquecera, sendo impossível recordar-me por maiores esforços que empregasse.

«E isto só vem apoiar a teoria das reminiscências — logo das vidas sucessivas, pela qual se chega a conceber a eternidade da Alma. Aliás, devemos com efeito ser espiritualmente eternos — e um indício reside em que, pensando no nosso além, nos chega sempre por último esta sensação: Ainda que a morte fosse o aniquilamento total, ficaríamos embora *sabendo* qualquer coisa — por nada termos ficado sabendo, *por nada termos sentido ver*.»

*

* *

Eis tudo quanto me foi possível extrair dos vagos apontamentos do Mestre. Daqui para diante, apenas nos será lícito fazer suposições sobre eles.

Estas notas, já antigas de alguns anos, deve-as o Prof. Antena haver meditado, *ajustado*, descido profundamente nos últimos tempos. E decerto encontrou provas autênticas para as suas teorias — não tornando desde aí a assentar coisa alguma porquanto, embrenhado no assunto, e decidido a trabalhá-lo até ao seu limite, isso lhe seria dispensável. Com efeito ele só se utilizava dos seus cadernos, quando, ocupando-o a resolução de determinado problema — ideias lhe surgiam sobre qualquer outro que só mais tarde agitaria.

Seguro do seu sistema, buscou demonstrá-lo; isto é: penetrar numa outra vida — na nossa vida imediatamente anterior, segundo todas as probabilidades. Como o tentaria, em prática?

Segredo...

Em outros maços de papéis existem séries de cálculos e de fórmulas químicas que provavelmente se relacionaram com a busca da maravilha. Os cálculos porém são indecifráveis na sua maioria, e as fórmulas de impossível leitura, visto que a par de símbolos conhecidos, muitos outros figuram que não podemos identificar. A fórmula que mais se repete é esta:

$$W^3 Y^2 X N^4 R o . \alpha$$

Sem dúvida referiam-se também à descoberta as estranhas ampolas encontradas em movimento no seu laboratório e o misterioso relógio que, durante o passeio trágico, parecia orientar os seus passos. Nada mais sabemos.

Ora em tudo isto — afirmei logo de começo — residiam as provas da verosimilhança da extraordinária morte do Prof. Antena — cuja verdade só hoje estabeleci.

Vejamos por que maneira:

Muito facilmente — se aceitarmos que o Mestre venceu o Mistério, como em verdade essa morte fantástica nos parece indicar.

Sim. Mantendo-se sensíveis a esta vida, os seus órgãos teriam com efeito

acordado noutra vida. Nesse instante Absoluto, o corpo do Mestre deixara de ser poroso, insensível, invulnerável a essa existência. Mas quando isso sucedeu, qualquer coisa desse mundo o teria varado — como ao epilético descido a outra vida durante a sua crise, qualquer coisa da nossa poderia esfacelar (um automóvel, o volante duma máquina) se nós não *víssemos* o seu corpo e não o resguardássemos.

Assim — talvez apenas por um acaso desastroso, — o Prof. Antena, ao *vencer*, surgisse na outra vida entre uma Praça pejada de veículos, entre uma oficina titânica, no meio de maquinismos vertiginosos, alucinantes, que o tivessem esmagado.

(É claro que os termos que utilizo são minimamente paralelos — pois nessa existência nem haveria maquinismos nem Praças, mas quaisquer outras coisas. Quaisquer coisas *novas* que, da nossa vida, pela primeira vez teria presenciado o grande Mestre).

Tal é a hipótese que pela minha parte proponho. Quem entender que formule outras — mesmo que retome as suas teorias e praticamente as busque verificar. Para isso as publiquei. Seria um crime ocultá-las. Elas rasgam sombra, fazem-nos oscilar de Mistério, como nenhuma outras. Incompletas, embaraçadas, são entretanto as mais assombrosas...

... E na memória do Prof. Domingos Antena, devemos sempre lembrar, atónitos, Aquele que, por momentos, foi talvez Deus — Deus, Ele-Próprio: que realizaria, um instante, o Deus que nós, os homens, criámos eternamente.

Lisboa, Dezembro 1913 e Janeiro 1914.

O FIXADOR DE INSTANTES

a Guilherme de Santa-Rita

O Instante! O Instante!

Não sei como os outros que desconhecem o meu segredo, a minha arte, podem viver da vida. Não sei.

Eu morria de saudade quando uma noite de quimera venci, realmente venci à força de ânsia, achando a mais bela das artes perdidas. Porque eu não creio ter descoberto a minha arte. Apenas a reedifiquei. Foi uma reminiscência longínqua — donde, ignoro — de muito longe, de além-sonho talvez, que me ensinou o segredo. Acordei-o, não o fui. E tenho, é bem certo — posso gritar — tenho nas minhas mãos a vida que a todos, aos mais felizes, aos mais ricos, esguiamente foge, se desfaz sem remédio dor após dor.

Viver momentos radiosos, ter corpos áureos, bocas imperiais, e a glória ungir-nos em auréolas que ascendem — é isso ser feliz? Mentira! Pois tudo passa, esvoa tão rápido como o tempo. E sofremos da saudade: da saudade do que foi, a menos cruel porque já passou, da saudade do futuro — que desconhecemos — da saudade do presente, que sentimos bem o que é, e por isso se nos torna a mais contorcida de angústia.

O homem felicíssimo, em verdade, é um pobre recebedor de contas pelas mãos do qual, diariamente, milhões se precipitam e que no entanto vê os seus filhos morrerem à fome. Assim por entre os dedos do homem venturoso a beleza caminha, é certo, mas não permanece; minuto a minuto se esgueira em rodopio alucinante. E mesmo que a beleza volte, se esse homem tiver alma, for um artista, os olhos de sombra se lhe marejarão de lágrimas — saudoso do que passou e não mais tornará, *só porque já foi*.

A vida, sim, a vida é uma estrela encantada e multicolor da lanterna-mágica da minha infância. No lençol que estendíamos e sobre o qual o meteoro fantástico se projectava inconstante, golfando novas formas, novas cores, eu, não podendo crer na sua mentira, enclavinava as minhas mãos fascinadas, tentando em balde fixar sobre o pano, palpar, entrelaçar a maravilha que vertiginosamente se escoava, e era só luz a tingir-me os dedos, luz movediça — ilusão desfeita...

Tal como a vida. A vida não se pode tactear: é brilho só, imagem fugitiva apenas. Pois o que foi não se pode reproduzir: nem com os mesmos beijos, o mesmo sol, os mesmos estrebuchamentos. E um segredo não se repete.

Como seria grande aquele que lograsse *realizar* a vida! dar forma, persistência, a todos os momentos belos, fulvos de angústia — em todo o caso grandes, sensíveis — que alguma hora existisse!... Para tal a vida criaria novas dimensões; seria altura, vertigem, ela que é só superfície...

Erguer a vida, sim, erguê-la em ameias de ouro e bronze, engrinaldá-la de mirtos se quiséssemos, e podê-la, podê-la enfim tocar... dar resistência às bolhas do gás fantástico, à espuma loira do champagne — *ter tido e ter!* Glória máxima! Apoteose!

Pois bem — voos de triunfo! — eis no que reside o meu segredo; é essa a minha arte, a arte perdida que admiravelmente venci!

Sim! eu acastelo a vida em ânsias eternizadas. Ergo dela aquilo que me sentiu — ou belo ou doloroso, ou real ou falso!

E se uma tarde me varou esmaecidamente a sensação de ter esquecido um grande amor que nunca sofri — esse instante bizarro, perturbador de errado, eu soube-o fixar: esculpi-o, tenho-o. Sei vê-lo, resenti-lo, como quem folheia um livro já lido, *mas que pode tornar a ler*.

Graças ao meu segredo eu folheio a existência, — mas folheio-a realmente; não evoco apenas, morto de saudade vaga, as suas páginas rasgadas. Que para os mais, os dias da vida são páginas rasgadas logo depois de lidas.

— E como erguer o instante, volvê-lo perdurável?

De mil formas, como de mil formas o artista de génio executa a sua arte.

O artista de génio — não disse: o Deus. O Deus, esse, cria. E assim, tristemente acentuo, se a minha arte edifica a vida, não a sabe entanto viver: O momento dourado, eu posso palpá-lo, revê-lo, tornar a beijá-lo em chama, mas não — ah! mas não! — fazer-lhe brotar outras asas de fogo. Apenas os mais tudo perderam — alma e corpo das horas. Eu, se perdi as almas, tenho os corpos para mais frisantemente as recordar. Embalsamei o instante.

Eis tudo.

Não ressuscito. Petrifico.

Uma das minhas obras melhor trabalhadas; não digo das superiores — entanto das mais conseguidas — foi a fixação dum ano numa grande capital, dentro de mim, para sempre.

Eu sentia, eu amava tão lucidamente aquele solo ultracivilizado!

Se me descia uma grande amargura, um tédio mortal, ao constatar a perda irremediável e definitiva da minha existência — atentava para fora de mim, e, em face do rio latino que se esgueirava sob as pontes, tumultuante de luzes, em face do ruído urbano e longínquo que era a partitura do movimento, olhando os candelabros esguios, litúrgicos por iluminarem aquela vida imensa — um orgulho enlevado todo me possuía, e um júbilo infinito, por viver também na capital assombrosa. Mais. Porque, numa ampliação d'alma, era em verdade eu que a vivia — tamanho amor, no fundo talvez só puerilidade, me subtilizava por aquela terra, nostalgicamente.

E como era fatal uma noite vir a perdê-la, logo diligenciei construí-la inalterável para mim e eterna.

Assim a comecei fixando, emoção após emoção — pouco a pouco, pois ela era enorme — como quem pregasse com alfinetes, lentamente, cuidadosamente, uma grande peça de linho.

Petrifiquei-a, sim, no meu coração, a capital das ânsias; enchi-a para o meu sentir de pontos de referência, de rastros áureos através maravilhas! Tenho-a! Tenho-a!...

E eis como me guiei:

Para um bairro tradicional morava um meu amigo que muitas noites, premeditadamente, eu visitava.

Na mesma pensão viviam algumas raparigas do norte, daquelas raças louras do norte que eu tanto sinto, e entre elas, uma de quem eu tinha mais saudade, loura também e eslava — dessa Rússia onde, estranhamente, vive qualquer coisa de mim.

Falávamos os dois, longínquos e banais, numa conversa entretanto fácil e lisonjeira graças aos nomes dos mesmos artistas queridos, das mesmas obras admiradas que, momento a momento, nos faziam reconhecer.

Essa criatura gentil, tão heráldica para a minha vibratibilidade, era-me preciosa como um dos muitos vértices em que assentaria a capital deificada. E então uma noite mandei-a ler versos meus: A sua voz de encantamento

vibrou por instantes uma língua misteriosa para ela — uma língua do sul que ali só eu podia compreender...

Ela falara só para mim, e nunca mais, nunca mais, repetiria as palavras que murmurara só para mim.

E os meus versos eram dourados... E a sua boca também era dourada...

Mas não foi tudo:

Um dia o meu amigo veio-me visitar com uma rosa na mão, dizendo-me que se fora despedir dela que partira para nunca mais eu a ver. E quando saiu, deixou a flor que a sua camarada lhe dera ao saltar esbelta e ágil para o grande expresso. Meti a rosa esquecida num jarro de água...

Na tarde seguinte, como o meu amigo não a viesse reclamar, ungidamente eu cortei o caule da flor — que os seus dedos eslavos decerto haviam apertado — e algumas pétalas fanadas. Encerrei estes pobres vestígios num grande sobrescrito, que lacrei, escrevendo por fora o seu nome sonoro, fluidamente ruivo.

Quem me visse diria: «Uma recordação de amor», e quem me ouvisse contar o pormenor explicaria: «Você procedeu assim, ora, meu amigo, por uma ternura inconfessada. No fundo, creia, foi que amou um pouco essa rapariga distante, passageira fugaz da sua vida. Enternecimento, mágoa esbatida, saudade — e mais nada, juro-lhe.»

Engano! Engano! Para mim, essa criatura não fora mais do que uma personagem, acariciadora, é verdade, mas espiritualmente anónima no turbilhão — uma estranha como tantas outras. Valera-me apenas como figurante gentil dum cenário, dum tempo da minha vida que, por embelezadores, eu quis fixar. E mais tarde, revivendo a pobre história da rosa — enternecidamente, é certo — recitando os meus versos que a sua boca de harmonia soou, indo às minhas gavetas procurar o sobrescrito aonde existia alguma coisa dela — alguma coisa que eu posso palpar, *que eu posso destruir* — tudo isso eu referirei à cidade magnífica. E uma noite, se quiser, rasgarei o sobrescrito — *abaterei um instante da minha cidade*. A maior prova de que o vivi, de que o tinha: só quem possui pode despedaçar.

É da soma dum grande número de instantes fixados que resulta o edificação perdurável duma época, duma paisagem, dentro de nós — e por outros detalhes como estes eu logrei construir de momentos a maravilhosa

escultura urbana: lendo letreiros de ruas, decorando-os, e beijando as árvores dos jardins, palpando a terra dos boulevards, olhando recantos ignorados, ascendendo às altas colunas...

Mas tive que lutar com a realidade demasiada e o excesso das coisas aprendidas.

Residindo largo tempo no solo admirável, eu aprendera alguns locais tão pormenorizadamente que amanhã, longe deles, não os poderia sentir — de tal forma nitidamente os reveria! E não os sentindo à força de os ver, eu não saberia estremecê-los. Por isso, assim como o pintor esfuma a sua tela para a tornar mais emotiva, mais sensível, também eu precisei esfumar a minha cidade. E fui percorrê-la em bairros que desconhecia, nas minhas horas de grande vibração — horas que, com o cenário, pararam, ficaram bem presas para mim, pois durante elas eu oscilei sensações intensas e me perdi em sonhos geniais que, nas minhas obras, mais tarde realizarei.

Bem fixado o instante, igualmente o panorama se deteve. Mas esse panorama é-me vago porque nunca mais lá regresssei. E pertence à grande cidade. Logo, amanhã, eu posso recordá-lo *sentindo-o*. Não, *vendo-o* apenas.

Eis como emprestei ao total a bruma que uma obra destas precisa para ser eterna.

Enfim! Enfim! Desfolho rosas, esparzo aromas, telinto oiro sobre as horas belas que existo, e assim as enlaço!...

Riram-se os meus amigos quando a certa rapariguinha indecisa que eu nunca tive, dei um colar de safiras e beijos... *É que ela me apertara os dedos numa tarde de amor*. E eu precisava guardar a luz dessa tarde, a sombra daqueles olhos mordourados, a frescura dos seus dedos — todo o aroma rutilante da hora que fugia...

Gente sem alma! Gente sem alma!

Tantas coisas da minha vida que ninguém compreende, tantas, são apenas utensílios da minha arte... Assim as tristes cartas da dançarina nua.

Ai, como eu me envaideço, como deliro das minhas estátuas! como sou rico ao percorrê-las nas galerias infindáveis!... *Porque eu tenho um passado, sim, eu tenho o passado!*

Fixei a hora, guardei-a, posso tornar a vê-la.
Haverá triunfo mais alto?...

*
* *
*

Ao lembrar-me do futuro, às vezes, para sossego do meu anseio, vem-me um desejo quimérico de o fixar também, d'antemão. Mas isso, claramente, é impossível... E sofro muito. E o meu sofrimento tarde a tarde se exacerba.

Amo-a tanto... tanto...

Quando ela me surgiu, a resvalar longínqua e fulva, eu tive a sensação de não ser um habitante da vida. Pois algum dia essa carne, essa voz, essa luz — que eram, sim, realmente vida pelo tablado nocturno do grande teatro cosmopolita — saberia eu beijá-las, entendê-las, como outros, vivos esses decerto?...

Porém, com a saudade que depois me veio dela, a estranha sensação esvaiu-se e constatei, ah!, que existíamos bem no mesmo mundo...

Era toda de mistério a encantadora. Ungiam-na ao andar sombras aureoladas, transparentes d'alma, sombras que ela mesma, da sua carne-luz, suscitava em miragem velada. E era oiro golfado a sua voz a enclavinar-se em luxúria, oiro esbraseado por um sol desconhecido, longínquo e disperso...

Aromas capitosos a ilhas misteriosas pintavam-lhe a carne, macerando-lha, crepusculizando-lha em ânsia esbatida — a temperar o desejo talvez, ah! mas sem dúvida contorcendo-a em requintes perversos de esfinge saudosa a luar e a morte... Toda ela enfim se esculpia de chama, e era oscilação, sonoridade e pasmo, estrebuchando a louca do poema medonho, denso como uma bebedeira roxa após uma noite de amor e estrangulamentos...

A auréola que a envolvia fora agora mais sedução, e a toda nua redemoinhava sempre. Espasmo a espasmo, em insídia, os véus tinham soçobrado. As pernas vibravam, perniciosas, uma friagem húmida, esguia; o ventre frutificava. Só as pontas dos seios prosseguiam o seu mistério...

Ebânicas, as tranças tinham-se-lhe desprendido; e era já só perversão e

loucura a grande viciosa, quando, ao arquear-se sobre a cisterna alucinante, morta num êxtase — os próprios seios lhe golfaram nus, espectrais de roxidão, heráldicos de crime...

... E quando por último caíram sobre ela, a esmagá-la, os sons finais da partitura, que os tambores fechavam sobre a fera — eu tive medo, ah! sim, medo, que se não erguesse mais, consumado o poema, morta do amor, morta do desejo que em mim suscitara, ou — pelo menos — morta de amor de si mesma...

Mas não... Resplandeceu tranquila, descomposta e banal, sempre linda, curvando-se do proscénio sob os aplausos infames...

Mais tarde conheci-a. E o sonho continuou... Hoje vivo dela... e ainda não a beijei... e tremo tanto de a beijar... tanto...

A sua alma é como o seu corpo vibrando no poema alucinado. A sua alma anda também nua e é toda oscilação, misticismo sonoro, perfume arrepiante...

Ai, como eu a quero... como eu a quisera num espasmo sem fim...

E a maior agonia é que ela me quer também. Uma noite, fatalmente, os nossos corpos se hão-de embarçar... Mas depois... depois...

Meu Deus, quando a tiver possuído em êxtases de cor e ânsias de harmonia — saudade! vivi o mais dourado instante: o maior do passado, *o maior de Amanhã!*

Embalde... Pois como encerrá-lo, como pará-lo, esse instante divino, se ele é tamanho orgulho?... Até hoje eu soube edificar as coisas belas que fremi. Tristes coisas... Mas amanhã? Amanhã...

Maravilha!

Sou todo medo, subtil quebranto, em face à obra genial que devo altear — *que altearei se for.*

Um poeta assombrado do seu génio, receoso de o não envolver nos seus versos, difuso de cansaço, disparou-se um tiro esta aurora. E como ele, eu tenho a lembrança de morrer, de desertar perante a minha obra, cego dela...

cego dela...

Mas não!

É preciso ser força. Eu posso. Hei-de vibrar, hei-de sangrar, hei-de sonhar — e por fim acharei a vitória de esculpir também o momento inigualável da posse.

A posse!

Possuir-lhe-ei a carne muita noite, fria e nua — mas nunca a terei tanto de quimera como a vez primeira que a beber...

Ontem passeámos os dois, tão unidos... E ela pendurava-se-me num enlevo, a oscilar, a flébil. Receei até que morresse de mim... E depois separámo-nos. Só ferindo-nos as bocas...

É que ela também me deseja... também treme de mim...

A grande fera!...

Se eu pudesse architectar o futuro, estaria agora mais tranquilo. Iria para a noite assombrosa, bem certo de a saber fixar, mesmo com ela já fixada. Assim, além de todos, um pavor me alucina: se depois de viver o Instante eu vir que ele é ainda mais áureo do que posso ultrapassar?...

Tudo perdido! Tudo perdido!

Mas não importa!

Hei-de vivê-lo.

Embora. Terei sido luz!

*

* *

A vitória! A vitória!

Em frente de mim, no leito de esplendor, enrodilhava-se-me a grande cobra, votivamente oferecida. E foi só então, em verdade, que eu pude descer a altura do instante, medir a ascensão infinita da minha obra irreal.

Pois como fixar tudo quanto me excedia?... Seguindo-lhe o corpo nu, embaralhava-me iludido: a sua beleza, de ilimitada, era um labirinto. Não

findava nunca, contorcia-se. E os meus olhos de esforço tinham medo dela num transviamento...

Depois, em face do assombro, escapava-me a riqueza que me envolvia e eu precisava também reter: a cor do ar, o seu perfume revoltado, o seu timbre leonino... e as sedas, as peles, as rendas... as taças de cristal, os candelabros d'ouro... as folhas de amaranto... os gumes dos punhais...

Perdido, foi como se me lançassem ao oceano que me lancei sobre o seu corpo.

E em verdade houve um marulhar de vagas...

A glória fora excedida! O instante que eu delirara não era só o maior, era mais alguma coisa: em face dele, todos os momentos que vivera já se abatiam como espuma. Sim! Sim! Por terra, derrocadas, jaziam todas as minhas horas! E sob as ruínas, esmagava-me eu sem nunca mais me poder ressurgir — excepto se lograsse à força d'alma, fixar o instante sublime que me havia agitado: *o Instante da minha vida*, agora e para sempre, era irremediável...

Senti abismar-se dentro em mim a derradeira amargura. Fui todo as partidas. Mas revoltei-me, condensei-me em esforço... Quando ela adormeceu, surgira-me enfim a ideia genial. E venci-a! Venci-a!...

Primeiro tive medo. Em face da maravilha todos têm medo. Mas depois fui audacioso...

Ritualmente, bem lúcido, avancei sobre as rosas desfolhadas... Se ela o soubera havia de me abençoar... Numa ternura a descobri. Houve uma vertigem... Iriado, o seu corpo litúrgico platinava-se sombriamente pelo leito fantástico... Um arrepio de beleza se me eternizou... Aconcheguei-lhe as tranças e, de mansinho — não a fosse desmoronar, — cravei-lhe no peito um estilete áureo...

Os cabelos sonorizaram-se-lhe, logo volvidos silêncio outonal... toda a sua carne ondeou num arqueamento de luz... E nem mais uma vibração...

Trinqueei-lhe as pontas dos seios mortos. Fugi...

Glória! Glória! Tenho-a para sempre!...

Ai! como eu sofro... como eu sofro... ninguém nunca sofreu o que eu sofro! Sou todo horror de mim próprio, ternura inútil, confrangimento...

Que importa, se êxtase a êxtase, eu sei percorrer em triunfo, guiado pelo remorso do meu crime, tudo quanto na noite inigualável precedeu o meu crime?...

Tinha a maravilha, e quebrei-a!...

Mas, quebrando-a, esculpi-a eternamente em saudade. Assim é que eu a tenho, assim é que eu a dobro! Se não a despedaçara, destruíra-a sem remédio — tamanha a sua luz, tamanha a sua altura...

E perdê-la fora o maior sacrilégio. Infame aquele que, tendo vivido tão admirável sonho, o deixasse esvair.

Matei-a para não a acordar dentro de mim.

Há maravilhas que só devem ser sonhadas.

E eu sonhar-te-ei sempre, meu amor!...

Vitória! Vitória!

Nunca mais esquecerei os teus beijos, pois logo os perdi; nunca mais olvidarei os teus seios, pois mal os conheci. Fundi a saudade universal na saudade do teu corpo — saudade que só eu edifiquei, pois só eu o detive.

Tu perdoas-me! perdoas-me! *Foi para te rezar que te dourei de morte.*

Ó estátua da hora! ó minha cor, ó meu som, ó meu aroma — sempre te hei-de sentir, e fremir, e divagar...

Vês tu: Nem teve fim a nossa vitória. Pois eu não fixei apenas o instante luminoso. Fiz mais: desci da vida — hoje sou eu próprio essa auréola. Sou o Instante.

Estilizei-me em tempo. Parei.

Que delírios, o resto?

A grande sombra! a grande sombra!...

Lisboa, Julho de 1913.

RESSURREIÇÃO

a Vitoriano Braga

I

Decididamente Inácio de Gouveia já não era infeliz. A tudo nos adaptamos, de tudo nos saciamos — e em verdade o romancista, se acaso não se havia ainda adaptado, nauseara-se pelo menos da sua desventura. Ela já não o podia interessar. Descera-a bem, minara-a bem — intensa e admiravelmente a cingira nas suas Obras. Cavalgara a sua dor em oiro estrebuchante, silvara-a por nuvens longes de magia, através de espaços doutros mundos — doutras cores, outros sons... Mas o rico manancial por fim exaurira-se. Nem um pedaço de riqueza escapara às suas mãos sagradas. Para que se debruçar hoje mais sobre si próprio, se todo se conhecia, se todo se oscilava? Nunca relera um livro, por imortal que fosse — não se releria também. Enfartado da sua dor, desprezara-a, esquecera-a atrás de si, em tédio — e em mágoa talvez porque, em todo o caso, era tão belo o seu martírio, tão orgulhoso...

Fosse como fosse, ultrapassara o limite, o grande limite. Desenvencilhara-se sem de resto empregar esforços para tal. E agora, não havia dúvida, era feliz. Pois não se alastrava em sua face um caminho de prata? Bem seguro do seu génio, cheio de ânsias maravilhosas na imaginação, bem certo de as poder eternizar a ouro e lume — ascendia-se o maior o seu quinhão na vida. Dimanavam-no, em troca, muitas amarguras. Mas nada se vence sem resgate. E perante a sua vitória de cristal, ah! mínimo resgate era o seu...

Eis pelo que o artista se encarava hoje friamente, — desinteressado da sua desventura, acostumado a ela. Os seus estrebuchamentos doutrora não teriam sido mais afinal do que a luta duma alma contra uma infinidade de coisas douradas — duma alma egoísta, tentando expelir de si a riqueza porque só os inferiores vivem contentes... Mas por último, bem decidido, em coragem, todo ele se entregara ao seu destino de Auréola.

Olhando para trás de si, Inácio não lograva mesmo recordar-se

perfeitamente do seu passado. Ele surgia-lhe, nas suas dores, nas suas alegrias, como vibrado por um outro. Nas suas reminiscências havia com certeza lacunas — erros, ah, seguramente erros. Alguns episódios que ainda às vezes evocava, não se tinham por certo desenrolado como ele os revia, — sim, ele próprio, *o ele-próprio actual*, não pudera na realidade ter sido o protagonista de tais episódios. E lembrava-se até se, porventura, não se teria dado um embaralhamento na sua memória, e se os factos que recordava não haveriam antes sucedido com outro — um amigo íntimo, talvez, que uma noite lhos narrara em confidência.

Dava-se nele, com efeito, um singular fenómeno de desdobramento. Mas não se encontrara nunca em face de si próprio. Era mais complexo o seu quebranto. Inácio só se desdobrava em passado. Relembrando certas épocas, certos momentos vividos, ocorria-lhe logo, perturbadoramente, esta sensação misteriosa: que não fora ele que vivera esses instantes, mas sim *projecções de si-próprio* — projecções de si-próprio que ainda existiriam no Tempo, estilizadas. E pressentia, bem seguro pressentia, que esse automóvel vermelho que uma noite, em Paris, o transportara com certa rapariguinha pintada através de ruas monumentais — ainda lá circulava no mesmo Paris de festa, atravessando as mesmas ruas ziguezagueantes, conduzindo os mesmos passageiros, a morderem-se as bocas, de mãos enlaçadas, nas mesmas carícias... Ah! parecia-lhe impossível que assim não fosse — num tom soturno, longinquamente, por transparência sonora, ouvia até o resvalar da carruagem...

De igual maneira não podia crer que ele-próprio dum outro instante não tivesse permanecido, desde quinze anos, lá, no grande quarto do seu pai, na noite da morte da avó, entre a família, comendo bolos de ovos — no Inverno, embrulhado num xaile branco, de lã...

De forma que ao recordar as cenas mais sensíveis do seu passado — ou as suaves e tristes, ou as alegres — o assaltava sempre uma saudade impregnante. Mas não, verdadeiramente, a saudade do episódio evocado ou das pessoas com que o tivesse existido: antes, num último egoísmo, apenas a saudade do ele-próprio dessa hora, que se focara no tempo, perduravelmente — e que o artista não poderia mais sentir, *ver*, porque se não recua nos instantes...

Outras sensações bizarras o oscilavam ainda de quando em quando, a

provar-lhe melhor que o seu passado não fora com efeito vivido propriamente por ele.

Assim, há poucos dias, com um grupo de amigos, visitara um jardim dos arredores da cidade — tradicional, nostálgico a romantismo — onde há muito não ia... As ruas eram extensas, umbrosas de árvores gigantescas. Maciços de flores, em volta, e lagos — meias-laranjas de quando em quando, com assentos rústicos, de pedra. Ao fundo, um grande palácio, pesado, longo — de janelas fechadas, de vidraças antigas em pequenos quadriláteros. Uma atmosfera velha envolvia todo o ambiente poetizando-o de cinza — melancolia brumosa que se esgueirava em veludos, e em sedas lavradas, multicolores de ramagens; esplêndidas, embora o tempo as tivesse macerado. E um vago rumor de danças doutrora, casquilhas, suaves, volteava ainda tenuemente — com beijos nos recantos — e saias arqueadas de balão, arfando o ar em tons de rosa; corpetes de cetim, abertos, onde seios redondos, nacarados, repousavam como em ninhos — laços desfeitos, rubores, madeixas mortas; cartas perdidas, ramalhetes, elegias, perfumes olvidados... Werther, Antony, A Dama das Camélias...

Ao encontrar-se de novo nesse cenário melancólico, saudosamente o artista se recordou da última vez que passara pelas ruas romanescas... Ali, naquela meia laranja onde, a meio, se erguia uma memória, sentara-se largo tempo num banco de pedra... E uma tristeza loira, magoada, esvaecida, o penetrara então; lembrava-se muito bem — a tristeza seguramente dum romance de amor, caricioso, enternecido, que findara poucos dias antes... Todo ele fora enlevo, saudade branca, resignação... E era essa hora melodiosa que hoje evocava em nostalgia. Ah, mas se sabia bem o seu estado de alma dessa hora, era-lhe impossível relembrar-se do acontecimento que lho sugerira. Em vão buscava na sua vida esse amor triste — em vão. Estava certo que nunca o vivera... oh, de mais estava certo... Como é que nesse caso lhe lembrava essa saudade irreal? Sem dúvida porque não fora bem ele-próprio que uma tarde de Abril, há anos, se assentara nesse jardim, doloridamente — mas *um outro* que teria na verdade qualquer coisa dele próprio; melhor: um outro *ele-próprio* que o artista vivera um instante, sentindo-lhe o seu estado de alma presente (o estado de alma que hoje recordava) mas ignorando o que o provocara, pois só vivera esse outro nesse momento — não podendo assim conhecer-lhe o passado.

Também quando numa época da sua vida, já longe, certa mulher fora sua amante inesperada, às vezes, ao caminhar glorioso junto dela, pelas ruas da cidade — como as suas relações não eram seguidas, chegava-lhe um desejo violento de a possuir essa noite *para ter bem a certeza de que já a possuía...* e só no outro dia então caminharia realmente seguro do seu triunfo, ao lado dessa mulher esplêndida por quem todos os homens paravam...

Sim, Inácio de Gouveia em verdade não tinha razões para se queixar da existência. O seu lote ainda era o melhor, o mais dourado. Podia não haver muitas coisas suaves na sua vida — mas o que importava se existiam em troca tantas opulências?... Não haveria mãos enastradas nem lábios para morder, nem afectos ou amores — uma multidão de insignificâncias violetas, risonhas, carinhosas. Mas, a compensá-las, havia grandes maços de jornais, os volumes sagrados da sua biblioteca, e, sobretudo, as suas Obras — ah! as suas obras esquivas, roçagando miragens, extáticas de ouro, unguidas de Incerto, tigradas de orgulho, leoninas na ânsia...

Os livros... os maços de jornais...

Ali, sentado à mesa do grande restaurante, nesse dia luminoso de Natal — solitário, uns e outros eram-lhe os melhores camaradas. O seu quinhão na vida sintetizava-se bem nesses diários estrangeiros, alguns dos quais falavam da sua última obra, e no volume parisiense de capa amarela que essa manhã recebera dum novelista francês, seu amigo.

Na mesa do lado sentava-se uma família burguesa, modesta, tranquila — decerto pouco habituada a jantar pelos restaurantes. Pai e mãe, uma filha — os pais já velhos; a filha duns vinte anos franzinos, gentis, pálidos e honestos. Involuntariamente o romancista pôs-se a seguir a sua conversa banal: alusões ao passeio que nesse dia magnífico tinham feito no campo, projectos para o domingo próximo, referências vagas a pessoas de família, comentários ingénuos a cada novo prato que o criado trazia, objectos caseiros que se deviam comprar... Os pais eram sem dúvida extremosos daquela única filha, penhor tardio do seu amor sincero, vulgar.

Ouvindo-os, olhando-os, o artista sentia-se pouco a pouco enternecer em vislumbres de saudade. Fazia calor naquela vida, em todo o caso, e era sempre tão frio na rua...

Mas logo, em indignação reflexa, uma onda de orgulho o fustigou, reagindo. Ah! como ele era doutra Raça, doutro Mundo — como ele era Maior!...

... E, por último, só lhe restou um enternecimento cendrado em face das pobres criaturas: nelas, com efeito, se concentrara um instante o seu pensamento de Rei, e um instante mesmo sonhara baixar até elas — ungira-as de Si, um dia talvez immortalizando-as em qualquer das suas páginas admiráveis, comovidamente...

*
* *
*

A outras horas porém, num refluxo, Inácio de Gouveia não pensava o mesmo da sua infelicidade. Enganar-se-ia: por já não existir, quem sabe até se seria mais cruel a sua dor. Nem a sofrer já, angustiava-se a esses momentos que apenas fosse o anúncio do «fim» — *o limite*, a saturação última, a esterilidade sem remédio. Outrora, com efeito, ainda fremira instantes radiosos, soberbos de fulvos, ao debruçar-se sobre si próprio, alcoolizando-se da sua dor genial, e a erguer-se em chama... Enquanto que hoje, sabendo-se todo, nauseado da sua desventura, desinteressara-se dela; isto é, desinteressara-se de si próprio — ao que, longinquamente receava, poderia suceder o estancar do seu génio.

Hoje, o artista era-se em verdade um livro sabido de cor. Ainda que se quisesse reler, não o venceria. Ao concentrar-se, já lhe não era possível seguir o curso das reflexões sobre si próprio. Mortos de sono, não podemos falar seguidamente — empasta-se-nos a língua, faltam-nos as palavras. Pois bem, o mesmo lhe sucedia quanto aos pensamentos sobre ele próprio: *era como se tivesse sono desses pensamentos...*

Entanto, num novo fluxo, depressa regressava às suas ideias primitivas: que a saturação do seu martírio, valia pela liberdade da sua Alma — logo que, decididamente, já não era infeliz. E os receios da morte do seu génio, esses, plena loucura: ao contrário: esquecido da sua dor, o seu génio desdobrar-se-ia em face dele — individuado, pairando sublime sobre a vida; liberto na vitória maior...

De resto, fosse como fosse, mesmo até que ainda sangrasse, a realidade era que as suas ânsias, as suas torturas, apenas lhe seriam motivos de glória. Saber sofrer, saber vibrar, rugir, arder — aonde um triunfo mais enclavinado?...

Ah! como por exemplo ele se olhava grande por tão admiravelmente sentir o seu amor por Paris, a esbater-se em saudade, longe dele — incerto de o oscilar de novo, tão cedo...

— Paris!

As grandes avenidas, os boulevards tumultuantes, e à noite o Sena, sob as pontes heráldicas, arfando de mil luzes...

La Cité... Nossa Senhora de Paris! — a Catedral Tragédia, elançando-se ao ar, temível, pálida de exorcismos; a vibrar sombra gelada, a projectar mistérios — a Igreja fantástica, para além das suas linhas a pedra, suscitando todo um arcaboço em Alma; criando, maravilhosa, um movimento esguio e sonoro, translúcido e húmido, ritmizado em escoamento, erguendo-se ao céu, fugitivo, a esvaír-nos de altura cendrada...

Lá dentro abóbadas, naves de pasmo — milagre e medo na luz de imagens que os vitrais coam...

— Avenida da Ópera!

A rua Europeia, a rua das Raças — larga, pejada de trânsito, sonora a grande vida — imensa de cor, cegante de Acção!...

Praça Vendôme às cinco horas, rua da Paz dos cetins e esmeraldas — princesas de unhas lustrosas, vermelhas — oiro, véus, rendas, plumas, zibelinas — cortesãs e Actrizes, ídolos maquilados da minha época, frágeis e agudos, nervosos...

Montmartre dos narcóticos, às festas nocturnas — lantejoulas, escumalha, filigranas — danças da Andaluzia, canções da Itália — ó bebedeira esquiva do Champanhe, insónia platinada dos beijos de carmim...

Jardins românticos a amor e tradição...

Palácios reais, escadarias, arcos...

Plintos, colunas e obeliscos...

Sol-poente a arder em horizontes de bruma...

Longes de torres de aço, altas chaminés das oficinas — pontes, andaimes,

guindastes, cremalheiras — fábricas titânicas, silvos de locomotiva — vibrações de Progresso, murmúrios de Amanhã...

— Paris aristocrático!

— Paris dos bas-fonds!

— Paris da Colmeia!

Paris! Paris! Orgiaco e solene, monumental e fútil...

Existir na grande cidade, sozinho, sem beijos — era o mesmo para o artista do que se vivesse com uma companheira garrida, suave, de carne audaciosa. Ao passo que hoje, em Lisboa, ainda que tivesse a melhor das amantes, se sentiria igualmente solitário, longe de todos os beijos, de toda a gentileza.

A capital latina evocava-lhe um grande salão iluminado a jorros — perfumes esguios, luas zebradas, cores intensas, rodopiantes...

Lisboa era uma casa estreita, amarela — parentes velhos que não deixam sair as raparigas — luz de petróleo, tons secos, cheiro de alfazema...

E fora este amor enorme de Paris tão lucidamente sentido que lhe salvara por certo a vida, há mais dum ano.

A sua existência atravessava então, sem motivos, uma crise extrema, desolada em angústia. Via-se sem forças, morto para todos os entusiasmos: o cérebro líquido, a alma quebrada — a ponto que decidira fortemente meter uma bala no coração... Mas fora em Paris, e ah! lembrava-se tão bem da onda circular de orgulho triunfal que o evadira uma tarde, arremessando-lhe para longe essa ideia negra...

Tinha sido na Place Blanche. Acompanhava-o um amigo, jovem pintor cubista e de gorro de peles. Parados em face do Moulin-Rouge, os dois conversavam...

O pintor ia tagarelado qualquer episódio banal, — ele, nem o ouvindo, extático no ambiente que os cercava...

Era uma alegria de feira ao seu redor... No moinho do célebre music-hall, mansamente, principiavam a girar as velas de luz vermelha... camelots gritavam os jornais da noite... um carroussel volteava próximo, ao som rouco dum órgão mecânico... rapariguinhas pintadas seguiam no crepúsculo, em

perfil perdido, galantes... Ali se focava bem sensível, em festa, o Paris tradicional — o Paris dos estrangeiros que todos, nas nossas terras, desde crianças sonhamos...

E perante o cenário inútil, barato na aparência, o artista sentira — ah! de súbito, em verdade, sentira alucinadamente, Paris dentro de si: traspassando-o, lavando-lhe a alma, acendendo-o de mil luzes — golfando seios, entornando Champanhe, fustigando oiro...

Uma vaidade paralela hoje o dimanava, longe dele, sofrendo da sua nostalgia — e porquê?... Porque a sua tristeza provinha disto só: na Lisboa medíocre não circulavam mulheres luxuosas na audácia seminua dos últimos figurinos, nem silvavam automóveis pejando as avenidas — e não havia museus nem grandes bibliotecas — nem corpos nus nas apoteoses dos teatros — e os cafés eram desertos, e os amorosos não caminhavam de mãos dadas nem uniam as bocas pelas ruas — à volta não se esfumando edifícios sumptuosos, grandes palácios, grandes Armazéns de modas — torres, igrejas, colunas heráldicas!...

Por sentir isto tudo, oscilar isto tudo — em orgulho infantil, era quase feliz... via-se pairar tão alto, tão alto, sobre a multidão inferior que o acotovelava, anónima, pelas esquinas...

Ah! como ele abominara sempre essa turba normal — a gente média, a gente tranquila, que não tem estados de alma e que, mal chegou à existência, se domou aos usos e costumes, aos preconceitos!...

— A «justa-medida»?...

Que torpeza!

— Nesse caso, a loucura?...

Mas decerto: a loucura — pois só a gente de juízo é má e é imbecil!...

A loucura parecera-lhe sempre uma sagração. «Ser louco — exclamava — é ter um pouco de Deus na alma.»

De resto o seu amor não ia só aos doidos, àqueles que tiveram o génio de arder, de dar o grande salto, de mergulhar o abismo: não; numa violência enclavinhada descia também a todos os criminosos, — assassinos, ladrões, incendiários — a quantos foram capazes duma evasão, duma revolta, duma

ânsia — que nunca se domaram, que sempre estrebucharam... E um desprezo igual a esse amor, ele escarrava aos outros — os castrados: a gente digna e sensata, os que nunca tiveram um gesto de cólera, que nunca ousaram ofender ninguém — e falam baixo, e ouvem sempre bem atentos os seus interlocutores — e não vibram entusiasmos infantis, ternuras frívolas — e são justos, honrados, sinceros, coerentes em todos os seus actos!...

Malandros! Malandros!...

II

A infelicidade...

Era bem real que Inácio de Gouveia, às horas melancólicas, ainda sentia uma dor esvaída, capitosa, por lhe faltarem certas coisas ténues que às vezes, nesses instantes, inferiormente sonhava. E sofria de as não ter... Mas logo, descendo-se melhor, atingia como se injustificava a sua amargura. Essas pequeninas coisas que lhe podiam faltar, em verdade não existiam para ele — melhor: tacteando-as, breve lhes fugia numa desilusão infinita, num último desencanto, pois de forma alguma elas eram aquilo que, nelas, ele ambicionara...

Natureza excitada, sexual em violência, outrora, desde a infância, tinha ideado corpos nus, ruivos amplexos, êxtases de íris — mil voluptuosidades mágicas de água e sol... E mais tarde, quando pudera enfim estrebuchar sobre esses corpos a tanta insónia suscitados — ai! como voltara desiludido dos seus abraços...

— A posse?...

A Náusea Maior — pelo menos o vómito negro sucedendo ao espasmo dourado. Coisas peganhentas e húmidas, mal cheirosas, repugnantes... Onde encontrar beleza nos contactos do cio? Beleza... Mas haverá ridículo mais torpe?... Ah! o horror dos sexos — cartilagens imundas, crespas, hilariantes... E os suspiros da cópula; as contracções picarescas, suadas... Infâmia sem nome! Infâmia sem nome! Como resistir a tudo isto uma alma sensível?...

«— Oh! o triunfo inigualável daqueles que, sem a nódoa do sexo, vencessem um espasmo irreal, ondulante e translúcido, indefinido em oiro — lembrava-se a muita hora — só de lábios presos; nem tanto: astralmente, de corpos longínquos, purificados, incertos e livres!...»

Depois, no artista, as coisas do amor não lhe repugnavam apenas em matéria — afugentavam-no também em espírito. Ainda há pouco fora buscar a prova.

Tinha sido em Paris. Uma noite, casualmente, encontrara-se num pequeno teatro vermelho para Montmartre, bocejando o seu tédio. Mas de súbito, entre as intérpretes da revista idiota, os seus olhos fixaram-se numa dançarina meia nua — esplêndida, duma beleza enclavinhada: corpo agreste, musculoso, seios oscilantes, pequenos e esguios — lábios roxos, grandes olhos admirados, cabelos negros, — e a carne, a carne luminosa, mordourada a trigueiro, para se cobrir de esmeraldas. Nocturnamente, seria bem aquele talvez — excelsior! — o corpo triunfal da Salomé...

E no enlevo granate da maravilha, contemplando-a suspenso, o seu cérebro imaginoso logo se lembrou de construir um romance sobre ela — ai, agora, bem barato romance...

Voltara-lhe de súbito a nostalgia da gentileza — desses brandos episódios loiros que, em todo o caso, nos desenastam a alma e agitam véus cor-de-rosa em cerca à nossa vida.

Sim, pelas mesas dos cafés, quantas vezes invejara aqueles que esperavam uma companheira gentil que aparecia modesta, ligeira, afável — ao passo que ele se detinha solitário sempre, endurecido... Todo de incoerências — embora as suas repugnâncias, não lograra ainda renunciar definitivamente àquilo que os outros possuíam, e devia ser em verdade de tão meigas cores...

A sua primeira amante não a buscara ele; ela própria viera ao seu encontro — nem a possuía ele; ela só o possuía... As outras tinham sido tão raras, tão distantes...

Eis pelo que em face do corpo aureoral, recordando-lhe estas invejas, estes desgostos — o romancista começara, em inferioridade, a architectar um enredo...

Hoje corava de si mesmo se lhe lembrava a pobre história — nem podia acreditar que a tivesse vivido...

Ela fora assim:

No dia seguinte pegara num exemplar luxuoso da sua última obra e enviara-o pelo correio à bailarina, acompanhado duma carta escrita premeditadamente, em romantismo, do Pavilhão d'Armenonville — uma

carta tola onde justificava o seu envio desta maneira: a dançarina dera-lhe uma sensação tão grande de beleza — ah! de beleza apenas, não o fosse julgar apaixonado! — que ele, o Artista, o divino que só procurava por toda a parte as emoções gloriosas, não resistira, em primeiro lugar, a agradecer-lhe a visão estética sublime que o seu corpo lhe proporcionara e, depois, a ansiar viver um pouco em torno à maravilha — de qualquer forma referindo-se a ela. Assim lhe mandava esse volume — que de resto a encantadora nem saberia ler, escrito numa língua estrangeira — para que ao menos os seus dedos esguios, maquilados, perturbantes, uma vez tacteassem alguma coisa dele (o seu nome, as suas palavras) — e essa carta, para que um dia, mais tarde, longos anos volvidos, as suas mãos secas a achassem, quem sabe, entre velhos papéis... E então, longinquamente o recordaria — isto é: *fosse como fosse, ele volvera-se um personagem da sua existência...*

Mas havia mais, pois — suave glória! — a partir da tarde em que lhe escrevera, ele, o desconhecido, ao admirá-la nos teatros onde dançaria nua — saberia em verdade alguma coisa do seu passado: que ela uma vez recebera uma carta sua, um livro seu, estrangeiro...

Enfim, o certo era que, sem nunca se terem encontrado, milagrosamente iam deixar de ser dois estranhos — uma pequenina coisa doravante os ligaria: existiriam com efeito em relação um ao outro...

A rapariguinha — romanesca talvez, ou apenas interesseira — breve lhe respondera numa pobre carta sem ortografia, acusando a recepção do livro, afirmando que tinha gostado muito da carta, pedindo que lhe escrevesse mais. E havia nas suas frases toscas um tal desejo de corresponder ao pensamento delicado, de ser graciosa — que uma onda de ternura quebrantou Inácio...

Logo essa tarde, num entusiasmo, correu a um grande florista da rua Scribe e enviou cinquenta francos de cravos à bailadeira — com um simples cartão de visita prometendo nova carta.

Só lha escreveu no outro dia. Então, insidiosamente, ele dispunha o curso do enredo — cantando em audácia, o esplendor da sua carne ébria, dando-lhe a entender que não era rico, mas tinha vinte anos — para prevenir uma desilusão...

Terminava a lastimar-se, sempre em ardil, que era muito belo o seu papel misterioso de «desconhecido», mas que ignorava se teria coragem para o desempenhar até ao fim...

Na volta do correio, recebeu a resposta. E logo de novo se enterneceu, ondeadamente. A caligrafia era melhor — mais cuidadosas a ortografia e a gramática... Um desejo evidente de agradar... E com uma simplicidade adorável, a rapariguinha perguntava porque se não haviam de conhecer. Ela gostaria tanto...

Um júbilo infinito, esplêndido, lhe correu na alma. Beijou a carta repetidas vezes...

— Enfim! um pouco de sol chegava à sua vida... Ah! que triunfo admirável passear nas ruas de Paris com essa mulher doirada, e possuí-la — estiraçar-se imperialmente sobre a sua carne de aurora, entregar-se-lhe todo em amor e anseio fluído!... Havia de a morder, de a ferir — sim, de a ferir! — com os seus beijos, arroxeadamente...

... E ela parecia-lhe tão humilde, tão pobrezinha, tão pouca coisa... Pois bem! ele a levaria aos maiores restaurantes, às casas de chá mais luxuosas... Era-lhe impossível vesti-la de jóias, mas ensinar-lhe-ia que os grandes perfumistas são Delettrez, Houbigant, Lanthéric — que os mais esquisitos bombons saem das lojas do Boissier, do Marquis...

Como ia ser venturoso, como ia ser belo... Na manhã seguinte esperava três mil francos de Lisboa!

Saiu. Após o almoço entrou no Napolitano para lhe escrever uma carta em que marcaria o primeiro rendez-vous para dali a dois dias. Pediu café, papel, sobrescritos... E, de súbito, encontrou-se a pensar:

«— Afinal para quê... para quê... Aonde vou?... Sim, de que me vale prolongar tudo isto?... Conhecê-la-ei... beijá-la-ei, pode ser... e depois?... Que haverá de comum entre mim e ela?... Pobre criaturinha fútil, banalizada, insensível... Possuí-la? — oh!... possuí-la... Demais sei o que me espera!... E seguir-se-ão mil pequenas contrariedades... mil pequenos desenganos... encontros a certas horas... mil complicações inúteis... Para quê? para quê?... Não... Decididamente não vale a pena... de modo algum...»

E, numa resolução momentânea, limitou-se a escrever-lhe um rápido bilhete onde lhe dizia que era na realidade tão encantadora, tão cendrada, aquela aventura longínqua — que o melhor seria pôr-lhe termo, ser subtil até ao fim: não prosseguir para não quebrar o encanto...

Saiu. Estampilhou o bilhete no bureau próximo do Boulevard dos Italianos

— deitou-o na caixa... sem uma saudade; sem mágoa nem arrependimento...

Ainda alguns dias pensou, é claro, no triste episódio — mas sempre levemente, embora com ternura.

A rapariguinha não lhe tornou a escrever — e ele lembrava-se da cruel desilusão que fora talvez para ela a sua última carta... Via-a também sonhando amor, como ele, a certas horas — e a caminhar radiante para uma aventura literalizada em pacotilha, mas quem sabe se ideal aos seus pobres olhos...

E chegava-lhe assim uma piedade esvaída pela bailadeira nua, perversamente: só porque ela sofrera talvez dele, muito, um dia...

As suas cartas, guardara-as num grande sobrescrito — preciosas, pois iam-lhe servir para fixar palpavelmente alguns instantes dessa época da sua vida, alguns instantes do Paris dos seus vinte e três anos...

Aliás notava hoje bem como tivera razão em pôr um termo à aventura. Lançado nela, coisa alguma o deteria — e em balde, pois o certo era que nem mesmo por mais que beijasse esse corpo esplêndido, alcançaria nele aquilo porque uma noite o ambicionara. Com efeito o artista só poderia saciar os seus desejos — não, estrebuchando esse corpo nu, magnífico; mas sim, se ao mesmo tempo vencesse possuir os passos da bailarina sobre aquele pequeno tablado dum teatro vermelho para Montmartre... e os seus gestos, os seus sorrisos, o carmim dos seus lábios, os seus véus, as suas lantejoulas, as suas jóias falsas, as luzes que a iluminavam — todos os ritmos de cor e som que soçobravam rodopiando em volta da sua carne, a subtilizarem-lhe, a aureolarem-lhe o corpo indistinto em vertigens e apoteoses!...

*

* *

De resto, apesar das suas complicações, e as suas fugas, as suas repugnâncias, Inácio de Gouveia experimentara já até hoje todos os espasmos — todas as carícias, todas as perversões. Sim, de todas fugira, mas todas vibrara. E nem mesmo tinha achado um refúgio no onanismo — sem dúvida

a maior, a mais completa e amarfanhadora, a mais vaga: logo a mais erguida em chama.

É que durante as suas carícias solitárias, limpas e agudas — ainda quando era já tudo oiro à sua volta, em auréolas nimbadas de carnes irreais doutros sexos e outros arrepios — nunca lograra concentrar-se nessas visões, possuí-las em espasmos eternos. Não. Porque sempre uma lembrança do mundo real, sexualizado e infame, viera perverter-lhe as imagens rutilantes — sujar em gargalhadas os seus êxtases quase expandidos: seios mortos, coxas gangrenando — lembranças de trapos húmidos e pregões guturais — um cheiro a madeiras velhas, poças de lama, doçuras gordurosas, bafos avinhados — o peito hirsuto dum carregador, sexos de crianças, membros de animais...

Só uma vez triunfara consumir um êxtase absolutamente em oiro — um êxtase fantástico, de vibrações infinitas, sumptuosas; último, inigualável...

Certa noite com efeito, de súbito, num intersonho, evocara uma cidade imensa, tumultuante de Europa, que logo se alastrara em sua face — ruidosa, excessiva, cheia de luz... Ah! e ele lograra, em vitória lograra, possuir toda essa capital de assombro — possuir o seu movimento, o seu estrépito, o seu brilho... oscilá-la no seu sangue... sê-la, sê-la realmente um instante... esvaí-la num espasmo de altura — hialino, ogival, emaranhado, subtil de multicolor...

*

* *

Mas tudo isto, tudo isto era o passado.

Fosse como fosse, fosse por que fosse, Inácio vivia hoje quase tranquilo. Não se conformara — as grandes almas nunca se conformam — mas em verdade era como se se houvesse conformado.

O seu futuro mesmo já não lhe podia reservar muitas surpresas — inútil até fantasiá-lo porque, pondo de parte os devaneios, ele desenrolava-se evidente em sua face.

Aportara, não havia dúvida. Como nunca o trabalho era-lhe fácil — genial e fértil a imaginação. Determinadas circunstâncias materiais inquietantes, dentro em pouco melhorariam — seguramente. A sua vida preparava-se pois

para ser afinal a mais lisonjeira: existiria liberto e solitário de Alma, vivendo só a Arte.

E se às vezes certas amarguras lhe subiam ainda em vagas reminiscências — ele, embora o quisesse, nem já as saberia sofrer. Agora, apenas se observava interessado quando, sem motivos, sem explicação alguma, lhe ocorriam ideias singulares, incoerentes, perturbadoras — as quais porém nunca o atormentavam e, ao contrário, lhe valiam de impulsos imaginativos.

Uma tarde, por exemplo, subindo uma rua íngreme de Lisboa — num relâmpago circular, suscitara-se-lhe este desejo destrambelhado: poder focar toda a gente, todo o mundo dentro de si — fazer convergir o universo inteiro, enclavinhadamente, em vórtice, para um centro magnético que fosse ele próprio.

Outra vez, deparara-se a concluir que o maior triunfador seria aquele que vencesse existir, não existindo... E breve, procurando, achara a maneira de alcançar tamanha vitória:

Supusesse-se um homem que lograsse esquecer-se inteiramente a si mesmo. Inteira, mas sucessivamente — vivendo apenas o minuto actual. Este homem ver-se-ia a um espelho, com efeito, mas logo olvidaria a sua imagem. Falaria, esboçaria gestos, — mas o gesto esboçado, a palavra dita, logo se lhe varreriam da memória... Ora esquecer-se assim de todos os instantes, equivaleria a esquecer-se de si próprio — visto faltarem-lhe nesse caso todos os pontos de referência que lhe podiam provar a sua realidade. Isto é: não tendo a noção dele próprio — para si, seria tal como se não existisse.

Entretanto, não existindo para ele, o certo era que existiria para os outros que o vissem, que lhe falassem...

Em pequenos, adoecemos gravemente duma enfermidade dolorosa que nos leva às portas da morte — fora até o caso do romancista, aos dois anos, com uma febre tifóide. Essa enfermidade *existiu* para os outros, que presenciaram as nossas dores, que nos viram sofrer, gritar, febricitar. Porém a realidade é que, embora os nossos gritos, não existiram para nós — porquanto os anos passaram, e nem a mínima reminiscência nos ficou dessas dores, porventura cruciantes. *Se não no-las tivessem contado, nós nem por sombras poderíamos adivinhar que um dia as sofrêramos.*

Pois bem: seria idêntico a este, o caso do homem que conseguisse olvidar-

se sucessivamente de todos os instantes vividos...

Algumas horas então eram apenas ideias desconchavadas, grotescas, que lhe resvalavam no espírito.

Assim, uma tarde, fitara na rua uma mulher, casualmente. Essa mulher não era bela. Contudo lembrou-lhe um desejo de a possuir... Porquê?... Suspeitou de súbito: porque essa mulher era o *limite* daquelas com quem saberia ter relações. Sim: saberia ainda talvez possuir essa mulher — mas nunca uma outra que só fosse um pouco (muito pouco) mais feia do que ela...

E, no mesmo instante, concebera um personagem ao qual, em todas as coisas da vida, só atraísse o *limite* — que passasse no mundo «um amator de limites»...

Também, em muitas ocasiões, perante certos objectos, o artista sentira violentamente um desejo impossível de os ser — sobretudo de ser um grande armário azul que havia na casa de jantar da sua quinta: *mas esse armário cheio de garrafas de vinho, de boiões de açúcar e latas de conserva...*

Entretanto, estas lembranças extravagantes de forma alguma o preocupavam — só o faziam rir de si para si. Elas não eram, sem dúvida, mais do que desvios do seu admirável espírito imaginativo sempre em vibração.

De resto, ele nunca tivera receios de enlouquecer, precisamente porque a loucura existia de início dentro dele: Do mesmo modo que um organismo, às vezes, se pode adaptar a certos micróbios perniciosos — vivendo impunemente com eles, e invulnerável à enfermidade que esses micróbios provocariam nos outros organismos — assim também o seu espírito se tornara invulnerável à loucura, adaptado a ela, imunizado contra ela por ela própria.

E, por uma razão semelhante, o álcool apenas o adormecia, o tabaco o enfasiava; as drogas — além de lhe repugnarem numa sensação gordurosa, — só o abatiam, sem o fazer vibrar, nem sonhar, nem esvair...

O seu álcool, em verdade, era-se ele próprio — e o seu éter, a sua cocaína...

... Depois, um vício não é mais do que um mau hábito... Ora Inácio nunca pudera ter um hábito...

Sim, estava finalmente salvo de si próprio — inteiramente adaptado a si mesmo. Literatura, literatura, todas as suas antigas desolações — e hoje apenas, de quando em quando, uma vaga saudade de não saber oscilar os seus espasmos: de não vencer um dia um êxtase-fantasma em que, *sem tocar o corpo possuído*, lograsse embora estrebuchá-lo, vibrá-lo em leonino — iriadamente sugar-lhe todo o seu esplendor... e o seu quebranto... a sua beleza ruiva estilizada em Alma!...

III

Decorreram alguns meses. De novo se encontrava em Paris — agora desensombrado, sem preocupações materiais; de espírito livre.

A sua vida ia seguindo normal, exclusivamente literária como previra.

Todas as manhãs trabalhava algumas horas, e depois entregava-se então ao movimento de Paris em voluptuosidade. Seguia nos grandes Boulevards, sentava-se nos grandes cafés lendo os jornais, escrevendo cartas ou redigindo mesmo algumas páginas artísticas. À noite esquecia-se pelos music-halls, em cuja atmosfera artificial sempre se aprazera tanto. Desviado dos teatros pelas inépcias burguesas que, de contínuo, põem em cena — ao contrário perdia ali belas horas, fora do seu espírito; apenas de olhos entretidos nos ricos cenários, nos maravilhosos desfiles, nas atrizes decotadas, em chusmas de dançarinas nuas... Depois, nesses meios roçagantes, envolvia-o um ambiente propício, maquilado, telintando-lhe grande vida, unguindo-o de cosmopolitismo. E ele fora sempre, além de tudo, um amoroso do Mundo, sôfrego de Europa — tal como sempre abominara, em sensações amarelas, no maior desprezo e na maior das náuseas, isso, a *Província*: com o seu suor, o seu cheiro a esterco, a sua hipocrisia, a sua saúde — e as suas casas brancas, seus telhados vermelhos, seus campanários, seus Manéis e Marias... Nunca pudera conceber como certos artistas — de quando em quando, até legítimos artistas — cantavam as suas aldeias, tirando orgulho de haver nascido nelas. Ele por seu lado, vangloriava-se de, em todo o caso, ser duma capital europeia.

De tarde, frequentemente, pelas cinco horas, subia também ao boulevard do Montparnasse, a tomar chá no atelier do seu amigo Manuel Lopes.

Manuel Lopes era um pintor cretino — como artista, e até simplesmente como homem. Mas um seu verdadeiro amigo — e um óptimo rapaz: gordachudo, espesso, trigueiro, lustroso — de barba azul, cabelos crespos,

encarapinhados — jovial, numa eterna boa disposição...

Aliás, pensando na sua imbecilidade, em certos momentos o novelista receava ser injusto — tinha a certeza de ser injusto.

Pois, no pintor, não só de longe em longe havia repentinas *claridades*, — como todos os dias contava novas cenas, aventuras imaginárias em que ele fora o protagonista: vitórias amorosas, rasgos de coragem, duelos, belas respostas... o demónio... grandes projectos, grandes ideias — tudo em caos... Um perpétuo imaginativo, em suma. Um baixo imaginativo, era claro — o que, não obstante, bem pesado, indicava justiceiramente um pouco de sangue real no espírito.

Abominando as *reuniões*, Inácio frequentava todavia o atelier do seu amigo porque também lá não deixava de lhe ser propício o ambiente.

Filho dum grande lavrador alentejano quase analfabeto, o Lopes — nisso muito lúcido — gastava em Paris às mãos cheias. O seu atelier era soberbo — enorme, luxuoso, ultraconfortável e moderno. Depois, havia pouco, ele dera mais uma prova de que se podia ser um espírito inferior, não era de maneira alguma um espírito medíocre: recentemente, com efeito, enveredara para o cubismo. Não saberia talvez sequer orientar-se nessa escola emaranhada e genial. No entanto lembrar-se de a defender e de a seguir, entusiasmar-se pelas obras de Picasso, Léger, Gris, Henri Matisse, Derain, pelas esculturas convulsionadas de Archipenko — traduzia pelo menos um sinal de intensidade, de curiosidade e audácia. Audácia estulta, por certo, mas em todo o caso, como ela o colocava acima, por exemplo, dum casal de pintorzecos, barbichudos e ilhéus, vagos conhecidos do romancista, ex-alunos premiados do Largo da Biblioteca que, *mesmo em Paris* — idiotas normais, continuavam a fazer, comedidos, os seus quadrinhos razoáveis, muito lindos, cheios da melhor técnica... logo babosamente expostos nos Salões «pompiers», com grande júbilo, em Lisboa, dos velhos mestres gagás e abarbeirados...

Mas o atelier do alentejano atraía-o especialmente porque, duma parte, a gente que lá encontrava (artistas estrangeiros, mais ou menos rastas; atrizitas, estudantes) focava-lhe bem, no seu bigarrado duvidoso, um vértice de Paris — e, por outra, as horas que nesse meio ele próprio figurava, valiam-lhe como banhos de banalidade, os quais, assim como as revistas do Olympia, das Folies, do Moulin, faziam repousar o seu espírito de Génio.

E eis pelo que, tendo visitado o atelier na véspera, para lá de novo se dirigia essa tarde chuvosa de Fevereiro...

Pouca gente dessa vez: Robert Lagrange, o dramaturgo, um dos melhores amigos do pintor, mal refeito ainda da morte de Yvette Dolcey que ele estimara penetrantemente e lhe fora uma companheira amável, agradecida e sincera. Como sempre, era claro, Jean Lamy, hoje «soiriste» da *Comœdia*, fazedor de revistecas e operetas... mas, sobretudo, devedor do dono da casa... Inácio por sinal simpatizava bastante com o jornalista, pois ele conhecera outrora Ricardo de Loureiro, representara mesmo, involuntariamente, um papel no romance do Poeta com Marta de Valadares — sendo ao tempo vago secretário do conde de la Barre, seu marido. E tudo quanto aproximara um instante o sublime e desventurado autor do *Diadema*, tinha para o artista uma significação especial — tamanho culto era o seu pela obra do Mestre.

Ainda: Horácio de Viveiros, o músico português, hoje, pianista falido da Comédie Royale; Étienne Dalember, incerto comediógrafo e jovem actor mais incerto que ele mal conhecia — e o resto, meia dúzia de estrangeiros: russos, balcânicos ou escandinavos, machos e fêmeas.

A conversa emperrava — bem pouco interessante a figuração dessa tarde. E Gouveia arrependia-se de ter vindo, preparava-se já para se despedir, quando de súbito soou um rodopio de gargalhadas...

Era Maroussia, amante e intérprete de Jean Lamy, antigo modelo do cubista — a qual trazia pelo braço duas pequenas galantes: as suas novas colegas, as irmãs Doré: Rose e Paulette. «Dois amorzinhos» — afirmava...

Com a saída cortada, permaneceu um pouco contrafeito...

... Mas, após as actrizes irromperem, o tédio desenastrara-se, e o chá fora servido garridamente...

*

* *

Inácio trabalhava agora num romance que ia ser, — acreditava com muita segurança — a sua melhor obra. Dera-se nele com efeito, nestes últimos tempos, uma grande evolução artística — subira em Alma, ungira-se mais

grifadamente de além. Por isso, a todos os momentos sonhava o instante glorioso em que terminaria a sua obra.

Era no fim de Março, e por força queria ter o seu livro concluído em meados de Abril. Aliás muito pouco faltava. Apenas o apuramento dos dois últimos capítulos.

De modo que, todo entregue à conclusão do seu volume, presentemente raras horas perdia — dias inteiros quase sem sair, aperfeiçoando as suas páginas. E assim, tinham-se volvido muito espaçadas as suas visitas a Manuel Lopes.

Demais, ia-o já aborrecendo aquela roda sempre idêntica — sem já achar repouso nessa banalidade tarada a pacotilha. O seu propósito era até de pouco a pouco se afastar do pintorzinho e da sua clientela.

Não obstante, hoje, como o seu trabalho avançara inesperadamente — e como também não aparecia há perto de duas semanas — resolveu guindar-se a Montparnasse.

Completo o chá do cubista, essa tarde. Caras novas, muito loiras — e um índio português, pequeno e pretinho, de olho vivo, a dar ali a nota colonial, ultramarina, aumentando o ambiente em exotismo.

Mal entrou, alguém correu ao seu encontro, muito a sorrir, dizendo-lhe:

— Ao tempo que não aparecia! Já tenho perguntado por si imensas vezes...

Era Paulette Doré.

Ele explicou:

— Tenho saído pouco.

— Mas não estive doente?...

— Ah... de modo algum... Apenas o meu romance a concluir...

E ela, num trejeito infantil:

— Que aborrecimento não o poder ler...

Mas o pintor, lobrigando-o, precipitava-se a abraçá-lo, insurgindo-se contra a sua prolongada ausência:

— Estes artistas *torturados* que levam as coisas a matar!... — barafustou.

Às sete horas, saindo do atelier, era estranha a disposição de espírito de Inácio. Sentia-se infinitamente triste, numa tristeza nimbada, melancólica e ondulante — onde contudo havia o seu quê de muito suave.

Mas embalde procurava o que lhe pudera suscitar esse estado febril. Correria-lhe tudo optimamente... E em menos duma semana, pronto o seu romance!...

Decidira apurar ainda umas páginas à noite, mudando agora de propósito em vista dessa agitação inexplicável, desse enigmático «contentamento descontente»...

Jantou depressa num Duval, e depois — só para passar alguns minutos, porque se queria deitar cedo — entrou no Café Riche. Aproveitava para responder a uma carta que recebera dum amigo de Lisboa... Pediu com que escrever; começou ligeiramente a redigir o bilhete sem importância... De súbito, porém, os olhos ergueram-se-lhe do papel e, numa brusca atracção, fixaram-se numa rapariga muito pintada que bebia chocolate em uma mesa próxima.

Continuou a sua carta... Mas agora, frequentes distrações lhe faziam trocar palavras, faltarem-lhe letras. A ponto que, irritado, amarfanhou o que escrevera — deixando a resposta, que nãourgia, para mais tarde.

Chamou o criado, a fim de pagar e retirar-se. Porém, em vez de o fazer, mandou vir outro café...

E os seus olhos investigavam sempre a rapariga que falava, muito risonha, com um amigo que viera entretanto sentar-se ao seu lado...

Era curioso. Ele não conhecia aquela mulher, tinha a certeza; nunca a vira — e chegava-lhe embora a sensação de que já lhe falara até mais duma vez... Melhor, mais bizarramente: *Olhando-a, parecia-lhe, num esquisito erro, que não era bem ela própria que ele contemplava nela...*

Mas, ajudada pelo companheiro, a desconhecida vestia as suas peles... Os dois saíram.

... Só então Inácio de Gouveia se pôde levantar; saiu também...

Chegou a casa às dez horas. Deitou-se logo. O misterioso arrepio desaparecera.

No entanto, prestes a adormecer, ainda se lhe focou na memória o mágico perfil...

O outro dia, passou-o todo a escrever — numa ânsia de completar o seu trabalho.

Ignorava porquê, surgira-lhe um vivo receio de ter, se o não concluísse rapidamente, uma grande dificuldade em o terminar — por qualquer razão imprevista, sem dúvida...

Na tarde seguinte, em que resolvera não sair, (almoçara mesmo no seu quarto, o que raro fazia) num tédio repentino, numa necessidade excepcional de se misturar com gente — não resistiu a visitar o pintor.

Demais, apenas lhe restava meia dúzia de páginas a corrigir. Fosse como fosse, terminaria tudo amanhã, em poucas horas. Podia já considerar-se livre — eis a verdade.

Não obstante, a sua inquietação não cessara — pelo contrário: era intenso como nunca o calafrio que o dimanava ao subir para Montparnasse...

Pouca gente no atelier — e quase tudo homens. De mulheres, só Maroussia e Paulette.

Os homens formavam grupos ao fundo da casa, discutindo arte, decerto. Maroussia ria sempre, com Horácio de Viveiros. Sentado a uma mesa, esbodegado, Manuel Lopes palestrava com Paulette — de pé.

O romancista dirigiu-se para o seu amigo, saudando-o e à pequena.

— Isto hoje está maçudíssimo, meu velho — imediatamente avisou o cubista, em bocejos — começando por mim, que não me têm largado as dores de estômago... Ontem ao jantar empanzinei-me com uma brutalidade de doce!...

Paulette apoiava as mãos no rebordo da mesa. Inácio, ao seu lado, tomara a mesma posição... *E, de súbito, sentiu os dedos da rapariguinha perto dos seus... junto dos seus... sobre os seus... a apertarem-lhos, levemente...*

Outros amigos se acercavam porém. As suas mãos desenlaçaram-se, para não ser surpreendidas... Mas, em segredo, num momento propício, de novo ele procurou sob o rebordo da mesa, os dedos de Paulette — que desta vez lhe fugiram, esquivos...

Entanto logo, arrependida, ela lhe colocava, a sorrir, o braço nu, trigueiro, sobre a mão... falando sempre descuidosa com os outros...

Ah! a suavidade loira que dispersava agora o artista... Como o enternecera aquele movimento espontâneo, audacioso e gentil da atrizinha... Era uma ternura singular, cheia de piedade e de mágoa, — *inefável, mas arrependida...*

Percorrendo a sua memória, depressa foi achando pequeninas coisas antigas que nunca reflectira, em que não reparara quase, o que tinham sido afinal a origem desse gesto.

Fora verdade, fora... Os instantes que os olhos tristes de Paulette se fixavam no seu rosto, admiradamente... e as súbitas perguntas... os sorrisos especiais... Ainda outro dia, como correra jubilosa a indagar da sua longa ausência...

Já na tarde em que a conhecera — lembrou-lhe também — ela viera sentar-se num recanto do atelier, muito chegada a ele, em sua face... E, descobrindo uma linha preta no seu casaco, tirara-lha... Depois, distraidamente, pegara-lhe num dedo, enrolara-lho com ela... Até que, reparando no que fazia, corara, largando-lhe a mão num arremesso...

Sim, sim, por tudo isso devia ter adivinhado o enlevo que a impelia para ele... E nunca o pressentira, sequer...

Mas então, no curso dos seus pensamentos amoráveis, focou-se-lhe de novo diante dos olhos, bem nítida, a imagem da desconhecida do Café Riche...

... Só agora verificara que, no seu rosto, havia uma semelhança real com o de Paulette — sobretudo na sombra esguia que os seus olhos projectavam, mordouradamente...

Na manhã seguinte, sem mesmo querer lembrar-se do episódio violeta, sentou-se à sua banca para, dum jacto, completar o manuscrito. Foi-lhe rápido e fácil o trabalho — mas, em verdade, porque raras emendas teve a fazer.

Livre da sua preocupação principal, voltou-lhe a ternura da véspera, ternura onde — reparava agora pela primeira vez — havia particularmente uma infinita gratidão: *uma gratidão de egoísmo.*

Com efeito, eis o que acima de tudo, o enternecia:

Essa pobre rapariguinha, tão vulgar, tão humilde de alma, tivera o génio de o distinguir, dentre tantos outros que melhor deveriam encantá-la: belos rapazes de cabelos longos, lábios excitantes, corpos esbeltos — galanteadores, sempre com palavras de cortejo para as mulheres. Em audácia, fora ela a primeira a dirigir-se-lhe, a apertar-lhe os dedos...

— «Meu amor... meu amor...», escutou-se murmurando.

Mas não a desejava... oh, de forma alguma... Nada haveria em Paulette que o atraísse... Apenas os seus dentes agudos, talvez — a expressão esquiva do seu rosto, as suas mãos sombrias, aceradas... E, em troca, todos os tiques corriqueiros, todos os vícios convencionais, todos os defeitos de criaturinha normal...

— Para que ir atrás dela, portanto?...

Ai, mas parecia-lhe uma ingratidão tamanha não a seguir..

... Em suma, fosse como fosse, ainda a queria ver uma vez — ao menos para ter bem a certeza de que, na realidade, ela lhe apertara os dedos...

Nessa tarde, porém, havia ensaio geral no seu teatro — não apareceu no atelier. Só no outro dia Inácio a encontrou...

E repetiram-se os afagos silenciosos, ténues — em segredo, diante de todos...

Não; decididamente era impossível não a seguir. Ele bem sabia o que o esperava — entretanto não tinha a força de a deixar para trás. Afigurava-se-lhe uma crueldade sem nome... Seria como se chicoteasse um cão que o tivesse vindo lambar...

E, fazendo por se olvidar, por se ocultar de si próprio — entrou no grande florista da rua Scribe, onde já comprara flores para certa dançarina de Montmartre. Enviou-lhe um feixe de rosas.

À noite, foi à Comédie Royale, ver a revista...

Durante a representação os olhos da actrizinha não se despregaram dos seus... No fim do espectáculo esperou-a na rua, junto da porta da passagem que dá ingresso ao teatro. Mas logo que a avistou, pôs-se a caminhar numa súbita vergonha de a ter esperado — melhor: *de ela ver que ele a esperara*.

Paulette descobrira-o de longe, no entanto... Chamou-o pelo seu nome. Inácio retrocedeu...

A pequena apresentou-lhe a mãe, que a acompanhava. E foram andando: a mãe e Rose, atrás — eles dois, muito à frente, de mãos dadas; sem dizerem uma palavra de amor...

Acompanhou-a até casa.

Na noite seguinte o mesmo aconteceu. Apenas, durante o trajecto, os seus dedos se apertaram mais enastadamente...

Lançara-se no «*mau caminho*», não havia dúvida... Ah! como esse «*mau caminho*» era suave, perfumado a tons de rosa...

Sim, sim... Precisava descer um pouco do pedestal de soberba onde se guindara em mármore — solitário, e a ouro.

Fosse o que fosse, residia na vida em todo o caso. Injusta vergonha por consequência a de *viver* um pouco...

... E, embora descesse muito, ainda lhe seria orgulho a magenta ter a coragem de descer, resoluto. Também no misticismo há riqueza...

Nessa tarde, como de costume, falou-lhe no atelier do cubista. Ela demorara-se pouco. E despedira-se sem uma ternura... Envolvera-os tanta gente, com efeito...

No dia imediato não pôde ir ao atelier — jantando com um amigo recém-chegado de Lisboa. Após o jantar, todavia, convenceu-o a assistir ao espectáculo da Comédie Royale.

Mas nem um instante, em toda a revista, os olhos de Paulette se encontraram com os seus...

Pelo menos, parecera-lhe assim... Decerto se enganara... Ah! não podia deixar de se haver enganado...

Nessa manhã, Horácio de Viveiros foi-lhe pedir almoço.

E de repente:

— Meu filho, sei tudo!

— Tudo... o quê?... — perguntou Inácio tremendo.

E o músico:

— O teu flirt com a Paula. Ela estava ontem, no ensaio, em confidências lá com uma íntima. Ouvi o teu nome, e obriguei-a a confessar-se-me também, visto que sou um dos teus melhores amigos... Disse que gostava muito de ti...

Num bijouteiro de arte do Boulevard Raspail, comprou-lhe no mesmo dia, por cento e vinte e cinco francos, um broche de platina, com uma pequena esmeralda ao centro.

Esperou-a à saída do ensaio. Mostrou-lhe a jóia. A rapariguinha teve uma grande alegria — apertou-lhe muito as mãos...

Na tarde seguinte, porém, ao encontrarem-se no atelier, pareceu ao romancista que ela lhe falara com frieza... Não havia dúvida: evitara-o até ostensivamente...

À noite, foi esperá-la depois do espectáculo, no Boulevard, à esquina da rua Caumartin — e teve a melhor prova de que se não enganara.

Com efeito Paulette, reconhecendo-o de longe, pegou bruscamente no braço da irmã — e as duas recuaram seguindo em direcção oposta...

Quando no outro dia, perto das sete horas, Inácio de Gouveia entrou no atelier de Manuel Lopes, já quase todos os visitantes se haviam retirado.

Com um ar grave, o pintor dirigiu-se-lhe, exclamando:

— Não te esperava. Mas ainda bem que vieste. Preciso muito falar em particular contigo.

E, quando ficaram sós — depois dum longo discurso em que lhe jurara todo o seu afecto, e a sua lealdade, a sua admiração — o cubista terminou:

— ... Em suma, previno-te porque sou teu amigo. Já toda a gente sabe que lhe deste um broche de esmeraldas. Eu zanguiei-me muito. Fiz-lhe ver quem tu eras, como era grande e complicada a tua alma, — que reparasse bem no que se metia... Ela então respondeu-me que tu é que a não deixavas... que não sabia como te evitar... que já nem ia para casa pelas mesmas ruas...

IV

Pelo menos nos primeiros dias, Inácio de Gouveia não sofreu. Tinha sido tão amarga, tão errada a desilusão que — num esforço — procurou esquecer tudo, abolir esses dias da sua existência. *O seu orgulho, com efeito, não devia reconhecer esse baixo desengano.*

De resto, na mesma tarde em que Manuel Lopes lhe discursara, fora esperar ainda a actrizinha, antes do espectáculo, à hora da entrada dos artistas — na rua Caumartin, em face do teatro, de maneira que ela se lhe não pudesse escapar. E então, secamente, brutalmente, defronte de Rose e Maroussia, dissera-lhe que escusava de lhe fugir, porquanto ele nunca *pedia* a mínima coisa a ninguém. *Pedira* a ela — reparasse — porque Paulette, a primeira, se lhe oferecera: procurando-lhe os dedos, dando-lhe o braço nu...

Depois, apertara-lhe a mão, tirara o chapéu, despedira-se como se nada fosse...

Ora esta cena valera-lhe por um grande alívio, — atordoando-o e assim conseguindo, nas primeiras semanas, quase nem se lembrar da aventura...

Passava muitas tardes ainda no atelier do cubista, — hoje até com maior assiduidade e mais demora, não supusesse alguém que ele temia encontrar-se com Paulette. Aliás as irmãs Doré breve deixaram de aparecer — Maroussia tendo rompido bruscamente com Jean Lamy.

Liberto do seu romance terminado em auréola, Inácio decidira, em suma, regressar por alguns meses a uma vida alheada — perdendo tempo de propósito: longos passeios, noites de music-hall; tardes vagas de Café, estas, muitas vezes, com Horácio de Viveiros.

No seu estado psíquico actual o músico era-lhe, em verdade, a companhia mais propícia. Inteligente e amplo, mas natureza desemaranhada, alegre, sem preocupações nem grandes ímpetos — satisfeito sempre com o que tinha;

vivendo afinal a vida...

Perto dele, o romancista sentia-se bem — nunca conversa lisonjeira e fútil que o anesthesiava de momento contra as suas preocupações desoladas.

Horácio dizia-lhe aventuras banais de Paris que ia existindo jubiloso — e os seus projectos comedidos; de bom gosto, entretanto, sem dúvida realizáveis...

Às vezes aparecia também com amigos seus do meio dos teatros — mais frequentemente com Étienne Dalember, que tinha agora em ensaios um acto em verso na Comédie Royale. Simpatizava até deveras com este companheiro do músico — Inácio, sem saber porquê...

*

* *

Assim correram algumas semanas.

Inconscientemente ainda, principiavam hoje a resumir-lhe lembranças esbatidas do que triunfara quase esquecer nos primeiros instantes. É que, para as almas sagradas, o tempo, diluindo a realidade, em vez de a nimbar trazendo o olvido — como à «outra-gente» — a subtiliza ao contrário, incorporárea e espectral: portanto mais sensível, mais vibrátil — e agora só capitosa a tais almas esguias.

De resto, pequenas coisas directas obrigavam também o artista a recordar-se à força. Não lhe apresentara uma tarde o músico os seus parabéns por ter cortado com a actrizita?

— Aquilo francamente — aplaudira — não era mulher para ti. Eu até já tinha falado a esse respeito com o Lopes, para intervirmos. Mas não foi necessário. Chegou-te o juízo a tempo. Vamos lá, que nunca esperei que te portasses tão bem... Se continuas — com o teu feitio, dava mau resultado pela certa...

Outras ocasiões eram referências naturais a Paulette que ouvia nas conversas de Viveiros com os seus amigos de teatro. Deste modo soubera, por exemplo, que as duas irmãs estavam contratadas pela empresa para ir explorar a época de Verão nas Folies Bergère com uma revista de grande espectáculo.

Porém o que, acima de tudo, fazia volver Inácio às suas recordações era o pasmo de, com efeito, ter vivido semelhante historieta — ele: bem curado de todas as inferioridades, tão cioso da sua sorte, de mais sabendo que nada além da glória de se ser o poderia entusiasmar — ovante, soberbo de renúncia e de exílio.

Em retrocesso, achara-se uma destas vezes dizendo para si próprio:

— Meu Deus... meu Deus... é que, no fundo, sou o mesmo desgraçado de outrora... Tenho as mesmas saudades... os mesmos desejos... iguais amarguras... Certo dia é que determinei que assim não fosse... por já não me interessar a minha angústia... por me haver nauseado de ser infeliz... *Ai, que eu sempre determinei as minhas opiniões... e os meus affectos... os meus estados de alma... como sempre decidi os estados de alma dos outros...* Eis donde partem todos os meus desenganos... as minhas ilusões e as minhas infâmias...

Mas logo, expulsando tais ideias — em ascensão, de novo se cingira do seu orgulho adamantino, e regressara ao seu estado de alma anterior.

Esquecer... abolir certas horas da vida...

Seria o maior quem se triunfasse tanto...

Impossível! Impossível!...

Eis pelo que, apesar de tudo e embora até o pejo de si mesmo, quando poucos dias mais decorreram, Inácio se encontrou — agora já distintamente — a evocar com saudade instantes da pobre história: aqueles dedos trigueiros dirigindo-se para os seus; e essa voz, esses sorrisos, esse perfil agreste...

Uma ternura impregnante o dividia então — ternura que o quebrantava em sortilégio melancólico, em suavidade aguda, tão opiada e transparente que, ao artista, nem despertavam sequer desejos de a expulsar, em revolta...

Uma tarde por sinal, no Boulevard Saint-Michel, enquanto o oscilava uma destas crises de enlevo, encontrara-se a seguir uma rapariga que não era Paulette, mas que num momento lhe lembrara a actrizita, e que por isso, se pusera a seguir — para ver aonde ela ia — *como se, em todo o caso, fora Paulette...*

A propósito das coisas mais insignificantes lhe bruxuleavam recordações. Assim, se esperava um amigo, logo lhe ocorriam magoadamente as duas ou

três vezes que também, na rua, esperara Paulette... E uma noite, numa última puerilidade, chegaram-lhe as lágrimas aos olhos só porque, num Café, bebeu a sua chávena quase sem açúcar para dar as pedras a um cão que lhas veio pedir. Com efeito, nesse instante, de súbito se lhe afigurara ter deixado de ser ele-próprio, para ser uma rapariguinha de Paris, adorável, suave e meiga, pequenina — Paulette talvez — que graciosamente desse o seu açúcar a um cão branco, beijando-o muito, e cuja gentileza o impressionasse, de frágil. E foi por isso, por essa fragilidade imaginária, que lhe assomaram as lágrimas com pena de si: com a pena que ele teria de si se fosse tão pouco...

E tinha também tanta pena dela... tanta...

Pobre coisinha... Não se atrevera a ir até ao fim... recuara tímida como uma galga nervosa... Ai, o que ela perdera... o que ela perdera... Como sairia rara dos seus abraços... e doirada, doirada...

Em suma, era esta a verdade — verdade em que o romancista entretanto não reparara ainda: se algum dia estivera prestes a amar a garota, a desejá-la, não fora ontem, não — era hoje... seria amanhã, pelo menos...

Mas nada disto agitava fundamente a vida psíquica de Inácio, no entusiasmo do seu romance concluído: a sua maior obra, sem dúvida — a «Obra» — livro de brasa onde lograra enfim estilizar todos os seus estrebuchamentos, os seus requintes; as suas náuseas e revoltas, os seus ódios e afectos — a ruivo, o seu misticismo sexual; a índigo, a fascinação timbrada do Mistério, grifando sombra e Além...

Dentro de dois meses, no princípio de Agosto, partiria para Lisboa a ocupar-se da edição. O livro seria lançado em Novembro. Aproveitaria a época morta para o imprimir. E como isto lhe dava um grande júbilo — mesmo a sua viagem a Lisboa onde tinha dois ou três amigos reais — as suas saudades não o faziam com efeito sofrer embrenhadamente, nem em muita amargura.

Apenas cada hora mais se abismava dessa nostalgia, e, olhando-se em passado, ainda de ter vivido a historieta obscura. De forma que uma vez até pensara que se um dia quisesse dispor tudo isso em novela, narrando primeiro a sua alma — ninguém deixaria de dizer que a narrativa era psicologicamente errada, afirmando que uma personagem dessa alma, nunca se poderia

encontrar em tais circunstâncias...

... que, aliás, fosse como fosse, num futuro próximo, vestígio algum restaria por certo, na sua vida, de tão pequenina coisa...

Mas Horácio de Viveiros, uma tarde, disse-lhe muito naturalmente entre dois goles de aperitivo:

— Sabes quem anda atrás da Paulette?... É o Étienne Dalember...

O romancista esforçou-se por não dar atenção à novidade, respondendo apenas com um «Sim?» indiferente e logo mudando de conversa...

Breve, não obstante, o invadia uma longa tristeza a demonstrar-lhe bem que nada do que lhe contassem sobre a actrizinha o poderia deixar insensível. Não se esquecera de coisa alguma, realmente...

«— Oh! mas a partir de hoje era necessário esquecer tudo! Pois seria descer demais, seria aviltante e infame, recordar agora — com Paulette, — o seu novo amoroso... quem sabe se o seu amante, depressa... o seu amante com certeza... Ninguém era como ele... *ninguém fugia ao primeiro arremesso...* ninguém... Esquecer tudo... abolir tudo da memória, forçosamente... *não se lembrar*, nem em vestígios...»

No dia seguinte o músico apareceu-lhe com o actor. Como definir a sensação bizarra que, em sua face, Inácio experimentou? Não foi ódio, não foi repugnância... Pelo contrário... muito pelo contrário — assombrou-se: Foi, num júbilo magoado, uma simpatia ainda mais viva... meu Deus, foi até um começo de ternura — uma verdadeira ternura, embora um despeito lilás a zebrasse...

É que *esse*, pelo menos, fora sensível ao que ele próprio *sentira*... tivera por certo os dedos apertados, também... como ele, talvez... uma tarde... em segredo... diante de todos...

E se uma dor esvaecida lhe subia de partilhar os seus sentimentos com outro — de assim, de qualquer forma, se misturar com um estranho — tinha sido essa dor arrepanhada, justamente, que o enternecera em misticismo: inquietante misticismo que, defronte desse que porfiaria no que ele não porfiara, lhe fez lembrar até, literariamente sem dúvida, um desejo subtil de o beijar na boca...

Em todo o caso como Inácio havia de sofrer quando soubesse que o actor conseguira enfim o que ele, na realidade, nem tentara conseguir: morder-lhe os lábios humildes, beijar-lhe os olhos sombrios...

— *Ainda se fosse alguém que não conhecesse...*

E o seu pavor agitou-o tanto que, num momento, chegou o desejar que Étienne possuísse a rapariguinha, já, nessa mesma hora, ali, na sua frente...

Correram mais dias.

Por pequenas coisas — perguntas de Viveiros a Étienne, frases directas que o músico, no seu bom-humor, lhes não poupava — o romancista ia sabendo que Dalembert não era de forma alguma um amoroso feliz.

Ah, como esse mês de Junho o viveu numa agitação nervosa incessante...

Todas as tardes se encontrava com os seus dois amigos na terrasse do Americano, e a sua ânsia focava-se só em provocar uma palavra que o pudesse informar dos amores do *outro* — espiando-lhe cuidadosamente o rosto, todos os gestos, no receio de descobrir de súbito um sorriso, uma expressão desanuviada, qualquer mudança radiosa na sua atitude sempre melancólica...

Uma vez o actor pediu-lhe o seu estilógrafo para escrever uma carta.

Ao terminá-la, o novelista, num relance, pôde ler no sobrescrito o nome de Paulette...

Que suave enternecimento o oscilou então...

A rapariguinha ia pois receber novas palavras grafadas pelo bico de oiro com que o artista escrevera o bilhete que havia acompanhado, uma noite, as flores que lhe enviara para o teatro — e o seu Romance sumptuoso...

Ai, o pobre desejo que lhe veio nesse instante de se beijar a si mesmo — por saber fremir ternuras tão fúteis, tão de criança...

Em suma, a sua simpatia por Étienne aumentava hora a hora — sempre no receio agreste de o ver triunfar...

Aliás, numa incoerência duvidosa, era precisamente esse receio que mais o

atraía. Sim, eis a verdade: ainda que lhe fosse um grande alívio, por certo, saber que o outro desertara — simultaneamente, numa estranha sensação — inversa de orgulho enclavinhado, *de vingança para consigo próprio*, no fundo, no fundo, estimava que ele fosse porfiando...

... Até que um dia, nas vésperas da sua partida para Lisboa, o músico lhe contou que tudo acabara, como estas coisas acabam tanta vez: por si próprias.

Étienne tinha mesmo uma nova amante — uma linda amante, por sinal... dançarina da Ópera-Cómica...

V

Durante as primeiras semanas que passou em Lisboa, na realidade o artista nem se pôde lembrar, vivendo-as num contínuo entusiasmo — entusiasmo infantil dos projectos da edição do seu romance, horas felizes, sinceramente, em orgulho e lucidez, com os seus raros amigos e, sobretudo, com Fernando Passos.

Ah! a glória dourada que lhe fora, havia um ano, ao conhecer o genial Artista, ver-se apreciado e entendido — sim, entendido! por ele... Depois, que benéfica influência operara na sua evolução literária o convívio do Poeta — melhor: as suas admiráveis cartas, visto que essas relações se tinham travado especialmente por correspondência, durante a sua estada em Paris.

Fernando Passos acordara-o em alma. A ele devia Inácio o desdobramento em Oiro do seu génio grifado, toda a ascensão em heráldico do seu espírito, — e os laivos imperiais de Novo com que a sua obra hoje se timbrava, mosqueando-o de Auréola, diademando-se de Sombra.

Largas conversas em longos passeios, não chegavam para esgotar tudo quanto não tinham podido dizer por cartas — novos projectos literários, ânsias Outras, intersecções últimas das suas ideias artísticas.

Só raras vezes as suas palavras desciam a pormenores banais, intimamente. Sentiam-se grandes em extremo para regressar à vida.

Ao recolher a casa, depois dessas noites intensas, serpenteantes de gládio, perturbadoras de Estrela — como o romancista se olhava então sideralmente feliz...

Que valia tudo mais se ele se emancipara em Altura, se, sozinho em si próprio, vivia sublime — águia real entre rochedos a luz, para os limites granates?

A gente da sua Raça era aquela: Fernando Passos, mais um ou dois em todo o mundo — mais vinte ou trinta em todo o tempo!...

Louco que fora em ter por vezes saudades da planície — e de descer a ela, de se misturar com os anões... Em misticismo, embora, seria infame. Era-Se Deus. Baixar, valia portanto pelo sacrilégio de si próprio...

E nestas apoteoses íntegras, rutilantes de orgulho, o seu corpo em verdade volvia-se subtil — alta madrugada caminhava grandes horas, por extensas avenidas, sonambulamente, só Alma...

Mas a sua morfinização em excelso não era mais afinal do que outro estado psíquico que se decidira, — outra pobre ilusão... Uma noite, com efeito, num súbito retrocesso, todas as saudades pequeninas lhe desabrocharam de novo...

Lembrou-se primeiro que esquecera já completamente a historieta de Paris... entanto, recordarmo-nos que esquecemos qualquer coisa, não é senão relembrarmo-la ainda.

E assim, a partir desse instante — pouco a pouco, mas sucessivamente com maior intensidade — lhe foram volvendo todas as tristezas, todas as nostalgias...

Hoje, se olhava as suas mãos, logo um arrepio de ternura espiral o vibrava em quebranto... Pois uma tarde Paulette, defronte de todos, lhe gabara em voz alta as mãos afiladas... «tão brancas... sempre tão brancas...»

Fazendo horas num café, ocorria-lhe que, nos grandes cafés de Paris, esperara também as horas de ir ver a actrizinha aos chás do cubista...

Detinha-se em face das montras dos ourives — porque uma vez lhe comprara uma jóia...

Uma carta lançada no correio, dizia-lhe que nunca lhe mandara uma carta pelo correio...

E enternecia-se se lhe falavam de flores, pois outrora, num florista célebre de Paris, escolhera para ela um feixe de rosas soberbas, vermelhas...

No entanto, Inácio ainda lograva, senão evitar essas ternuras, pelo menos não reparar nelas... Certo dia porém determinou ter a força de as expulsar como indignas de si. Foi, é claro, a sua perdição: minuto a minuto o começaram fustigando bem nítidas — iriadamente.

E parecia-lhe mesmo que só hoje via a rapariguinha, em realidade — e conhecia os seus gestos, a sombra ágil dos seus lábios, as suas madeixas, o oscilar ténue dos seios — aqueles dedos garridos, morenos, habilidosos, sensuais...

— Meu Deus... meu Deus... porque se lhe escapara ela?...

E ei-lo a construir abstractamente, caminhando vago, os motivos da fuga:

«... Pobre amor... Fora isso... ai, fora isso decerto... viera ao seu encontro por nunca supor que ele a seguiria, de grande que o adivinhava... Apertara-lhe os dedos, dera-lhe o braço nu, sorrindo, em desejos de sofrer... uma ânsia religiosa de se humilhar... e ungir-se de Saudade... dourar-se de Renúncia...

«Mas ele... Ele erguera-se... tinha sido como os outros... Mentira-lhe... mentira-lhe... desenganara-a, ídolo de cristal despedaçado a seus pés...»

«— Quimera... quimera... (decidia outras horas). Não fora assim, não... de modo algum... Em tudo aquilo a rapariguinha estivera ausente... Não reparara nele, sequer — como pressenti-lo uma alma tão pequenina? — oh, nem sonhara um instante a sua grandeza de Auréola... Apertara-lhe os dedos, esquiva, sem dar atenção, pensando outra coisa... uma fita... um dedal... E assim o chamara uma noite, na rua; e assim lhe fugira — sem mesmo saber...

«De resto olhara-o ela algum momento, apertara-lhe os dedos alguma tarde, gritara o seu nome alguma noite?...»

— Fora verdade, *mas hoje custava-lhe a acreditar...*

E em paralelo, de súbito, acudira-lhe uma destas vezes a lembrança de certo episódio mínimo, parisiense e fugaz:

Uma madrugada, seriam três horas, entrara com Manuel Lopes numa pastelaria do Boulevard Saint-Michel, aberta toda a noite. O pintor é que o fizera entrar à força, gulosamente, porquanto o romancista se sentia fatigado, aborrecido de sono.

Sentaram-se ao fundo da loja, palestrando.

Pouco depois apareceu uma rapariguita engraçada, muito de Paris, tradicional a Bairro Latino — pequena cortesã, decerto, e modelo.

Bem conhecida da dona da casa, deu-lhe as boas-noites; começou a roer alguns bolos — e os seus olhos miúdos, indecisos, logo se fixaram nos dois estrangeiros que, ao fundo, conversavam numa língua misteriosa... De súbito,

num gesto agaiatado, tirou-lhes o chapéu — «cannotier» de cem sous que usava sem pregos — masculinamente, cumprimentando-os...

Porém, coisa esquisita, esse gesto afigurou-se a Inácio que ela o fizera como se não o sentisse — como se não fosse bem esse movimento que julgasse executar... E uma impressão idêntica, duvidosa, ao observá-la melhor, lhe suscitaram os seus trejeitos vacilantes, o seu olhar intermitente, o sorriso arqueado dos seus lábios fugitivos...

Depois, seguindo de longe a sua silhueta, o artista, talvez por o sono o difundir, divisava-a num halo de vago, por transparência latejante — através duma humidade vítrea, esbatida a luz morta...

Por último, a garota acercou-se deles a perguntar se lhe pagavam mais bolos.

Inácio ergueu-se; satisfez a sua despesa, juntando a importância de mais dois pastéis.

A pequena agradeceu numa reviravolta, a sorrir, — e quando Manuel Lopes foi buscar ainda outro brioche, virou-se para o romancista e, sempre nos seus movimentos incertos, enevoados:

— «Embrasse-moi sur la joue» — pediu.

Inácio beijou-a ao canto da boca, e logo saiu com o seu companheiro — sem se lembrar nitidamente de coisa alguma. Não sentira mesmo o seu beijo: *fora como se lho tivesse dado num gesto indistinto entre outros gestos que não esboçara.*

Todo aquele episódio insignificante lhe parecera com efeito oscilado sobre bruma, longe, muito longe, noutros planos — de forma que a perspectiva em que o relembra agora era igual àquela em que a sua imaginação perturbadoramente antevia cenários futuros, longínquos, perdidos no Tempo: uma perspectiva comparável à estilização vacilante, a luz baça e humidade transparente, com que as cidades se esfumam nos dias de eclipse solar. Tudo perfil e vago — ondulações latentes, vibráteis...

— Mas porque lhe chegaria esta recordação errada, pensando em Paulette?

Oh, decerto porque a sua atitude fora idêntica à da rapariguinha do Bairro Latino... Em face dele, nunca a actrizita dera atenção aos seus gestos — *esboçara-os como outros quaisquer.* A mesma transparência iriada, vitreamente húmida, estagnante, nimbara todos os seus gestos...

E fora por se ter desenvolvido muito longe, em planos resvalantes, confusamente interseccionados, que, em suma, a historieta correrá tão errada...

Pela primeira vez, nesse instante, Inácio pressentiu a singular direcção dos seus pensamentos evocativos — laivados de destrambelho, todos a linhas quebradas e curvas picarescamente inflectidas.

Fosse como fosse — sem entretanto o saber ainda em lucidez completa — hora a hora o veneno subtil o impregnava de sortilégio: ao princípio, loiro... e depois arruivado... mais tarde fulvo... arrepanhante de brasa...

*
* *
*

Em vão procurara essa noite Fernando Passos pelos seus poisos habituais...

Mas quando decidira já regressar ao hotel, subindo o Chiado encontrou de súbito Vitorino Bragança, o autor dramático — alguém que, por excepção, o interessava vivamente e por quem o artista experimentava uma real simpatia: a simpatia que nos atrai àqueles que vibram um pouco o que nós estremecemos. Com efeito entre tantos provincianos do nosso meio literário, entre tantos broeiros de alma, Vitorino Bragança era uma criatura *com psicologia*: uma criatura de requinte, civilizada, aristocrática — intensamente Europeia.

Os dois logo começaram falando de Paris — e breve, por esse caminho, resvalavam para as suas taras sexuais. Como o romancista, também o dramaturgo sofria estranhos emaranhamentos:

— Porque a mim um corpo nu — fora-lhe explicando — só o corpo, não me pode excitar... Nem um simples contacto, ainda que na minha mão se incruste um seio divino, latejante...

— Decerto — Inácio prosseguira — precisamos altear primeiro sensualidades ruivas, criadas todas pelo nosso espírito, pela nossa fantasia enclavinhada, para o corpo nu nos perder e a sensação do seio penetrar-nos em esguias sofreguidões... A carne... Mas de que nos valera a carne se não edificássemos sobre ela, nós-próprios, os nossos beijos, os nossos ímpetos, as

nossas ânsias escarlates?... A «natureza» é para a *gente-sadia*, a sub-gente normal... Nós, excessivos em Oiro, libertámo-nos dela. Engano-me — contrariamente, aumentámo-la: demos-lhe uma alma, e só o seu espírito — o espírito que lhe criámos — nos suscita os desejos. Somos gente de Alma — projectamos alma a quanto admiramos, a quanto apeteçemos... De forma que o seio mais agudo, mais perverso, unicamente o sentimos se, à força de imaginação imperial, o volvermos em voluptuosidades Outras — o isolarmos em sexo, triunfando assim alvejar nele outras linhas, outras macerações, outros calafrios, outros ritmos de loiro...

— Admirável! Admirável!... — aplaudira Vitorino. — Já em pequeno, no meu leito solitário, sonhava novos êxtases... Eram teorias de dançarinas nuas que eu — todo nu também — dum trono real, mandava arremessar ao fogo... Obedientes, em roxa humilhação, elas corriam para as chamas, friccionando os sexos... Eu ouvia num enlevo as carnes maquilhadas ardendo... a ranger... a ranger... Mas, ainda na tortura, as escravas não tinham um grito, uma queixa... Ai, e a cada seio desmoronado, então, arrepanhava-me um espasmo frio, insatisfeito, doloroso...

Do mesmo modo, na sua infância, Inácio entressonhara mágicos delírios. Porém não sentira nunca a excitação do fogo. Imaginara, ao contrário, beijos de água, carícias de espuma, seios de jaspe assomando à tona do mar, corpos nus em praias desertas — princesas banhando-se sem véus, esquivas, por lagos de cristal...

A dor sempre o aterrara em repugnância. Em toda a sua morbidez havia saúde.

— Você é um homem são, louco — definira uma tarde Fernando Passos.

Ah, mas como outros desejos ondulantes o aproximavam do dramaturgo...

Assim, falando-lhe de certa actrizinha que, pela primeira vez em Lisboa, ousara aparecer num palco de pernas nuas, Vitorino contou-lhe que nas raparigas dos teatros desejara sempre, inutilmente desejara, possuir-lhes a maquilhagem — e os seus laços, as suas lantejoulas, os seus vestidos multicolores.

— Tudo isto enfim, meu querido amigo — dissera-lhe ele por último — todas estas complicações, estas estranhezas mórbidas — se resumem numa palavra: onanismo. Eis o que nós somos, ambos: onanistas completos,

admiráveis. Com efeito, mesmo ao possuímos uma mulher em cópula normal, praticamos um acto de onanista, visto que a possuímos, *não propriamente na sua carne*, mas em alguma coisa mais bela, mais vaga, *mais sexualizada*, que imaginamos para o seu corpo. Os nossos espasmos, regulamos sempre a nossa fantasia. Por mim, esvaio-me apenas no momento que escolhi...

— Tal como eu... tal como eu! — Inácio entusiasmara-se. — Que triunfo!... Desdobramo-nos: e, noutros corpos doutros sexos, somos em verdade nós próprios que nos possuímos ainda!...

— Contudo, não sei — volvera o autor dramático passados instantes — às vezes, de muito longe, receio ter saudades da *saúde*...

O romancista logo se insurgira:

— Mas a saúde não será apenas a ausência da beleza, o vácuo do Novo?... Por minha parte, confesso-lhe que me mantenho cingido de orgulho. E podem mesmo os outros, os tais *outros* eternos, afirmar que a nossa arte (a minha e a do Fernando Passos) é no fim de contas «uma arte de masturbação»! — Pobres pequenos... pobres pequenos... Longe estão eles de adivinhar que essa frase só me pode ser um motivo de glória... Pois — olvidando todos os preconceitos — não será a masturbação a voluptuosidade máxima de Alma; a mais imponderável, visionada e subtil em além? Decerto. Logo, semelhante insulto pretendido por «eles», significa apenas, a *mim*, que a minha Arte se alteia a mais liberta de matéria, a mais aguda e mais total — a Maior... Bons rapazes... Não compreendem que somos tão diferentes deles que o que magoaria a sua sensibilidade bombeira, a sua sensibilidade padrão — sensibilidade de trunfa oleosa, barbichas, lavallière e cachimbo — só pode lisonjear a nossa, opiada e vibrante, cristalina?... E não pressentem que se apontando os nossos excessos, as nossas supostas loucuras, tiverem razão — é que nesse caso amaremos o excesso por ele próprio, a loucura por ela mesma, glorificando-nos ainda com as suas palavras... Ensoberbeço-me das minhas taras — eis pelo que as sofro. Se me repugnassem, não existiriam em mim...

Houve um breve silêncio que Vitorino de súbito cortou, explicando:

— Eu choro pelas coisas mais pequenas... Olhe, quer ver, por isto, patetamente: um hino patriótico que ressoa, um regimento que marcha, uma bandeira que se desfralda... Entretanto, morra-me alguém que eu muito

estime — o meu pai, até — e não me assomará nem uma lágrima... nem sentirei em verdade dor alguma nos primeiros instantes... Só passados alguns dias, olhando cheio de amargura, em saudosos enternecimentos, o seu lugar deserto à mesa, durante o jantar... e a sua bengala na casa de entrada... os seus livros... as suas gavetas... Em mim, a própria sinceridade é imaginação... Que quer?... O onanismo, sempre o onanismo...

E o romancista observara:

— É curioso como nos parecemos... Uma vez, certa rapariguinha indecisa passou tenuemente pela minha vida... Não lhe dei importância no momento... nem sequer a olhei... Apertei-lhe os dedos sem lhos sentir, vi os seus lábios sem me excitar... E mais tarde, quando ela já desaparecera, de súbito, um dia, encontrei-me a desejá-la... sim, a desejá-la nitidamente... a sofrer de saudade...

... Mas foi só depois de terminar a sua frase que, — num grande pasmo secreto — Inácio reparou no que dissera...

«— Então... então... a verdade — pensou logo na manhã seguinte, recordando as palavras da véspera — era essa, irremediavelmente era essa...» Embalde procurara esquecer tudo, não atentar na evolução das coisas pequeninas... Pouco a pouco elas o tinham arrastado para o fim — ao amor, pelo menos ao desejo torturado...

E, em plena consciência *vendo* a realidade pela vez primeira — um doce enternecimento, mais do que nunca impregnante, se pôs a dimana-lo: uma saudade azul-celeste, tão esguia... tão esguia...

Só agora, em nitidez perfeita, começava estranhamente a sentir, por evocação, todos os estados de alma que se tinham sucedido nele após a historieta.

Ai, o episódio não *lhe* acontecera quando *lhe* falava... quando *a* ia esperar à porta do teatro... quando a rapariguinha *lhe* apertava os dedos... Não; ele chegara mais tarde — *chegara só depois de ela ter passado*. Apenas hoje a sentia, apenas hoje a evocava com pesar... Triste amor... triste amor...

Mal a conhecera, e no entanto como *lhe* fizera bem... Ampliara-a... ampliara-a... *Paulette agora vivia no seu mundo interior*. E, muito longe, nas

ruas duma capital perdida ao sul, num país de aventura — alguém sagrado murmurava em carícias o seu nome débil, tão parisiense... esfumava em horizontes distantes, sobre cúpulas de epopeia, o seu perfil inútil — elançado e flexível...

Referida à sua vida, à *vida do Artista* — assim ela estilizava-se perpetuamente a *Áureo*.

Fora até bem melhor nunca a ter beijado. Esbatida — a mágoa vovera-se translúcida, capitosa de frágil, mais sensível, mais vibrátil em delicadeza.

Depois, recomeçou lembrando, em dúvidas, como a atrizinha se lhe escapara... e ei-lo de novo a construir as razões psicológicas da fuga... Arquitectava-as agora iludindo-se voluntariamente, aproveitando apenas os indícios que convinham à interpretação que escolhera. E ao mesmo tempo, concentrando-se em espírito, como que procurava transmitir a sua vontade hipnótica ao passado — isto é: fazer com que as coisas, embora na realidade não tivessem sucedido como ele as dispusera — a partir desse instante comesçassem efectivamente a ter acontecido como ele resolvera...

Nos dias seguintes o seu estado de alma não se modificou. Entanto a sua nostalgia não lhe era de forma alguma um sofrimento estéril. Pois no curso das suas recordações melancólicas, das suas ânsias bruxuleantes — suscitavam-se-lhe imprevistamente maravilhosas ideias literárias...

Também lhe não fizera mal Paulette, fugindo-lhe: ele hoje aprendera a sofrer por uma sombra, — de subtil resgatando-se-lhe a mágoa esquiva a impulsionar o seu génio. Ah, como a personagem de certa novela admirável, do mesmo modo no seu espírito tudo se alterava diluído em literatura — todas as suas dores lhe traziam obras-primas...

E assim, essa noite, vagueando solitário a percorrer a sua angústia, o seu espírito mais uma vez divergira a edificar uma história medonha:

Seria um artista bizarro, destrambelhado e sublime — visionário religioso em que pouco a pouco a adoração mística por Cristo se transformasse numa paixão violenta — uma paixão sexual, tempestuosa, ilimitada... Procuraria fugir-lhe, primeiro em esforços de lucidez — depois, entre exorcismos, cilícios, abstenções amarelas...

Até que essa paixão terrível, acabando de o perder, se lhe volveria numa

tortura infernal — sem desejos já de a sufocar; agora só na rubra impossibilidade de a satisfazer carnalmente...

Enfim, para iludir a sua chama, esse Artista — um escultor — ergueria uma estátua de Cristo, gigantesca, admirável... Erguê-la-ia espasmo a espasmo de alma, em ânsias cinzentas, em despeitos roxos — numa loucura virgulada, trucidante... E, concluída a sua obra imortal, num último estertor de cio — infame, todo nu — lançar-se-ia sobre o bloco de mármore sagrado, esmagando em fúria contra ele, os seus lábios, o sexo erecto... morrendo sobre a estátua — ofegante, mutilado, execrável...

Então Inácio lembrou-se como era estranho que lhe surgisse uma ideia tão bela, mas tão vermelha, tão constelada a ruivo e ametistas, num momento em que apenas evocava em difuso pesar, a figurinha simples de Paulette, na tarde rósea em que ela lhe apertara os dedos, loiramente...

Fosse como fosse, iria construir por certo desse enredo uma das suas maiores novelas — das mais convulsas, fustigando brasa...

... Ah! mas ao mesmo tempo, por transparência oblíqua, numa recordação arqueada, acudiu-lhe a lembrança de alguém que esquecerera por completo: *sim, de súbito, sem saber porquê, encontrou-se recordando na estátua do Cristo poluído — estridentemente o perfil agudo de Étienne Dalembert...*

VI

No dia imediato ainda se lembrou da estranha reminiscência, em verdade bem mais desconchavada do que perturbadora. Com efeito se a sua imaginação volteava todos os pormenores da historiazinha, nunca mais se lembrara de Étienne desde que o sabia definitivamente repellido — nem tão pouco das ternuras que chegara a sentir por ele — visto que bem tranquilo quanto à sua sorte, em nada já o actor o poderia interessar. Deixara de existir em relação a Paulette — logo era como se já não existisse em relação a Inácio...

O seu romance acabava de ser posto à venda. E no entusiasmo que lhe fora sempre o lançamento dum novo volume — esbatera-se-lhe agora toda a sua angústia.

Depois o seu livro imperialmente singular — notável fenómeno entre esta parvalheira artística — *ia sendo quase bem recebido!*

Com efeito, ainda aqueles que menos poderiam compreender ou sentir as suas páginas europeias, todas nuas, tigrinas de brocado, sumptuosas de mistério, verdes-bronze e magenta — reconheciam-lhe a Estrela nas críticas palermas dos jornais.

Os literatos de borra e de café, esses, é claro, entre dentes, rangiam o seu despeito piolhoso de inúteis. Epifânio Góis e Eduardo Borba, por exemplo. O primeiro — mimoso impressionista inédito — nunca perdendo a ocasião de ferir o escritor (sempre em ferroadas indirectas, havia de se lhe fazer essa justiça) se, na mesa próxima, Inácio e o pintor Jorge Pacheco (outra criatura Europeia e vibrante, *civilizada* na sua conversa, na sua arte e na sua vida) entoavam numa infantilidade genial, em miragens de grande existência por cenários de luxo, hinos excessivos a Paris — sonhando repentinas fortunas mágicas, para mais purpureamente lograrem possuir a capital assombrosa... O

segundo, pequenino poeta (hoje, aluno assíduo de Direito) ao contrário, infamezinho apenas, era muito gentil defronte do artista, na sua hipocrisia de prostituta analfabeta e com a sua voz miudinha, seu ar seráfico. Mas, pelas costas, em desforços castrados, adjectivava sempre:

«Esse idiota do Inácio de Gouveia...»

Entanto chegara o mês de Dezembro — e como já nada o prendia a Lisboa, Inácio preparou-se para regressar ao seu Paris.

Movimento, agitação, mudança — eis do que o seu espírito precisava. A todas as suas dores tinham sido estes sempre os melhores bálsamos. De forma que assim como vivera desenastrado, esquecido, durante as primeiras semanas que passara em Lisboa e durante a época em que lançara o seu novo volume — também no mesmo estado psíquico vivia agora, esperando a manhã da partida: estado de alma que se lhe prolongaria decerto nos primeiros instantes de Paris, revendo os Boulevards, as Praças aristocráticas; e os grandes Cafés, os grandes Music-halls — os próprios vagos amigos que lá tinha: frisantemente, Horácio de Viveiros.

Contudo, foi só no começo do ano que regressou à Cidade.

Ah! como outrora sonhara este ideal de poder sair livremente de Paris, seguro de nunca mais O perder — *de que o regresso dependeria apenas da sua vontade...* E com que ternura se encontrava hoje de novo no seu quarto banal de hotel modesto, mas ainda nessa vulgaridade tão interessante: pois era o quarto de hotel, característico, tradicional de Paris, que desde crianças vemos nas gravuras dos romances populares: com o seu fogão, e sobre ele, o seu relógio em redoma, os seus dois castiçais — o «parquet» encerado — na janela, os reposteiros de cretone, às ramagens...

Nos dias seguintes, algumas vezes — à tarde, pelas cinco horas, conforme o seu velho hábito — voltou ao atelier de Manuel Lopes. Mas os chás estavam agora pouco concorridos — e quase tudo outra gente, deste ano.

Horácio de Viveiros — não se sabia bem porquê, — achara uma colocação magnífica. Era actualmente secretário-geral da nova empresa das Folies-Bergère. Tinha com efeito abandonado a música — entretanto, como o seu lugar pertencia a um teatro, e a um teatro de Paris, o resto pouco importava. A música, no fundo, nunca fora nele mais do que um pretexto

para viver no teatro. Por isso estava hoje radiante. Aquele, sim, *vencera*...

Duas ou três noites após o seu regresso, no célebre music-hall, lá assistia o novelista — por lembrança do seu amigo e, graças a ele, com entrada de favor — à última representação duma opereta, insulsa à austríaca, à qual ia suceder a grande revista de Inverno.

Tomava parte no espectáculo Paulette em um pequeno papel. As duas irmãs tinham contrato no estabelecimento da Rua Richer para toda a estação. E Paulette vivia agora pela primeira vez com um amante: o actor fantasista Daniel Simond, seu colega desde a Comédie-Royale.

Tudo isto sabia Inácio vagamente por Viveiros, — assim não se atrevendo a ir às Folies tão cedo, se não fora o pedido do músico.

Sentado no seu fauteuil, mal o pano se ergueu, logo um arrepio o dimanou. Sem dar atenção ao que se dizia no palco, espiava todas as actrizes na ânsia de distinguir Paulette, transviadamente receando já não a conhecer — *embora lhe lembrassem bem as suas feições*... E, de facto, em cada nova figurante que aparecia a julgava descobrir... Quando a irmã entrou em cena, corou como se fosse ela... Mas só no fim do acto, num grupo de banhistas, Paulette surgiu. Vinham quase todas de pernas nuas. *Ela trazia maillot*...

No intervalo foi à «caixa» falar a Viveiros. Este, casualmente, apresentou-lhe Daniel Simond.

Tendo-se afastado o actor, o músico disse-lhe:

— A Paulette já tem ordem com certeza para não te falar... e ao Dalember, que também está aí... Coitado, o Simond sabe que vocês a namoriscaram em tempo... Vai hoje passar uma noite terrível... Ele demais a mais que tem tão pouca sorte... É um desgraçado... Todas lha pregam!...

Ao segundo intervalo, no salão, Inácio encontrou-se com Étienne. Ainda não o tinha visto depois do seu regresso. Apertaram-se as mãos efusivamente, — falaram alguns minutos... deram-se as boas noites...

«— Era extraordinário, na realidade era muito extraordinário — ia pensando o artista ao caminhar sozinho para casa, a pé — como ele sofrera, *como ele quase sofria ainda*, por uma criaturinha tão obscura... tão pequena... tão pouca coisa... Uma figurante banal de revista, nem linda sequer... A irmã, por exemplo, essa, além de formosa, estava lançada... seria uma «estrela» de

music-hall, dentro em pouco... E era a mais nova das duas... Só a ela a outra devia os seus contratos... Coitadita... vira subir a irmã tão depressa, e ela ficara sempre na mesma situação apagada... De resto, agora é que ela estava bem... Achara o amante que lhe convinha... esse baixo pelotiqueiro...

... E contudo, da sua pequenez, fizera-o sofrer a ele — tão grande... Ainda assim... Pobre amor... pobre amor...

«Mas não havia dúvida... não havia dúvida... ele fora alguma coisa na vida da rapariguinha, entretanto... (Ai, quem sabe até se ela o chorara... ao deixá-lo perder... arrependida...) Fora alguma coisa — a prova é que a tinham proibido de lhe falar... a ele e a Étienne... era verdade, *a Étienne igualmente*... Já se esquecera de Étienne... *encontrara-o essa noite nas Folies...*»

A irmã, vira-a Inácio... A garota reconhecera-o por sinal com uma exclamação de surpresa... falara-lhe muito sorridente... *E de súbito, sem saber porquê, duvidando, o escritor lembrou-se se essa exclamação, esses sorrisos, não teriam sido antes de Paulette...*

Mas Paulette nem a encontrara ele... O amante fechara-a no camarim, decerto... por sua causa... *e por causa do outro... ah... também...*

Chegou ao hotel. Deitou-se. Dormiu num sono intranquilo até de manhã...

«— Era estranho... Os olhos de Paulette tinham mudado muito... eram hoje maiores... *pelo menos era maior a sombra que projectavam...*»

... E, pouco a pouco, em misticismo cendrado, assim lhe volveram todas as ternuras, todas as melancolias...

Vagueava pelos Boulevards essa tarde, quando alguém o chamou da terrasse do Americano. Era Dalembert. Sentou-se junto dele. Pediu um aperitivo... Conversaram muito, até às sete horas... Depois, separaram-se...

Inácio sentia-se magoadamente jubiloso, numa esquisita e inexplicável suavidade...

As colunas Picard anunciavam, em grandes cartazes, para dali a duas noites, a primeira da nova revista das Folies-Bergère. Em grandes letras, os nomes de Rose Doré e Daniel Simond. Em pequeninos caracteres, Paulette —

a última mencionada...

Todas as tardes agora, no Americano, Inácio e Étienne se reuniam — experimentando o romancista uma viva contrariedade se acaso o actor faltava, o que raro acontecia. Às vezes porém vinha com o músico. E então, coisa estranha, em face de Viveiros, o escritor sentia como que um vago e inexplicável constrangimento...

Inácio evitava sempre que Étienne pagasse as bebidas, receando muito que esse dinheiro lhe fizesse falta. E, numa ternura compadecida, olhava o seu sobretudo leve naquele Inverno rigoroso... reparava que ele trazia sempre a mesma gravata...

Nessa noite o romancista foi ao novo espectáculo das Folies. *Paulette aparecia agora, no primeiro quadro, de pernas nuas...*

... Quando tinha ido à «caixa» procurar Viveiros, encontrara-o com Dalembert...

Certa manhã, bruscamente, mal acordou, lembrou-se pela primeira vez como era estranha a sua atitude e a de Étienne quando os dois conversavam... Não se olhavam nunca face a face... falavam sempre... *Era como se tivessem medo do seu silêncio...*

Nessa tarde o músico apareceu no Americano, e convidou-os para jantar. Tanto insistiu que aceitaram.

E, ao café, de repente:

— É verdade — disse-lhes — ainda os não confessei... Vocês foram rivais, pelo menos foram «sucessores»... Hoje, entretanto, ei-los grandes amigos... Vamos... já passou tempo... digam-me as vossas impressões... Ela roeu-vos a corda, a ambos...

Étienne começara a responder. Inácio não entendia as suas palavras... Embora tivesse a força de ocultar exteriormente a sua agitação, um violento arrepio lhe corria todo o sangue...

Só minutos depois pôde ouvir — ou melhor: adivinhar em bruma — as frases com que o actor saudosamente acabava:

— ... porque eu gostei muito dela... pensei muito nela... penso ainda, talvez... A irmã é que é bonita — mas então, da outra é que eu gostava... Estas coisas sentem-se; não se sabem explicar... Quer dizer: procurando bem, acham-se os motivos, sempre... Tenho as melhores recordações... as melhores... Se ela quisesse, ainda hoje — estava pronto a aceitá-la...

— E tu?... — perguntou-lhe Viveiros após um instante.

Sem poder evitar um súbito rubor, Inácio apenas voltou:

— Direi tudo numa novela... no meu próximo volume...

— É uma resposta muito justa — observou Dalember. — Certas coisas escrevem-se bem mais facilmente do que se dizem...

«— Ah! era pois essa a verdade... enfim: a verdade!... *Por isso eles andavam sempre juntos...* Do mesmo modo a rapariguinha passara na vida de Étienne... do mesmo modo permanecera... Também o outro pensava ainda nela... sofria ainda por ela, talvez... decerto!... E se ela quisesse, oh! estava pronto a recebê-la... Mas também ele! também ele... também ele!...»

Então, mais do que nunca conscientemente, se venceu no romancista toda a sua ternura pelo actor, — singular e capotosa, subtil de crispada.

É que esse, na realidade, melhor do que nenhum outro o poderia compreender: igualmente fremira... fora igualmente sensível... *Lembrava-se também, por exemplo, que só a irmã era bonita...*

Correram alguns dias.

Cada vez Inácio mais se embrenhava no seu quebranto, a pensar muitas horas naquela frase de Étienne: «Estas coisas sentem-se, mas não se sabem explicar. Quer dizer: procurando bem, acham-se os motivos, sempre...»

Por certo... por certo...

Assim — nele — ai, bem pequenas razões essas: Paulette apertara-lhe os dedos uma tarde — a primeira, em audácia — e fugira-lhe depois... as suas mãos eram garridas, mordouradas... gentil a sombra dos seus olhos... miúdos os seus passos desatentos... suave e ténue o oscilar daqueles seios

pequeninos... tão humilde toda...

E o mesmo, quase o mesmo sem dúvida, enternecera o actor. É sempre assim, de resto: um sorriso, um olhar, uma voz, uma madeixa...

Agora, sentados em face um do outro, começavam a ter longos instantes silenciosos. A melancolia de Étienne era também evidente.

Sem nunca aludirem à historieta comum — em erro, parecia contudo a Inácio que já mais duma vez tinham falado de Paulette:

Apesar de silenciosos, cada um saberia muito bem, saberia demais, o que se passava na alma do outro. Por isso hoje ambos se calariam sem já tentar esconder-se...

Uma tarde, em frente deles, passou uma rapariga cuja silhueta se esfumava como a de Paulette, cujo rosto moreno tinha um ar de semelhança com o da actrizinha. O novelista avistara-a primeiro — não despregando os olhos dela que parara defronte da montra dum ourives.

E Étienne, ao descobri-la após momentos:

— Muito interessante aquela pequena, não acha?...

Esta comunhão de sensações — ou real, pelo menos em parte, ou totalmente imaginária — só fazia aumentar o enternecimento mútuo. Porque Dalemberst devia sentir de facto iguais ternuras pelo seu companheiro. *Mesmo, não podia deixar de ser assim.* O actor agora não faltava nunca. E não se encontravam só todas as tardes, como ao princípio — passavam também muitas noites juntos...

Em suma, fosse como fosse, Inácio já não tinha um pensamento acerca de Paulette que o não atribuísse logo ao outro, igualmente. E todas as expressões magoadas de Étienne, todos os seus suspiros — até muitas das suas palavras vagas, ele as referia à tristeza comum.

... Aliás, nas suas conversas banais, tantas vezes se encontravam a sentir paralelamente...

A raras horas, indeciso, o escritor ainda se lembrava, de muito longe, se tudo isto não seria uma irrealdade. Mas nesses momentos só lhe descia uma grande piedade cariciosa por si próprio. E pensava que o certo era que ele fora sempre uma criança... *não poderia sequer ser outra coisa na vida senão uma criança...*

E, então, todas as ternuras que experimentava pelo actor as transferia a si próprio — com um desejo infinito de se beijar sobre os lábios, nos espelhos...

— Ah, é verdade, sabem que a Paulette já não está com o Simond?... — anunciara-lhes Horácio certa noite. — Passou-se para um dançarino mexicano, invertido e «souteneur»... Com aquela cabecinha, há-de ir longe... Ela gosta de todos...

E algumas semanas depois, de novo referindo-se a Paulette:

— Não lhes dizia eu? Coitada, está perdida... As drogas têm dado cabo dela... O éter, a cocaína... e a fornicção... Vocês já lhe repararam nos olhos?...

Um enclavinamento sexual viera arrepanhar desta maneira a tortura de Inácio:

«Pobrezinha... pobrezinha... Da sua pequenez, entanto, tinha a coragem de arder... de se entregar à chama audaciosamente... toda nua... *E gostava de todos...*»

Mas, esta excitação, o romancista não a sabia destrinçar das suas ternuras por Étienne. Dentro dele estes dois sentimentos, em realidade, confundiam-se, *eram da mesma ordem* — adivinhava sem querer dar atenção. A ponto que hoje, se pensava na rapariguinha, logo de súbito lhe ocorria a lembrança do actor...

Agora, num quadro novo da revista, Paulette mostrava os bicos dos seios — e trazia, premeditadamente, em todos os papéis, meias que chegavam só até aos joelhos, para se lhe verem sempre as coxas nuas...

*

* * *

Assim se passaram dois meses.

Arruivadamente a ternura de Inácio se fora esbraseando durante eles. E dia a dia aumentara a sua intimidade com o actor. Dalemberth tinha-se mudado há pouco para o seu hotel. Agora tratavam-se por tu; jantavam todas as noites no mesmo restaurante...

Essa manhã, Horácio de Viveiros encontrando-os ao almoço, informou-os de súbito que Paulette estava muito doente: «As drogas, bem entendido, — e a pândega.» Já não representava há duas noites...

Três semanas mais tarde, a rapariguinha morria.

Ah! como exprimir a estranha dor que arrepiou Inácio ao saber da sua morte. Não foi um pesar, não foi uma saudade — foi isto só: uma *inveja* misteriosa, um despeito sensual... um ciúme... um verdadeiro ciúme!... Com efeito, ao darem-lhe a notícia da morte de Paulette, *sentira como que um espasmo a esvai-lo roxamente...*

«— Tivera pois o génio de arder até ao fim — morrerá!» E esta ideia excitara-o como se lhe viessem contar que ela hoje dançava, de sexo nu, num grande teatro vermelho...

A morte de uma rapariga de vinte anos parecera-lhe sempre uma última audácia, um último requinte — mais um deboche de capricho platinado...

Eis pelo que, decerto, o romancista vivera os dias imediatos numa longa excitação sexual, nevoidamente — como nunca se lhe frisando o seu enternecimento por Étienne, em desejos quase decisivos de o beijar, para melhor lhe exprimir todo o seu carinho...

Do mesmo modo não fora natural a atitude do actor nessa época. Nimbaralhe o rosto uma grande tristeza — mas simultaneamente, uma agitação febril lhe avermelhara as faces, provocando-lhe súbitas contracções nervosas. Tremia-lhe a voz, e não ousava encarar o seu amigo frente a frente...

No entanto, algumas semanas decorridas, ambos se acalmaram — e apenas lhes restou uma densa melancolia, uma piedade inútil por tudo o que passara... fugaz e célere...

A bem dizer, só hoje Inácio sentia a morte de Paulette. E tinha tanta pena da atrizita... Ela era tão pouca coisa, mesmo na sua morte... Pobre morte duma garota de Paris mostrando as pernas nuas num palco de music-hall, indistinta entre a chusma...

Ele próprio mal dava pela sua falta...

Como era pequenina aquela ausência...

As pequenas ausências...

Ah... também o outro aludira a elas, definindo-lhe a mágoa que uma vez sofrera com a morte dum cão — um lindo bicho engraçado e agudo...

... E fora assim que, enastrando-se, contorcendo-se — volvido capitoso sem remédio, aumentara momento a momento o sortilégio crispado...

Ao princípio, com efeito, unira-os uma comunhão de coisas gentis que se acumulavam apenas em torno dalguém que existia — *que era uma realidade*. Ao passo que hoje, compungida, essa gentileza ondulava em redor duma saudade — mais subtilmente, portanto; mais impregnadamente, num torpor mais sensível.

Agora, raras palavras murmuravam já; horas sem fim viviam de olhos absortos em face um do outro.

Muitas vezes davam longos passeios pelos boulevards afastados, caminhando silenciosos, lentamente, em passos automáticos...

E todos os gestos de Étienne, os espiava o romancista — *como sempre referindo-os logo ao estado de alma comum...*

Uma tarde, nesta vagabundagem, encontraram-se de súbito, sem saber como, no cemitério de Montparnasse.

— Porque teriam entrado ali, eles, que tinham tanto medo dos cemitérios?...

Ai, sem dúvida para se lembrarem melhor da morta — da rapariguinha esquiva que também, uma tarde de sol, *entrara* num cemitério de Paris...

Uma sombra, um silêncio, a cor dum céu, o perfume duma brisa, um raio de luar, as gargalhadas duma criança; certos timbres, certas luzes — uma multidão de pequeninas coisas incoerentes — a recordavam a Inácio. E nesses instantes o escritor, se olhava Étienne, descobria também no seu rosto uma expressão sonhadora, magoadamente dolorida, melancólica em saudade...

... Até que um dia, sem saberem como, os seus corpos nus, masculinos, se entrelaçaram...

E então foi a Vitória, nesse abraço limpo, unissexuado — o triunfo impossível que *um deles* entressonhara outrora... o êxtase-fantasma vencido imponderavelmente, e absoluto...

Além-Ressurreição! Ultra-Realidade só a Alma! Fora — *em Milagre sentiu o artista* — como se no mútuo desdobramento psíquico da Saudade comum, a força sexual de ambos, astralmente, lograsse, conjugada, ressuscitar entre os seus corpos — para *A* esvaír — Paulette, ela-própria, toda nua e subtil, arfando luar...

Ah! e em face da visão erguida, maravilhosa — laivos d'Oiro! — tudo se desmoronou de grandeza: tudo o espectro havia purificado...

Sim! O Artista não triunfara só estatuificar a Saudade comum e emaranhá-la ruiva... Diademara mais! Diademara mais!... Num instante *pela primeira vez total*, possuía! possuía enfim exclusivamente — e em Íris: limpo de Ser, num êxtase de Auréola... lá longe... no espaço... muito longe... sideralmente, a leonino...

Lisboa, Janeiro-Março de 1914.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO



Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)

«Mas hoje já não sei com que sonhos me robustecer. Acastelei os maiores...
eles próprios me fartaram: são sempre os mesmos — é impossível achar
outros...»